

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES**

TATIANA SOARES DORNELLES

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA ESCOLA: UM OLHAR A PARTIR DA FOTOGRAFIA

**FLORIANÓPOLIS
2023**

TATIANA SOARES DORNELLES

**EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA ESCOLA: UM OLHAR A PARTIR DA
FOTOGRAFIA**

Projeto de pesquisa apresentado ao
Programa de Mestrado Profissional em
Artes (PROF – Artes), da Universidade do
Estado de Santa Catarina (UDESC), como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Artes.
Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina da
Rosa Fonseca da Silva

FLORIANÓPOLIS

2023

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Central/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Dornelles, Tatiana Soares
Educação Estética na Escola: Um olhar a partir da
fotografia / Tatiana Soares Dornelles. -- 2023.
166 p.

Orientadora: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa
de Pós-Graduação Profissional em Artes, Florianópolis, 2023.

1. Fotografia. 2. Arte. 3. Pedagogia Histórico-Crítica. 4.
Ensino de Fotografia . 5. Ensino de Arte. I. Fonseca da Silva,
Maria Cristina da Rosa . II. Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Artes. III. Título.

TATIANA SOARES DORNELLES

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA ESCOLA: UM OLHAR A PARTIR DA FOTOGRAFIA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF – Artes), da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Orientador: Prof. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

BANCA EXAMINADORA

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina
Orientadora

Membros:

Otavio Fabro Boemer
Universidade do Estado de Santa Catarina
CEART – Avaliador interno

Maria Lucila Horn
Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte – NEFA
Avaliadora externa

Florianópolis, 31 de maio de 2023.

Aos amantes da Arte e aos apaixonados
pelos momentos eternizados através da
Fotografia!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esboço para câmera escura feito por Leonardo da Vinci.....	30
Figura 2 - Daguerreótipo: primeiro equipamento fotográfico fabricado em escala comercial da história. Criado em 1837 por Louis Jacques Mandé Daguerre e fabricado por Alphonse Giroux. Acervo: galeria Westlicht, em Viena	32
Figura 3 - Autorretrato de Vincent Van Gogh. Dimensões: 65 cm x 54 cm. Acervo do Museu de Orsay, Paris, França	37
Figura 4 - Reprodução da obra Ponte Japonesa (1899), de Claude Monet	38
Figura 5 - Foto da ponte que foi representada em obras por Monet. Foto: Fernando Grilli	38
Figura 6 - Reprodução da obra A Alcoviteira (1656), de Jan Vermeer. Dimensões: 143 x 130 cm. Acervo: Pinacoteca dos Mestres Antigos, em Dresden, Alemanha.....	41
Figura 7 - Exemplo de uma câmera escura	43
Figura 8 - Cena do filme A Moça com brinco de pérolas, em que Jan Vermeer mostra a câmera escura	44
Figura 9 - Obra do pintor Jan Vermeer e releitura fotográfica de Tom Hunter.	45
Figura 10 - Fotografia Mulher lendo uma carta de posse, de Tom Hunter	46
Figura 11 - Fotografia de Sebastião Salgado	47
Figura 12 - Fotografia de Claude Batho, 1977	49
Figura 13 - Fotografia de Claude Batho, 1977	50
Figura 14 - Demerval Saviani.....	53
Figura 15 - Leitura do texto Fotografia: o mundo visto pela lente, do livro didático Arte por toda a parte, editora FTD, capítulo 5 A arte em sua forma, a forma em sua arte, página 215	72
Figura 16 - Texto Fotografia: o mundo visto pela lente, do livro didático Arte por toda a parte, editora FTD, capítulo 5 A arte em sua forma, a forma em sua arte, página 215.....	73
Figura 17 - Reprodução da obra Vocação de São Mateus (1599-1600), de Michelangelo Merisi Caravaggio. Dimensões: 340 x 322 cm. Acervo: Igreja São Luis dos Franceses, em Roma.....	74

Figura 18 - Reprodução da obra Narciso (1594-1596), de Michelangelo Merisi Caravaggio. Dimensões: 110 x 92 cm. Acervo: Galeria Nacional de Arte Antiga, em Roma.....	74
Figura 19 - Reprodução da obra Autorretrato (1660), de Rembrandt Harmenszoon van Rijn. Dimensões: 80,3 x 67,3 cm. Acervo: Metropolitan Museum of Art, Nova York.....	75
Figura 20 - Primeira fotografia do mundo, intitulada "Vista de Le Gras a partir de uma Janela", realizada por Joseph Nicéphore Niépce, em 1826	76
Figura 21 - A primeira maior câmera fotográfica do mundo, criada pelo fotógrafo e pesquisador George Raymond Lawrence.....	77
Figura 22 - Fotografia realizada pela câmera Mamute da locomotiva "The Alton Limited"	78
Figura 23 - Alunos na sala multimídia para ver o vídeo "Quem inventou a fotografia? Como a imagem é capturada?", do canal do Youtube "Invenções na História".	78
Figura 24 - Câmeras fotográficas das décadas de 80, 90, anos 2000 e atuais.....	80
Figura 25 - Câmeras fotográficas das décadas de 80, 90, anos 2000 e atuais.....	80
Figura 26 – Primeiro esquema no quadro sobre o avanço da tecnologia na fotografia	81
Figura 27 - Esquema melhorado no quadro sobre o avanço da tecnologia na fotografia.....	81
Figura 28 - Aluno "fotografando" com câmera analógica	82
Figura 29 - Aluna conhecendo o negativo do acervo da professora	83
Figura 30 - Explicação sobre os tipos de fotografia, com anotações no quadro à medida que os alunos foram lembrando.....	86
Figura 31 - Fotografia O Barquinho, de paisagem/viagem, feita em São Francisco do Sul pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.	87
Figura 32 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	88
Figura 33 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	88
Figura 34 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	89

Figura 35 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles durante viagem aos Estados Unidos. Acervo: arquivo pessoal.....	89
Figura 36 - Fotografia Raios, de fenômenos naturais, feita em Laguna pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	90
Figura 37 - Fotografia Em meio ao concreto, fotografia macro, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	90
Figura 38 - Fotografia O soprar da infância, fotografia macro, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	91
Figura 39 - Fotografia A mosca, fotografia macro, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	92
Figura 40 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	93
Figura 41 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	93
Figura 42 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	94
Figura 43 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	94
Figura 44 - Fotografia do Projeto Pura Infância, abordando as diferenças, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	95
Figura 45 - Fotografia do Projeto Pura Infância, abordando as diferenças, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	95
Figura 46 - Fotografia do Projeto Pura Infância, abordando as diferenças, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	96
Figura 47 - Fotografia do Projeto Geração Pandemia, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	96
Figura 48 - Fotografia do Projeto Geração Pandemia, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	97
Figura 49 - Fotografia do Projeto Geração Pandemia, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.....	97
Figura 50 - Cena do filme O pior vizinho do mundo (2022). Extraída do TikTok.	98
Figura 51 - Cartum do artista estadunidense Gary Varvel, que questiona o papel do fotógrafo.....	99

Figura 52 - Fotografia de Sebastião Salgado	100
Figura 53 - Fotografia de Sebastião Salgado	100
Figura 54 - Fotógrafo Sebastião Salgado.....	101
Figura 55 – Fotografia de Claude Bartho, O Sofá, 1972. Acervo: Museè Nicéphore Niépce.....	101
Figura 56 - Fotografia de Claude Bartho, A foto do pai, 1977. Acervo: Museè Nicéphore Niépce.....	102
Figura 57 - Fotografia de Claude Bartho, A nova esponja, 1980. Acervo: Museè Nicéphore Niépce	103
Figura 58 - Fotografia de Claude Bartho, A chaleira, 1972. Acervo: Museè Nicéphore Niépce.....	104
Figura 59 - Fotografia feita por uma aluna	106
Figura 60 - Fotografia feita por um aluno	107
Figura 61 - Fotografia feita por uma aluna	107
Figura 62 - Fotografia feita por uma aluna	108
Figura 63 - Fotografia feita por uma aluna	108
Figura 64 - Planos de câmera que entreguei para os alunos	110
<i>Figura 65 - Saída com os alunos pela escola para praticarem o enquadramento com o uso de um papel A4 com um retângulo cortado ao meio.....</i>	111
Figura 66 - Saída com os alunos pela escola para praticarem o enquadramento com o uso de um papel A4 com um retângulo cortado ao meio.....	112
Figura 67 - Figura 25 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar.....	113
Figura 68 - Foto do funcionário da escola na atividade de enquadramento feita por um aluno	113
Figura 69 - Após a fotografia, o funcionário da escola foi desenhado pelo aluno ...	114
Figura 70 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar	114
Figura 71 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar	115
Figura 72 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar	115
Figura 73 - Slide com trecho da letra da música Cotidiano, de Chico Buarque, feito pela professora	118

Figura 74 - Relato escrito por um aluno sobre o seu dia a dia, conforme atividade solicitada.....	120
Figura 75 - Slide resumido sobre o artista Jan Vermeer, feito pela professora.....	122
Figura 76 - Reprodução da obra O Astrônomo (1668), de Jan Vermeer. Dimensões: 50,16 x 45,72 cm. Acervo: coleção particular.	122
Figura 77 - Reprodução da obra O Estúdio do Artista (1660/1665), de Jan Vermeer. Dimensões: 129,54 x 111,12 cm. Acervo: Museu Kunsthistorisches, Viena.	123
Figura 78 - Reprodução da obra Moça lendo uma carta à Janela (1657), de Jan Vermeer. Dimensões: 83 cm x 64,5 cm. Acervo: Pinacoteca dos Mestres Antigos, Dresden.	124
Figura 79 - Cupido foi revelado após um longo período de restauração e a pintura foi reapresentada para exibição pública em 2021	125
Figura 80 - Comparação antes e depois da restauração, onde é possível ver o quadro com cupido	125
Figura 81 - Slide resumido sobre o fotógrafo Tom Hunter, feito pela professora	127
Figura 82 - Fotografia O Antropólogo, feita por Tom Hunter. Imagem disponível no próprio site do fotógrafo	127
Figura 83 - Fotografia A Arte de Agachar, feita por Tom Hunter. Imagem disponível no próprio site do fotógrafo	128
Figura 84 - Figura 38 - Fotografia Mulher lendo ordem de Posse, feita por Tom Hunter. Imagem disponível no próprio site do fotógrafo	129
Figura 85 - Slide com o autorretrato de Vermeer e de Tom Hunter, feito pela professora.....	130
Figura 86 - Obra O Geógrafo, de Vermeer, e fotografia O Antropólogo, de Tom Hunter, slide feito pela professora	130
Figura 87 - Obra A Arte de Pintar, de Vermeer, e fotografia A Arte de Agachar, de Tom Hunter, slide feito pela professora	131
Figura 88 - Obra Moça lendo uma carta à Janela, de Vermeer, e fotografia Mulher lendo uma ordem de posse, de Tom Hunter, slide feito pela professora	131
Figura 89 - Entrevista feita por uma aluna sobre o cotidiano de seu irmão.....	133
Figura 90 - Foto feita pela aluna, com o entrevistado sobre o dia a dia	134
Figura 91 - Foto feita por uma aluna, com o entrevistado sobre o dia a dia.....	134

Figura 92 - Foto feita por um aluno, com o entrevistado sobre o dia a dia.....	135
Figura 93 - Saída dos alunos pela escola para fotografar.....	136
Figura 94 - Saída dos alunos pela escola para fotografar.....	137
Figura 95 - Saída dos alunos pela escola para fotografar.....	137
Figura 96 - Relato 1 sobre a saída a campo	138
Figura 97 - Relato 2 sobre a saída a campo	139
Figura 98 - Relato 3 sobre a saída a campo	139
Figura 99 - Relato 4 sobre a saída a campo	140
Figura 100 - Relato 5 sobre a saída a campo	140
Figura 101 - Relato 6 sobre a saída a campo	141
Figura 102 – Relato 7 sobre a saída a campo.....	142
Figura 103 - Fotografia tirada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Como chego?	144
Figura 104 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Café dos professores. Segundo o estudante, inspirada na fotografia de Claude Bartho, A chaleira.....	144
Figura 105 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Plantas em reflexos	145
Figura 106 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Flor de concreto	146
Figura 107 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída a campo. Título: Da janela	146
Figura 108 – Fotografia realizada pelos alunos durante saída a campo. Título: Luz solar	147
Figura 109 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída a campo. Título: Eis a questão: reflexo ou reflexão?. Segundo o estudante, inspirada na Fotografia de Claude Bartho, A foto do pai.....	147
Figura 110 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: A fonte	148
Figura 111 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: Leia-me!	149
Figura 112 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: Natureza emoldurada.....	149

Figura 113 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: Onde queria estar.....	150
Figura 114 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: Proibido riscar.....	150
Figura 115 - Fotografias dos alunos impressas pela professora	151
Figura 116 - Montagem da exposição	152
Figura 117 - Exposição de fotografias.....	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Plano das aulas 1 e 2.....	70
Quadro 2 - Plano das aulas 3 e 4.....	84
Quadro 3 - Plano das aulas 5 e 6.....	105
Quadro 4 - Plano das aulas 7 e 8.....	116
Quadro 5 - Letra completa da música Cotidiano, de Chico Buarque (1971)	118
Quadro 6 – Transcrição do relato de um aluno sobre o seu cotidiano	120
Quadro 7 - Plano das aulas 9 e 10.....	132
Quadro 8 – Transcrição do relato 1	138
Quadro 9 - Transcrição do relato 2.....	139
Quadro 10 - Transcrição do relato 3.....	140
Quadro 11 - Transcrição do relato 4.....	140
Quadro 12 - Transcrição do relato 5.....	141
Quadro 13 - Transcrição do relato 6.....	141
Quadro 14 - Transcrição do relato 7.....	142
Quadro 15 - Plano das aulas 11 e 12.....	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT	Admitido em caráter temporário
Ceja	Centro de Educação de Jovens e Adultos
EEB	Escola de Educação Básica
IAs	Inteligências artificiais
MPB	Música Popular Brasileira
Prof-Artes	Programa de Mestrado Profissional em Artes
PHC	Pedagogia Histórico-Crítica
SC	Santa Catarina
UniSul	Universidade do Sul de Santa Catarina
Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

A cada conquista devemos agradecer àqueles que estiveram envolvidos, direta ou indiretamente. Por isso, meus sinceros agradecimentos vão para todas as pessoas que me ajudaram neste passo importante da minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família: aos meus pais, Tânia e Rogério, por sempre me incentivarem a estudar e não desistir nunca e, mais ainda, por me fazerem conhecer e gostar, desde a infância, do mundo da arte. Foram eles que me ensinaram a ler história em quadrinhos e me colocaram em aulas de balé clássico, jazz, teatro, coral, teclado, fazendo-me apaixonar por arte. Com meu pai, desenhista de mão cheia, aprendi a apreciar esta técnica e rabisquei alguns rascunhos, os quais tenho até hoje.

Ao meu marido, Max Willian, que me aguentou em momentos de intenso estresse, choros e desesperos enquanto me “atolava” em aulas e trabalhos do mestrado, em organização de planejamentos de aulas para minhas duas escolas, divididas em 40h e 40 aulas semanais e nas correções das 16 páginas diárias do jornal impresso que trabalho. Entre gritos, choros e estresses, salvaram-se todos. Meu imenso agradecimento, Mozão, por toda a paciência nesse período.

Aos meus filhos gêmeos, Elton e Tael, que também sofreram um pouco com minhas loucuras e, pacientemente, apenas ouviam. Eu os amo mais que tudo. À minha pequena ruiva Lara, que muitas vezes queria minha atenção e, por estar estudando, não podia dar, mas que ficava em silêncio quando a mamãe dizia que precisava se concentrar ou que estava em aula. Você é minha princesa mais linda.

À minha irmã, Tamara, que, mesmo bem mais nova que eu, é apoiadora em meus sonhos mais loucos e em minhas escolhas.

À minha tia e madrinha (na verdade, segunda mãe), Vera, que além de me apoiar em muitos momentos da minha vida, é a primeira pessoa que procuro para opinar sobre minha vida acadêmica. Sem esse apoio, certamente, teria desistido ainda no projeto para entrar no mestrado. Foi com ela que troquei muitas ideias e com quem, nos momentos mais estressantes, me acalmei.

Não poderia deixar de citar aqueles que não estão mais neste plano, mas que foram incentivadores durante toda minha caminhada: meus avós Nilza e

Anselmo e Ary e Terezinha (todos, in memoriam). Minha avó Nilza sempre dizia: “Batatinha, tua maior riqueza e herança é o estudo”.

À minha cachorrinha Pulguinha, que depois de 13 anos – e sempre sentada perto de mim enquanto eu estudava -, deixou nossa família para virar estrelinha, na reta final deste mestrado. A dor foi grande e resta a saudade dos teus latidos!

Claro que preciso agradecer imensamente às pessoas que procurei para tirar dúvidas quanto ao mestrado. À minha “orientadora de vida”, Darlete Cardoso, que foi minha orientadora da faculdade de Jornalismo, da especialização em História da Arte e da especialização em Jornalismo para Editores, e me incentivou a encarar esse desafio do mestrado. Você sempre será minha mestra!

À minha ex-colega de jornal e revisão Camila Borges, que me deu várias dicas de como fazer o projeto e encarar a prova de arguição. Foram muitos áudios e áudios incentivadores antes de me inscrever para o programa. Aos colegas do jornal Diário do Sul, onde atuo desde 2011, e aos meus clientes de fotografia, por toda a experiência que absorvi durante os trabalhos realizados.

Agradeço ainda aos colegas de mestrado que entraram nesse “navio” junto comigo e pelas trocas no grupo de WhatsApp. Em especial à colega e amiga Keli Salvan, afinal, foram muitas as conversas, desabafos de desespero e trocas de experiência que tivemos ao longo desses anos de mestrado.

À professora Giovana Bianca Darolt Hillesheim, primeira pessoa da UDESC que procurei antes mesmo de me inscrever e mandar o projeto para o mestrado, e atenciosamente respondeu as minhas dúvidas. A você, meu mais sincero obrigada.

Aos meus alunos da EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, que se aplicaram nas aulas sobre o tema e surpreenderam nas imagens feitas na aula prática de foto, demonstrando que um novo olhar, mais crítico e detalhado, sobre as coisas pode ter reflexão sobre a vida e o meio em que vivem.

Ao Clube de Fotografia, onde muito aprendi sobre o tema com todos os membros durante os encontros on-line e ao Grupo de Estudos PHC, cujo conhecimento compartilhado muito ajudou durante todo o processo.

À equipe diretiva e aos colegas de profissão das minhas escolas: EEB Teresa Martins Brito (minha escola-mãe) e EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, que, quando precisei, me liberaram para que eu pudesse realizar algumas etapas do mestrado, bem como para realizar a proposta pedagógica com os alunos. E, claro, à minha ex-escola EEB Professora Gracinda Augusta Machado, onde tudo começou,

com um link sobre a inscrição do mestrado no grupo de WhatsApp. Esse foi o primeiro impulso para concretizar esta etapa na minha vida.

Um agradecimento especial à minha banca examinadora, professor doutor Otavio Fabro Boemer e professora doutora Maria Lucila Horn, que aceitaram o convite para participar deste momento tão importante na minha jornada.

À minha orientadora, professora doutora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, que ensinou os caminhos para chegar a este momento. Obrigada por acreditar nesse trabalho sobre fotografia, uma paixão pela qual nós duas nutrimos. Obrigada, também, por me aceitar como orientanda e por perguntar, lá na prova de arguição, se eu mudaria o tema do projeto para a fotografia, o que me fez embarcar nesse misto de loucura e aprendizado que é o mestrado.

Enfim, a todos, meu agradecimento do fundo do coração!

RESUMO

Com a presente pesquisa, elaborada no Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), pretendo responder à pergunta que norteia toda a minha proposta pedagógica: como o olhar sobre a fotografia pode ser desenvolvido a partir de uma proposta pedagógica no ensino de arte? Para isso, baseei-me teoricamente na pedagogia histórico-crítica, de Demerval Saviani, como forma de conduzir o estudo da fotografia, através das aulas de arte, tentando promover a ampliação do conhecimento e a mudança do olhar para o mundo que os cerca, para uma transformação da realidade em que vive. A proposta pedagógica foi realizada com os alunos do nono ano do ensino fundamental da EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, em Tubarão (SC).

Palavras-chave: Ensino de arte. Artes visuais. Fotografia. Pedagogia histórico-crítica.

ABSTRACT

The present research project, elaborated in the program of Professional Master's Program in Arts (PROF-ARTES) of the State University of Santa Catarina – UDESC, I intend to answer the question that guides my entire pedagogical proposal: How can the look at photography be developed from a pedagogical proposal of teaching art? For this, I based myself theoretically on the historical-critical pedagogy, by Demerval Saviani, as a way of conducting the study of photography, through art classes, trying to promote the expansion of knowledge and the change of perspective towards the world that surrounds them, for a transformation of the reality in which he lives. The pedagogical proposal was carried out with the students of the ninth year of elementary school at EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, in Tubarão (SC).

Keywords: Art teaching. Visual arts. Photography. Historical-critical pedagogy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA	28
2.1 O artista do cotidiano: Jan Vermeer	40
2.2 A releitura de Tom Hunter através da fotografia	44
2.3 As questões sociais nas fotografias de Sebastião Salgado	47
2.4 Claude Batho e as fotografias intimistas, do cotidiano	48
3 O ENSINO DA FOTOGRAFIA NA ARTE SOB A PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.....	52
4 DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	67
4.3 Planejamento pedagógico desenvolvido em sala e descrição das aulas	69
4.3.1 Encontros 1 e 2: Breve história da fotografia e equipamentos	70
4.3.2 Encontros 3 e 4: tipos de fotografias	84
4.3.3 Encontros 5 e 6: técnicas de fotografia e enquadramento.....	105
4.3.4 Encontros 7 e 8: o cotidiano nas obras de arte e fotografias	116
4.3.5 Encontros 9 e 10: saída a campo para fotografar	132
4.3.6 Encontros 11 e 12: curadoria e montagem da exposição.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	162

1 INTRODUÇÃO

O que vai ficar na fotografia
São os laços invisíveis que havia
As cores, figuras, motivos
O sol passando sobre os amigos
Histórias, bebidas, sorrisos
E afeto em frente ao mar [...]
(LEONI, 2005).

Atuo como professora efetiva de Arte na rede estadual de ensino de Santa Catarina, sou bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Atuo na docência com cargo efetivo desde fevereiro de 2020, época em que minha lotação era na EEB Professora Gracinda Augusta Machado, em Imbituba. Entretanto, minha experiência em sala de aula vem desde 2005, quando comecei a lecionar a disciplina em caráter temporário (ACT). Como fotógrafa profissional, atuo desde 2017, com foco no público infantil, e como repórter/revisora do jornal Diário do Sul, de Tubarão, onde trabalho desde 2011.

Pouco tempo depois de terminar a graduação, fiz especialização em História da Arte para o Mercado de Trabalho e Magistério do Ensino Superior (2007 - UniSul). Ainda durante a especialização, fui convidada a lecionar no Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja), de Tubarão, para os níveis de ensino fundamental e médio. Atuei nesta escola como admitida em caráter temporário (ACT), na docência, nos anos de 2005 a 2008. Posteriormente, fui professora de Arte na rede municipal de ensino de Tubarão e de Capivari de Baixo. Neste meio tempo, iniciei a faculdade de História pela Uniasselvi, na esperança de abrir turma para Artes Visuais e, quando foi aberta, migrei para o curso que desejava, deixando o curso de História incompleto. Em 2012, conclui a faculdade em Artes Visuais pela Uniasselvi. Ao término, embarquei em mais uma especialização, desta vez em Jornalismo para Editores, também pela UniSul (2015), devido ao trabalho no jornal impresso. Assim, é deste lugar de professora de arte que me propus a desenvolver o presente estudo no Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), um programa voltado à qualificação

de professores que atuam na rede pública de ensino, com a disciplina artes.

Iniciei a pesquisa definindo como objeto de estudo a seguinte questão: Como o olhar sobre a fotografia pode ser desenvolvido a partir de uma proposta pedagógica no ensino de arte? Esse foi o questionamento que me nutriu durante o desenvolvimento desta dissertação. O objetivo central deste estudo foi aplicar uma proposta pedagógica, em sala de aula, com os estudantes para os quais leciono. A coleta de dados ocorreu durante minha docência de ensino da arte, como professora efetiva completando carga horária na EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, em Tubarão, no Sul de Santa Catarina, durante os meses de março a abril de 2023.

Desde a infância a arte faz parte da minha vida. O incentivo às artes veio da família, principalmente meus pais e meus avós. Histórias em quadrinhos, música, dança, teatro sempre estiveram no meu dia a dia através das atividades que realizava no contraturno escolar e em casa. Dos anos de balé até algumas aulas no Teatro Tablado, no Rio de Janeiro, passando pelo teclado e canto, comecei a copiar algumas figuras de histórias em quadrinhos, o que mostrou o potencial – ainda pouco explorado – para desenho.

A fotografia foi outra paixão que surgiu ainda no Rio de Janeiro, quando ganhei de meus pais uma câmera fotográfica analógica, aquelas com filmes de 12, 24 ou 36 poses. Foi nessa época, entre 1997 a 1999, que comecei a praticar os primeiros retratos e, digamos, eu era a amiga que sempre tinha uma câmera na mochila para registrar os momentos da adolescência, o que me rendeu uma coleção de fotografias reveladas e guardadas em álbuns. Em 2017, comecei a trabalhar como fotógrafa profissional, apesar de a fotografia já estar incluída no meu dia a dia muito antes, através de imagens que fazia para meu blog, nas viagens ou no dia a dia, por hobby.

Em 2020, surgiu a oportunidade de tentar uma vaga no Mestrado Profissional em Arte. A intenção foi justamente me qualificar, cada vez mais, com o objetivo de oferecer ainda mais qualidade na educação pública e na disciplina de Arte. Ao me inscrever para o programa, a ideia central era totalmente voltada à formação de professores para lecionarem em casos de pandemia, devido, principalmente, ao momento em que vivíamos na época em que me inscrevi. No entanto, durante o decorrer das atividades de orientação o tema voltou-se à fotografia. A paixão falou, realmente, mais alto e logo surgiram as primeiras ideias, até chegar ao tema proposto nesta dissertação. Foi um trajeto difícil, árduo, com problemas de saúde no decorrer do caminho e até bastante duvidoso, por vezes, se conseguiria chegar ao tema.

Porém, no caminho da minha construção enquanto mestrande e da troca de experiências com colegas e professores e convidados das disciplinas durante as aulas, aos poucos foi nascendo a inquietação que me fez percorrer esse caminho da fotografia. Afinal, conforme Martins (2021, p. 4), a “experiência humana seria impossível se as imagens sobre as quais ocorre a concentração desaparecessem sem deixar vestígios”. Assim, sem a capacidade de manter imagens na mente, seria difícil ou mesmo impossível ter qualquer tipo de experiência sensorial significativa que pudesse contribuir para a formação humana. Em outras palavras, a percepção de imagens é fundamental para a nossa compreensão do mundo e para a nossa capacidade de aprender e se adaptar a ele, bem como a experiência humana depende dessa percepção de imagens e da capacidade de gravá-las através da memória, o que nos permite aprender, compreender e transformar o mundo à nossa volta.

No decorrer da pesquisa, procurei elaborar uma prática pedagógica dentro da Pedagogia Histórico-Crítica do professor e filósofo brasileiro Demerval Saviani, criador e idealizador da Pedagogia Histórico-Crítica, de cujos principais pressupostos utilizei-me para a escrita deste trabalho. Saviani é autor de *Escola e Democracia* (1983) e *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* (1991), entre outras publicações. Também me guiei através de outros autores, específicos do ensino de arte, como Martins (2021) e Abrantes (2018, entre outros, que se vinculam à mesma perspectiva teórica para pensar o ensino da arte, voltada à história da fotografia, da câmara escura ao surgimento das primeiras câmeras fotográficas e imagens, correlacionando com a história dos retratos (pinturas) de Jan Vermeer, bem como abordando sobre a vida profissional do fotógrafo Tom Hunter, com a fotografia do cotidiano. Ainda, desenvolvendo no aluno uma formação estética capaz de ampliar o olhar sobre a fotografia, com atividades de percepção do olhar através do enquadramento; da memória fotográfica até a apresentação dos equipamentos nas mais distintas épocas até as atuais, deste modo buscando compreender como o fenômeno da fotografia na sociedade contemporânea traz elementos sócio-históricos, articulando a dimensão estética, técnica e o processo criador.

Uma das propostas, com referência ao artista Vermeer e ao fotógrafo Tom Hunter, os estudantes participantes entrevistaram familiares ou amigos, que relataram seu dia a dia e foram fotografados pelos alunos. Posteriormente, foram além do dia a dia, procurando imagens “ocultas”, imperceptíveis aos olhos da correria do cotidiano. Essas imagens do cotidiano, refletidas com profundidade propiciaram uma leitura para

além do fenômeno aparente, uma leitura radical, no sentido de chegar a raiz, de conjunto no sentido de articular o universal e o particular, como aborda Saviani (1996).

Na proposta, também foi realizada saída a campo, pelo ambiente escolar, praticando a fotografia com celulares e/ou câmeras fotográficas. Para finalizar a proposta pedagógica, realizamos uma exposição fotográfica com o acervo criado pelos alunos, tendo como tema “Um Novo Olhar sobre o Cotidiano”. Nesta trajetória, tentei sistematizar o percurso pedagógico pensando suas contradições e as contribuições dos autores da Pedagogia Histórico-Crítica para as aulas de artes visuais, voltadas à fotografia, com a intenção de explorar os conhecimentos artísticos e fotográficos e ampliar a visão estética dos alunos, expandindo o olhar em relação ao cotidiano através das obras de Jan Veermer e Tom Hunter, e colocando em prática através da fotografia.

Para a aplicação desta proposta pedagógica, optei pela turma do 9º ano do Ensino Fundamental da EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti. A unidade escolar está situada no bairro Oficinas, na cidade de Tubarão (SC), e atende comunidades diversas, como o Morro do Caeté, Morro da Caixa D’Água, Fábio Silva, comunidades consideradas como áreas de risco pela carência das famílias e pelo tráfico de drogas nas imediações. Na unidade escolar, inclusive, diversas situações com os jovens chegam quase todos os dias. Relatos de casos de violência doméstica, depressão, desestrutura familiar, alunos acolhidos em abrigos, evasão escolar, entre outros fatores, são comuns. Além disso, na escola, há ainda muitos estudantes provenientes da Venezuela e, por ser uma das maiores escolas da cidade e por estar localizada numa região central, as diferenças nas condições econômicas e sociais dos alunos são gritantes, se compararmos aqueles que vão para a aula com a última geração de smartphone, com o que compartilha o aparelho em casa com os irmãos. Essas diferenças sociais e econômicas são sentidas a cada fala dos alunos, quando dizem não ter condições de comprar materiais de arte, como caderno e lápis de cor, ou quando relatam à professora fatos sobre a moradia precária, conhecidos envolvidos ao tráfico e até mesmo familiares presos.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, 15% das famílias têm renda de apenas um salário-mínimo; 38% recebem em torno de dois salários, 19% três; e 28% têm renda mensal acima de três salários. Quanto à escolarização, muitos pais não concluíram o ensino fundamental, poucos concluíram o médio e a minoria o superior. Há também analfabetos. A escola está inserida numa comunidade

cuja atividade econômica predominante é o comércio. Também conta com metalúrgicas, microempresas voltadas para a confecção de vestuário e a Ferrovia Teresa Cristina (FTC).

A unidade escolar possui uma estrutura com três andares, com amplo pátio interno coberto e ampla área livre para atividades esportivas e culturais. Em 2023, foi iniciada, inclusive, a construção de um ginásio coberto para as atividades esportivas. As salas de aula contam com iluminações apropriadas e bem arejadas e aparelhos de ar-condicionado.

O térreo tem secretaria, arquivo histórico, sala da direção, sala dos professores, brinquedoteca, biblioteca, sala de informática, sala de Educação Física e depósito. No pátio interno há ainda um vestiário, um banheiro masculino e um banheiro feminino para os alunos, uma cozinha, bem como duas salas para atender alunos com necessidades especiais. No pátio interno fica o refeitório dos alunos e há ainda estacionamento para professores.

No primeiro piso, há 12 salas, um banheiro masculino e um feminino para os profissionais de educação, uma sala de apoio pedagógico, uma sala para livros didáticos, uma sala de orientação escolar, sala de vídeo, uma sala multimídia, uma sala de assessoria de direção, um almoxarifado. No segundo piso, há nove salas de aula, um auditório, uma sala de Arte, um laboratório de Ciências e laboratórios para o Novo Ensino Médio.

Os alunos da EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti compreendem a faixa etária dos seis aos 14 anos para o ensino fundamental, e dos 15 aos 18 anos para o ensino médio. O curso de Magistério é frequentado por alunos com idade variada, a maioria acima de 18 anos. A turma escolhida para a aplicação deste projeto foi o 9º ano matutino, com 32 alunos, com idades entre 13 e 14 anos.

A pesquisa, sistematizada neste trabalho acadêmico, apresenta a realização de um estudo para análise e aprofundamento de uma questão. Para Saviani (1996), o problema de pesquisa é uma necessidade a ser conquistada, deve partir da realidade concreta, buscando compreender os fenômenos sociais e educacionais a partir de uma perspectiva crítica. Ele destaca ainda que a pesquisa não deve se limitar a descrever a realidade, mas sim buscar compreender as suas contradições e apontar caminhos para a superação dos problemas identificados. Sem pesquisa, não há como chegar ao caminho desejado, ao objetivo. Além disso, o autor defende que a pesquisa deve ser orientada por uma perspectiva histórica e dialética,

que considere as relações de poder e as transformações históricas que levaram à configuração da realidade atual. Ele também destaca a importância da teoria para a orientação da pesquisa, já que é a partir dela que é possível compreender a realidade e apontar caminhos para a sua transformação. Já segundo Zamboni (1998, p. 43), que é um pesquisador do campo da arte em outra linha teórica diferente de Saviani (1996), é necessário o uso de métodos para conseguir atingir a meta. Por isso, a pesquisa bibliográfica foi essencial para esta dissertação, sendo suporte também para a prática em sala de aula, para o desenvolvimento das atividades propostas. A pesquisa foi descritiva, tentando buscar o conhecimento da realidade através de outros autores de livros e artigos científicos, estruturando esta dissertação em capítulos.

No primeiro capítulo desta dissertação, são abordados brevemente os principais aspectos da história da fotografia, citando os precursores e o avanço da tecnologia. A ideia é dar apenas uma base quanto à história, uma vez que a proposta apresenta aos estudantes uma síntese das bases históricas da produção da fotografia na sociedade capitalista.

No segundo capítulo, a intenção é abordar a Pedagogia Histórico-Crítica, suas bases teóricas e importância para o conhecimento científico, artístico e filosófico dentro da educação e no ensino de arte, tendo como base autores como Saviani (1996), Martins (2021), Fonseca da Silva (2017), Horn (2021) e Souza (2022), entre outros. Neste mesmo capítulo, há ainda um apanhado sobre a fotografia e a imagem no ensino da arte dentro da concepção da pedagogia histórico-crítica, abordando ainda a dificuldade para muitos docentes de lecionar sobre o assunto.

O terceiro e último capítulo desta pesquisa tratou sobre a realização da prática pedagógica. Para Abrantes (2018, p. 102), a pedagogia histórico-crítica se fundamenta em formar o estudante para a luta, para transformar a realidade e que só acontece quando há a compreensão radical dos fatos do mundo. Segundo ele, esse método acaba se articulando com o projeto de revolucionar a maneira de produzir e reproduzir a existência, “concebendo a prática educativa como mediação fundamental e inerente ao processo de superação da sociedade mercantil”. Portanto, mais do que apenas ensinar os conteúdos, é necessário educar transformando, fazendo o aluno apropriar-se de modo crítico das conquistas históricas e rompendo com visões de mundo e práticas de dominação e exploração.

Assim, a ideia dessa dissertação é, então, proporcionar aos alunos o ensino da fotografia sob a ótica da pedagogia histórico-crítica, tentando desenvolver através das atividades e conteúdos aumentando o repertório que possibilite o processo criador e um novo olhar sobre o mundo em que os alunos vivem, contemplando teoria, prática, contextualização histórica e problematização social. Afinal, conforme Biavatti e Wielewski, apud Matos (2016), é importante possibilitar aos alunos o saber e a apropriação do conhecimento estético, bem como ajudá-lo a impulsionar o desenvolvimento de sua criatividade, afetividade, percepção, expressão, crítica, sentidos e a criatividade. Tudo isso com o objetivo de ampliar os seus referenciais de mundo através do ensino da fotografia. Da mesma forma, o aporte da Pedagogia Histórico-crítica nos auxilia a compreender a necessidade da ampliação do repertório para o desenvolvimento estético, pois o processo criador não é natural, é resultado de uma escola cujo professor traz uma intencionalidade em seu trabalho pedagógico.

2 BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

O retrato que eu te dei,
se ainda tens não sei
mas se tiver, devolva-me [...]
(CALCANHOTO, 2000).

Neste primeiro capítulo, a intenção foi situar a fotografia na história da arte e qual é o seu papel no mundo atual, onde todos os dias e o tempo todo as pessoas usam imagens em redes sociais, na publicidade, em jornais e revistas, em portais da internet e, claro, com o uso exacerbado dos smartphones. Isso torna a fotografia, segundo Horn (2021, p. 19), “a mais popular forma de imagem do mundo contemporâneo”. O que antes era apenas artigo de luxo para a alta sociedade, com o passar dos anos e o avanço da tecnologia passou a fazer parte do dia a dia da classe popular. Se relembrarmos da década de 90, pouquíssimas pessoas possuíam aparelhos de celular, na época analógicos e ainda caros. As câmeras fotográficas ainda não eram tão acessíveis e os preços de revelações, o que seriam as impressões de hoje, também. Aos poucos, os celulares foram se popularizando e o número de pessoas com aparelhos foi crescendo. Hoje, em uma sala de aula, alguns alunos têm aparelhos, mas muitos ainda não possuem ou usam de familiares. No entanto, mesmo diante desta realidade, a fotografia é relevante, pois está presente no cotidiano de distintas formas.

Considerando o papel da fotografia na atualidade a ideia deste capítulo não é se estender em datas e lugares, mas fazer um breve apanhado sobre a história da fotografia como forma de oferecer uma base de como tudo começou e como se expandiu para os dias atuais e, principalmente, como se conecta com a arte, neste sentido buscamos compreender o papel histórico da fotográfica como produção humana criadora.

A arte, segundo Fischer (1963), sempre foi um meio de colocar o homem num estado de equilíbrio com o mundo à sua volta, mostrando o quanto essencial ela é para a vida e, como o autor completa, continuará a ser sempre. Assim, ela é uma

necessidade humana fundamental, que não pode ser suprida por outras atividades ou formas de expressão. Além disso, a arte é capaz de transmitir ideias e emoções que não podem ser expressas de outra forma, e que essa capacidade de comunicação é fundamental para a construção de uma sociedade crítica e consciente.

Há muito tempo, as pessoas já liam livros, assistiam ao teatro, iam ao cinema. Hoje, procuram outras formas de se relacionarem com este mundo, como através de fotografias e vídeos postados em redes sociais, por exemplo. Para Fischer (1963), o homem quer absorver, ardente mente, o mundo que está à sua volta, transformá-lo em “seu”, prolongando – devido à ciência e tecnologia -, o seu lado curioso e faminto. Ou seja, “ele anseia por unir na arte o seu ‘Eu’ limitado a uma existência comunitária e por tornar social a sua individualidade” (Fischer, 1963, p. 10/11). Essa necessidade, pois, de se desenvolver e completar é algo que já ocorre há tempos. Assim, a arte acaba sendo essa ligação do indivíduo com o todo, pois faz com que o ser humano sinta que só será pleno ao se apoderar da experiência alheia, que poderia ser dele. Por fim, a arte é capaz de provocar reflexões e mudanças nas pessoas, e por isso é fundamental para a formação de uma sociedade crítica e consciente.

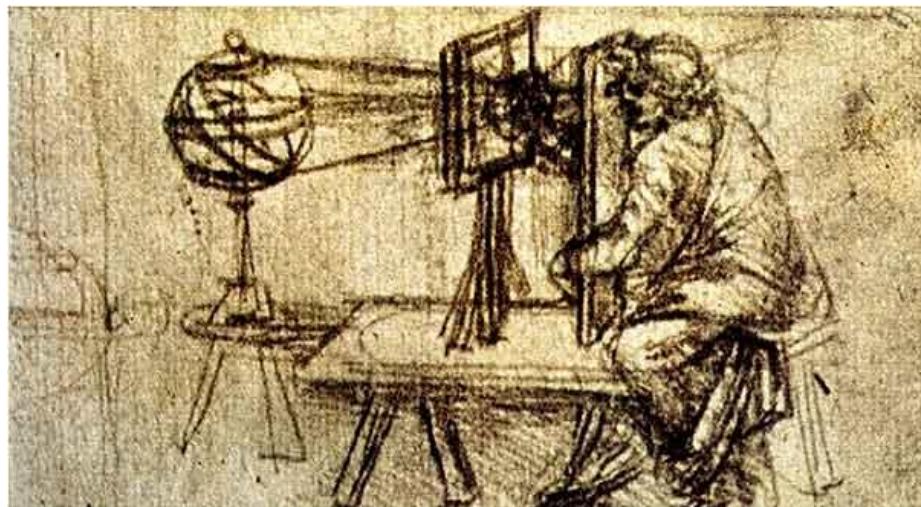
O sujeito humano, na produção da vida e no desenvolvimento de sua trajetória, também começou a ter a necessidade de representar o mundo em que vive. Desde a pré-História, nas paredes das cavernas, o homem já buscava representar imagens do mundo que vivia, através dos animais selvagens e seres humanos em diversas situações. Da pintura rupestre às fotografias contemporâneas, o ser humano tem a necessidade de ser representado ou de representar o mundo, em busca de significação, sentido e discursos visuais, expressar suas emoções, sentimentos e imaginações e a própria realidade histórico-social. E essa busca é representada em diferentes formas de manifestações artísticas, incluindo a pintura e a fotografia.

Devido a essa necessidade que as pessoas têm em serem representadas – ou de se autorrepresentarem (as atuais selfies) – ou representarem as coisas à sua volta, principalmente através da fotografia, este capítulo traz um breve apanhado da história da fotografia no mundo, desde seu surgimento, o que irá auxiliar a ter um entendimento de todo o processo histórico e tecnológico e de como passou a ser inserida no dia a dia, no cotidiano. Kossoy (2012) destaca essa necessidade quando afirma que mesmo antes do advento da fotografia o homem já buscava evidenciar o mundo visível em uma parte, onde a imagem era materializada, seja num desenho,

numa pintura ou na forma de fotografia. E a fotografia nos faz ter um olhar mais atento aos objetos, quando os enquadrados, do que quanto os vemos no dia a dia. Assim, com esse pensamento, Souza (2020, p. 13) afirma que a fotografia por si só não consegue ampliar o olhar de alguém para “(...) além das ações cotidianas, ela necessita cercar-se de uma proposta didático-metodológica que tenha a pretensão de fazer ver além da aparência, ver a essência”. E tentar fazer com que os alunos percebam isso é um desafio, pois a fotografia pode revelar vivências, as próprias ou outras realidades e um olhar atento para o que nos cerca, mas não vemos devido ao dia a dia.

No que se refere à história, muitas foram as dificuldades de encontrar em referenciais bibliográficos datas fixas sobre acontecimentos e surgimento das primeiras câmeras e imagens fotográficas. Os registros são incertos, por vezes duvidosos, acerca de quando surgiram os primeiros traços da fotografia. Em alguns livros, os primeiros registros que se tem remontam do período renascentista, quando as pessoas se utilizavam da câmara obscura, onde “(...) viajantes, cientistas e artistas fizeram uso do aparelho, obtendo, sobre papel, esboços e desenhos da natureza” (Kossoy, 2012, p. 37).

Figura 1 - Esboço para câmera escura feito por Leonardo da Vinci



Fonte: <http://www.iea.usp.br/imagens/camara-escura-leonardo-da-vinci-codex-atlanticus/view>.

Por sua vez, o filósofo matemático e grego Aristóteles já havia descrito o fenômeno da câmera obscura no século IV a.C. Então, muitas dúvidas sobre as primeiras câmaras escuras pairaram no ar. Mas, de qualquer forma, a partir dessa

invenção, foi possível gravar a imagem de objetos diretamente pela ação da luz sobre uma superfície com ajuda de produtos químicos. Independentemente do fato de a imagem ser desenhada na superfície em questão, ainda assim se fez necessário o ato de comandar todo o processo de criação, ou seja, de obter a representação visual, pelo homem. E esse papel é do fotógrafo: observar, selecionar o que ele deseja no enquadramento e clicar. Assim, o artista não foi dispensado de comandar o ato de obter a representação visual de um fragmento do real, mesmo diante do equipamento como ferramenta de trabalho. Para Kossoy (2012, p. 38), “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”. Pensamento similar ao de Souza (2020, p. 24), quando diz que a fotografia é o passado. “O registro da hora clicada, de um momento que já passou”. Assim, poderíamos dizer que a fotografia permite ao ser humano eternizar um momento especial, um determinado lugar ou paisagem, aquele sentimento inexplicável, enfim, cenas capturadas como forma de registrar estes momentos e poderem ser lembradas, no futuro, com mais riqueza em detalhes. A memória falha, a fotografia está ali para lembrar do instante em que o fotógrafo clicou o botão e congelou a imagem para a eternidade.

Ainda de acordo com Kossoy (2012), com a Revolução Industrial e o grande avanço tecnológico a partir da segunda metade do século XVIII, ocorre um processo de transformação social, cultural e econômica, e diversas invenções passam a traçar a história moderna. E uma das invenções com papel fundamental foi a fotografia, tanto como forma de conhecimento, informação, instrumento de apoio à pesquisa e forma de expressão. “A nova invenção veio para ficar” (KOSSOY, 2012, p. 27). E, com razão, pois a fotografia foi, ao longo do tempo, se modificando de acordo com o avanço da tecnologia, ficando mais sofisticada, e, até os dias atuais, faz parte da vida das pessoas, vindo realmente para fazer parte do cotidiano.

A primeira câmera fotográfica foi inventada em 1826 pelo francês Joseph Nicéphore Niépce. Ele usou uma placa de estanho deck com betume de Judeia, um tipo de asfalto, para criar a primeira fotografia permanente conhecida, uma vez que as anteriores se apagavam com a claridade. A imagem levou várias horas para ser exposta e é conhecida como "Vista da janela em Le Gras". Na ocasião, ele colocou uma folha de papel sensibilizado quimicamente dentro de uma câmara primitiva apontada para uma mesa posta em seu jardim. Depois de várias horas, ficou gravada no papel uma tênue imagem, considerada hoje a primeira fotografia do mundo.

Em 1837, o parisiense Louis-Jacques-Mandé Daguerre desenvolveu um processo fotográfico que ficou conhecido como daguerreotipia. De acordo com Benjamin (1987, p. 93), os “(...) clichês de Daguerre eram placas de prata, iodadas e expostas na câmera obscura; elas precisavam ser manipuladas em vários sentidos, até que se pudesse reconhecer, sob uma luz favorável, uma imagem cinza-pálida”. Essas imagens eram captadas e reveladas com vapor de mercúrio e fixado com uma solução de sal comum. A daguerreotipia foi um avanço importante na história da fotografia, pois permitiu que as imagens fossem produzidas com muito mais rapidez e nitidez. Na época, aliás, o preço de uma placa, era de 25 francos-ouro e as peças eram únicas, muitas vezes guardadas como joias, em estojos. Além disso, o registro de movimentos na fotografia foi um grande desafio de alguns daguerreótipos em 1841 até a introdução da câmera estereoscópica, um tipo de câmera com duas ou mais lentes e com sensor de imagem ou quadro de filme para cada lente, por volta de 1851.

Figura 2 - Daguerreótipo: primeiro equipamento fotográfico fabricado em escala comercial da história. Criado em 1837 por Louis Jacques Mandé Daguerre e fabricado por Alphonse Giroux. Acervo: galeria Westlicht, em Viena



Fonte: Google.

No início do século XIX, foi criada pelo fotógrafo e pesquisador George Raymond Lawrence a maior câmera fotográfica do mundo, que foi chamada de Mamute, com mais de quatro metros de comprimento e pesando 640 quilos. O artefato foi desenvolvido a pedido da companhia ferroviária Chicago & Alton Railway,

exclusivamente para fazer o registro da locomotiva “The Alton Limited”, um grande símbolo do desenvolvimento ferroviário americano. A construção da câmera custou cerca de 5 mil dólares (equivalente ao valor de uma casa na época) e contou com a participação de J.A.Anderson, renomado fabricante de lentes. Foram necessários cerca de 15 homens para mover e operar o equipamento. O único negativo empregado no aparato media 1,35 x 2,40 m e necessitou de 45 litros de produtos químicos para ser revelado. Além disso, a foto da locomotiva rendeu a Lawrence o Grande Prémio Mundial para a Excelência Fotográfica na Exposição Universal de Paris de 1900.

A partir daí, a fotografia evoluiu rapidamente, com o aprender de novas técnicas e equipamentos. Muitos pintores de miniaturas começaram a trabalhar como fotógrafos, primeiro de forma esporádica, depois, quase que exclusivamente. As experiências como pintores, diz Benjamin (1987), foram bastante úteis. Contudo, o nível elevado do trabalho fotográfico se devia muito mais à formação artesanal do que à artística. Embora a fotografia tenha iniciado praticamente como representações de pessoas ou paisagens, no passado, explica Benjamin (1987), o trabalho do fotógrafo não estava somente ligado aos ateliês. Governantes, assim como empresas, começam a requerer a presença do fotógrafo para que documente suas realizações – o que ocorre até hoje. Ainda assim, nem todos os fatos – ou somente os que interessavam a determinados grupos – foram registrados.

Segundo Mauad (2008), enquanto o controle dos meios técnicos de produção cultural era privilégio da classe dominante ou de frações dessa até por volta da década de 1950, o avanço na tecnologia, com câmeras compactas e aumento no número de profissionais e interessados por fotografia, proporcionou que a fotografia passasse a fazer parte de outras classes sociais. Em 1888, a Kodak lançou a primeira câmera fotográfica comercialmente bem-sucedida, a Kodak Nº1. Essa câmera era simples de usar e vinha com um filme em rolo que permitia ao usuário fazer até 100 fotos. Isso tornou a fotografia muito mais acessível e popular. Na época, segundo Mauad (2008), com o advento da Kodak e a compactação das câmeras, ocorreu uma ampliação no número de profissionais e usuários da fotografia. Inclusive, ressalta a autora, surgiu “(...) a máxima da fotografia amadora: You press the button, we do the rest” (2008, p. 38), que em português significa: você aperta o botão e nós fazemos o resto. Essas aquisições, que inicialmente eram unicamente das classes dominantes,

com a popularização dos aparelhos, foi sendo consumida também pelas classes populares.

Com a explosão tecnológica do século XX, os aparelhos celulares e as câmeras fotográficas começaram a fazer parte do dia a dia das pessoas aos poucos, sendo ainda mais fortemente presente a partir do século XXI. No início do século XX, a fotografia se tornou cada vez mais importante como meio de comunicação e expressão artística. Segundo Mauad (2008), foi no século XX que a imagem fotográfica passou a ser associada à identificação, no plano do controle social, em identidades, passaportes e diversos tipos de carteiras de reconhecimento social. “No âmbito privado, através do retrato de família, a fotografia também serviu de prova. O atestado de um certo modo de vida e de uma riqueza perfeitamente representada por meio de objetos, poses e olhares” (MAUAD, 2008, p. 31).

Os fotógrafos desejavam experimentar com novas técnicas e estilos, e a fotografia se tornou uma forma de arte respeitada e valorizada. Para Mauad (2008), o campo da fotografia foi se afirmando a partir de uma estética, incluindo fotógrafos de retrato, que buscavam a feição mais harmoniosa ao cliente, assim como o paisagista, em busca de amplitude de planos e nitidez na imagem. De acordo com a autora, ainda havia o fotógrafo amador-artista, que era ligado aos clubes de fotografia (fotoclubísticas), defendendo a fotografia como expressão artística, inspirado nos cânones da pintura. Assim, conforme Mauad, 2008, este fotógrafo amador-artista usava, por vezes, a intervenção direta, com uso de filtros, retoques e outras técnicas.

A fotografia no século XXI passou por uma revolução digital. Com a popularização dos smartphones e câmeras digitais, tornou-se muito mais acessível e democrática. Hoje, as pessoas podem tirar fotos a qualquer momento e em qualquer lugar, compartilhando-as instantaneamente nas redes sociais ou enviando em grupos de WhatsApp. Além disso, a fotografia digital também permitiu o desenvolvimento de novas técnicas e estilos, como a fotografia de alta velocidade, a fotografia infravermelha. A edição de fotos também se tornou muito mais avançada, com softwares de edição como o Adobe Photoshop e o Lightroom. Com isso, também surgiram as redes sociais para fotos com os filtros de edição, como o Instagram, e os programas de inteligência artificial (IAs), que modificam os tons do mar e do céu, por exemplo, ou uniformizam tons de pele, quase que automaticamente e instantaneamente, sem muita força. No entanto, a fotografia antiga ainda tem seus adeptos, com muitos fotógrafos preferindo o processo mais artesanal, com processo

de revelação, e a aparência única das fotos. A fotografia instantânea também está vivendo um ressurgimento, principalmente entre jovens, com câmeras como a Polaroid e a Fuji Instax, que captam as imagens e imprimem na hora. Em resumo, a fotografia no século XXI é uma mistura do antigo e do novo, com a tecnologia digital coexistindo com técnicas mais tradicionais, e novas possibilidades surgindo a cada dia. Essas novas possibilidades são exploradas todos os dias pelas pessoas, com seus smartphones e aplicativos de edição em busca de criar suas imagens digitais.

Desde cedo, crianças e adolescentes têm acesso a aparelhos smartphones, com aplicativos de redes sociais com compartilhamentos de imagens e vídeos, como TikTok, Instagram e Facebook. Para Salazar (2018), com a chegada do digital, no início do século XXI, a fotografia pareceu estar mais ligada às ideias de memórias, celebrações de momentos e virando uma espécie de autoafirmação e mediação de experiências do dia a dia. “As imagens que produzimos no cotidiano deixam de ser destinadas apenas aos álbuns familiares e passam a integrar a conversa cotidiana entre amigos, firmando laços, gerando diálogo” (SALAZAR, 2018, p. 77). Com isso, nos dias de hoje as pessoas, principalmente os jovens, consideram muito mais importante mostrar para os outros, nas redes sociais, as fotografias do seu dia a dia (o que fazem, como se vestem etc), como “influencers”, mostrando na maioria das vezes algo que não condiz com a realidade em que vive. E, justamente devido a essas redes sociais, é que a fotografia também passou a ser cotidiana na vida deste público, tanto na vida pessoal quanto no ambiente escolar.

Hoje, o telefone é praticamente um agrupamento de tecnologias que antes eram totalmente separadas, como a câmera fotográfica, o aparelho de som, o computador, bem como a própria função de comunicação. Com um só equipamento, é possível fotografar, escrever textos, editar imagens, ouvir música, transmitir e receber dados e informações, permitindo uma diversificação. E todo esse universo pode ser acessado a qualquer momento e lugar. Dessa forma, de acordo com Conceição (2013, p. 29), “(...) abre-se a possibilidade da apropriação criativa destes dispositivos, tornando o usuário um potencial proposito, fruidor e consumidor de imagens, textos, vídeos e sons, produzidos por si mesmo ou seus pares”. Por isso, o uso desse recurso tecnológico para o ensino da arte e, mais especificamente no ensino da fotografia, é primordial no que se refere a essa proposta pedagógica.

Atualmente, segundo pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) – (fonte: CNN Brasil, 2022), o Brasil tem atualmente mais de um smartphone

por habitante, o que representa 242 milhões de celulares em uso no país – que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem 214 milhões de habitantes. Os dados foram apresentados em uma matéria, intitulada “Brasil tem mais smartphones que habitantes, aponta FGV”, no site da CNN Brasil, em 26 de maio de 2022. Acredito que em 2023 estes números em nível nacional tenham subido ainda mais, no entanto, não foi encontrada pesquisa mais atualizada. Além disso, o brasileiro usa o celular por um terço do seu tempo acordado. De acordo com a pesquisa, sete de cada dez minutos foram usados em aplicativos de redes sociais, fotos e vídeos, principalmente no TikTok.

A Pesquisa Global da GSMA sobre a Mobilidade do Consumidor, realizada em 2021 da GSMA (associação global da indústria móvel), entrevistou mais de 54.000 usuários de dispositivos móveis em 50 países. Entre as descobertas, a pesquisa mostrou que a adoção de smartphones está aumentando rapidamente em mercados emergentes, com 77% das pessoas entrevistadas na Índia, por exemplo, usando smartphones como seu principal dispositivo móvel. Já a Pesquisa Pew sobre uso de celular nos EUA, de 2021, revela que cerca de 96% dos adultos nos Estados Unidos possuem um telefone celular, sendo que 85% deles possuem um smartphone.

Entretanto, mesmo com o acesso facilitado às câmeras digitais e aparelhos smartphones com câmeras, ainda assim é necessário um pouco de conhecimento técnico e um olhar diferenciado, crítico e apurado para criar uma imagem. Para Kossoy (2001, p. 39), para realizar uma fotografia, três itens são essenciais: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Segundo o autor, “(...) o produto final, a fotografia, é, portanto, resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial” (2001, p. 39), usando recursos tecnológicos. Mas, considero que essa concepção vá mais além dos três itens. O fotógrafo precisa dar um sentido àquela imagem, ao mesmo tempo em que seleciona o que quer mostrar, dando uma visão parcial do que está documentando.

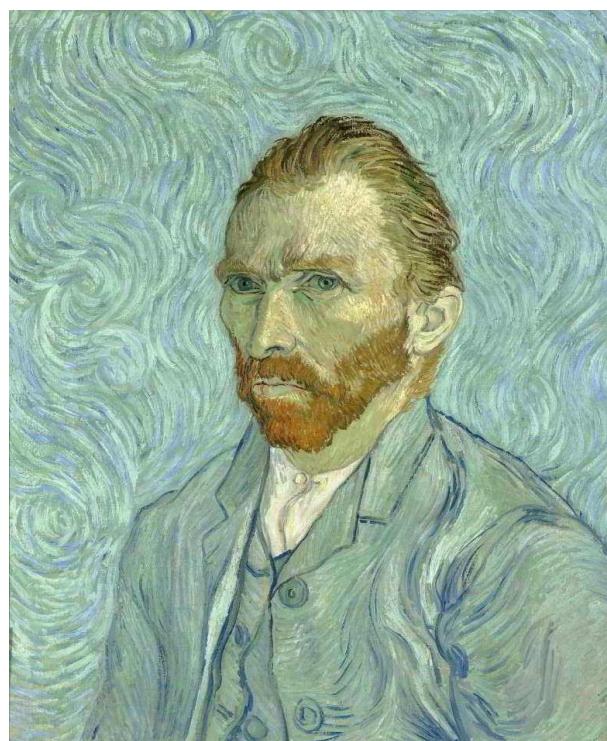
A fotografia ou um conjunto de fotografias não reconstituem os fatos passados. A fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam, nos limites do plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante de vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbana e rural (KOSSOY, 2001, p.127).

Por sua vez, o observador também precisa estar atento ao significado da imagem. Assim, considera o autor, quando a gente vai observar uma fotografia, é

preciso ter ciência de que a nossa compreensão do real foi, sim, influenciada por uma ou várias interpretações. Dessa forma, o passado sempre será visto de acordo com o que foi interpretado pelo fotógrafo, ao escolher determinada cena.

No desenvolvimento do trabalho com a fotografia na sala de aula, há várias questões que podem ser abordadas além do histórico, aliando a pintura, a fotografia e a tecnologia: os autorretratos de Vincent Van Gogh na pintura e a inserção das selfies; a vida cotidiana retratada nas pinturas de Jan Vermeer com a releitura do fotógrafo Tom Hunter; as paisagens do impressionista Claude Monet com as fotografias paisagísticas ou de viagens; a tecnologia utilizada nos anos 2000 até os dias atuais, comparando os equipamentos e smartphones, transmitindo vídeos sobre o tema, entre outros, e até mesmo usando as redes sociais e/ou aplicativos para edição de imagens. No decorrer do desenvolvimento da proposta, resolvi dar enfoque aos artistas que representavam o dia a dia, Jan Vermeer e Tom Hunter, bem como Sebastião Salgado, com suas fotografias que abordam questões sociais, e Claude Bartho, com suas imagens do cotidiano.

Figura 3 - Autorretrato de Vincent Van Gogh. Dimensões: 65 cm x 54 cm. Acervo do Museu de Orsay, Paris, França



Fonte: Google.

Figura 4 - Reprodução da obra Ponte Japonesa (1899), de Claude Monet



Fonte: Casa e Jardim <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/Jardim/noticia/2013/05/jardins-de-monet-eles-existem.html>.

Figura 5 - Foto da ponte que foi representada em obras por Monet. Foto: Fernando Grilli



Fonte: Casa e Jardim <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/Jardim/noticia/2013/05/jardins-de-monet-eles-existem.html>.

Através do ensino da fotografia é possível fazer com que o mundo exterior, onde o aluno vive diariamente, possa ser transportado para a imagem fotográfica, com a representação da própria realidade, tomando consciência de que faz parte da sociedade. Para Bucci (2021, p. 22), “olhar para uma imagem é - rigorosamente -

trabalhar para que aquela imagem adquira sentido, é fabricar significação". E reitera que "a ação do olhar, mais do que ver isso ou aquilo, é tecer um sentido para isso e aquilo". E esse é o papel do fotógrafo, tentar criar um sentido para as imagens que o cercam, de uma forma que não seja simplesmente o "ver por ver" e, sim, desenvolvendo um outro olhar, consciente e atento, de tudo o que está ao seu redor. Através da fotografia, o homem consegue pensar na cena, selecionar a imagem idealizada na cabeça e clicar, formando, assim, a imagem desejada, além do que está à sua frente. Dessa forma, a sociedade apenas aprende o que uma imagem significa a partir do momento em que olha para essa imagem e a transforma em sentido. E isso ocorre também na fotografia, quando a imagem capturada ganha um sentido além do simples olhar. E é através dessa maneira de ver e sentir o mundo, de dar um sentido para a imagem, que pretendo inserir a fotografia no ensino da arte em sala de aula. Segundo Souza (2020, p. 42), somente quando se entende todo o contexto é que a fotografia fomenta o processo criativo em sala de aula e isso, por sua vez, "(...) permite a ressignificação do mundo que cerca os estudantes e o recria visualmente". Dessa forma, há, na verdade, uma infinidade de formas de poder levar o ensino da fotografia para as salas de aula e tentar fazer com que o aluno tente dar um novo significado ao mundo em que vive. Claro que explorar essa linguagem artística em sala ainda é algo que falta nas aulas de arte e a abordagem, muitas vezes, não é realizada por falta de conteúdos sobre o tema ou de conhecimento por parte do docente. Contudo, trabalhar a fotografia em sala de aula permite ao estudante ampliar seu conhecimento artístico, a ressignificar a visão sobre as coisas ao seu redor, bem como a desenvolver a criticidade.

Os artistas citados nesta dissertação foram escolhidos por representarem em suas obras o dia a dia das pessoas, o cotidiano, a vida banal de cada tempo histórico, cada um à sua forma de expressão, seja pela pintura, com Johannes Vermeer – a também chamada pintura de gênero -, ou pela fotografia, através das releituras fotográficas de Tom Hunter. Poucos são os livros que abordam mais especificamente sobre ambos, o que foi uma das dificuldades no momento da pesquisa, tanto para a organização das aulas quanto para elaboração das informações para esta dissertação. A escolha destes artistas se deu por conta do trabalho que realizaram retratando pessoas no seu dia a dia, como se estivessem fora da cena, apenas observando. Assim, além de todo o contexto histórico de cada artista, a intenção foi fazer com que os alunos desenvolvessem esse olhar "de fora", de observação, para

posteriormente fotografarem os objetos e pessoas sob outro olhar. Por isso, achei importante, antes das saídas a campo, repassar as informações sobre vida e obra de cada artista, bem como o contexto histórico na arte.

2.1 O artista do cotidiano: Jan Vermeer

Johannes Vermeer, mais conhecido como Jan Vermeer, foi um pintor holandês do século XVII, considerado um dos mestres da pintura barroca. Sua vida, segundo Civita (1991), é em grande parte desconhecida, mesmo sendo considerado um dos maiores e mais conceituados pintores holandeses. “São tão vagos esses sinais de sua existência que não permitem traçar um perfil claro de sua figura, reduzida ao contorno de uma silhueta” (CIVITA, 1991, p. 29). Devido a isso, buscar informações sobre a vida e obra do artista foi bem dificultoso.

Embora tenha produzido um número limitado de obras em sua carreira, sua técnica refinada e estilo elegante o alcançou um dos mais importantes artistas da história da arte ocidental. Vermeer nasceu em Delft, Holanda, em 1632, e viveu toda a sua vida nesta cidade. Foi batizado em 31 de outubro do mesmo ano. Quando tinha 15 anos, seu pai, Reynier Janszoon adotou o sobrenome de Van der Meer – ou Ver Meer -, como seria conhecido. Assumiu, em 1652, os negócios do pai, por conta de sua morte, como negociador de quadros. Assim, ressalta Civita (1991, p. 29), esse pode ser um dos motivos pelos quais o artista tenha colocado a pintura como uma atividade secundária e, com isso, consequentemente, sua produção tenha sido pequena. Um ano depois, em 1653, casou-se com Catherina Bolnes, em abril, e se converteu ao catolicismo. Mais tarde, ainda no mesmo ano, entrou para a Guilda de São Lucas, que era uma associação comercial de pintores.

De acordo com Farthing (2011, p. 229), entre 1655 a 1657, o artista começa a criar as primeiras pinturas conhecidas, como “Cristo na casa de Marta e Maria”, “Diana e suas companheiras”. No entanto, não se tem indícios de quem possam ter sido seus mestres, segundo Civita (1991, p. 30). “A alcoviteira”, por sua vez, foi a primeira obra assinada e acredita-se que o homem com a taça de vinho seja o próprio artista. Sua primeira pintura de gênero foi criada em 1657 e se chama “A criada adormecida”. Nesse mesmo ano, um rico cidadão de Delf Pieter van Ruijven virou seu patrono.

Figura 6 - Reprodução da obra *A Alcoviteira* (1656), de Jan Vermeer. Dimensões: 143 x 130 cm. Acervo: Pinacoteca dos Mestres Antigos, em Dresden, Alemanha



Fonte: https://www.ebiografia.com/johannes_vermeer/.

Historiadores, destaca Civita (1991), apontam que há ligações estatísticas que podem ligar Vermeer a Carel Fabritius – um aluno de Rembrandt que se mudou para Delft em 1650. Segundo Civita (1991), o interesse de ambos pela experimentação óptica é um grande indício de que se conheceram. O autor sustenta, aliás, que o artista tenha utilizado a câmara escura em suas composições, “já que certas características de seu trabalho levam a isso” (CIVITA, 1991, p. 36):

[...] se concluiu que ele utilizava com frequência uma câmara escura. Trata-se de um dispositivo que obedece ao mesmo princípio óptico da câmera fotográfica moderna. No entanto, em vez de projetar a imagem por meio de uma lente sobre um filme sensível à luz, a câmera escura projeta essa imagem sobre um desenho ou uma tela, permitindo traçar seus contornos. Era o meio mais rápido para assegurar a precisão do traçado (p. 38/39).

Entre as evidências do uso da câmara escura por Vermeer estariam os pequenos salpicados brancos nas obras, como pontos luminosos faiscantes – e que

aparecem muitas vezes “fora de foco”, e os alargamentos das figuras em primeiro plano, que sugerem os efeitos óticos produzidos pelo dispositivo, onde figuras e objetos em primeiro plano parecem muito maiores em comparação com os do fundo.

As obras de Vermeer fazem parte da idade de ouro da pintura holandesa, junto com os trabalhos de Rembrandt, Frans Hals, Judith Leyster, Jacob van Ruisdael, Willem Heda, Jan Steen, este último também com a temática do cotidiano. No entanto, ao contrário de Vermeer, Jan Steen não tinha a intenção de produzir uma narrativa em suas obras. Entre os trabalhos do artista holandês, sua primeira obra conhecida é “Cristo no Templo”, pintada em 1654. A pintura do cotidiano, termo usado no século XVII, era usada para representar as cenas que se passavam em tabernas, cozinhas, quintais e bordéis, retratando o dia a dia das pessoas. Além de Vermeer, Pieter de Hooch e Gerard Terborch também as representavam.

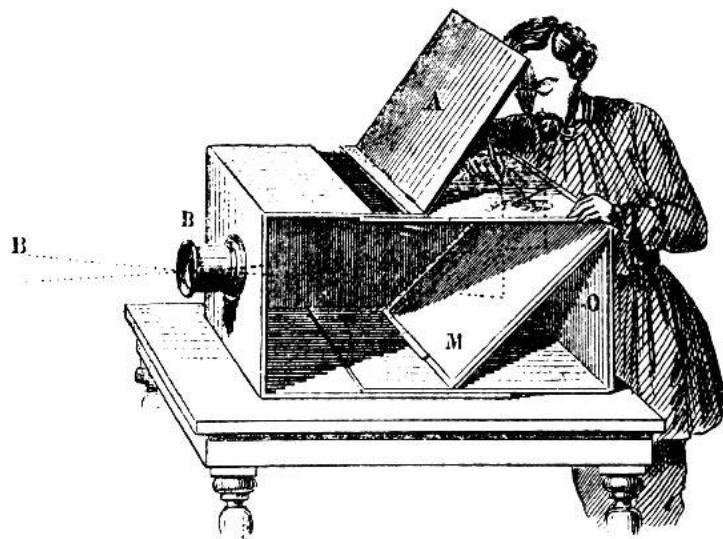
A maioria das pinturas de Vermeer são retratos, cenas domésticas e paisagens, todas marcadas por uma atmosfera tranquila e uma luz suave e difusa. Seu trabalho com seres humanos tem figuras isoladas de um contexto do dia a dia, geralmente com mulheres em seus afazeres domésticos. “O mundo de Vermeer parece ter um dispositivo que pausa cenas da vida e às captura para a eternidade [...]” (CABRAL, 2019, p. 4). Com isso, tudo é construído de forma meticulosa. O observador das obras, por sua vez, consegue captar essa leveza do momento registrado pelo artista, e a obra é como se fosse apenas um flash da vida doméstica do século XVII europeu. O artista é famoso por seu uso magistral da luz e da cor, que criou uma sensação de profundidade e perspectiva em suas pinturas. Algumas de suas obras mais famosas incluem “A Rua”, “A Leiteira”, “A Jovem de Brinco de Pérola” e “Vista de Delft”. Suas pinturas são muito valorizadas por colecionadores de arte, e muitas delas fazem parte de coleções de museus em todo o mundo.

De acordo com Cabral (2019, p. 4), Vermeer teve 11 filhos e vivia com a esposa, além da sogra e criadas. Morreu em 1675, aos 43 anos, deixando para trás um legado artístico que influenciou muitos artistas posteriores, incluindo os impressionistas franceses do século XIX. Embora seu número limitado de obras sobreviventes signifique que ele nunca alcançou a mesma notoriedade de artistas como Rembrandt ou Rubens, sua habilidade técnica e inovação artística garantiram sua posição como um dos grandes mestres da pintura barroca. Sua morte foi prematura. Ele foi criado em uma família de artistas e comerciantes de arte e começou

sua carreira artística como aprendiz de um pintor de Delft. “Foi um trabalhador meticoloso, lento e preciso. Pintou poucos quadros, destas apenas 35 telas atribuídas ao artista sobreviveram até os dias de hoje” (CABRAL, 2019, p. 4).

Em suas obras, Vermeer usou um mosaico de cores, superfícies coloridas, formas geométricas, predominando os retângulos, além da técnica do chiaroscuro (claro-escuro), dando aos objetos da tela o alto contraste. Além disso, todos os espaços são preenchidos, seja por objetos ou não, mas com texturas, cores e formas. Para Cabral (2019, p. 9), “(...) mimetizando o mundo real, não há espaço vazio, não há linhas, nada está compartmentado ou contido, mas tudo está cheio de volume e nuances de sombra e luz”. Suas obras lembram fotografias, e como tal, o artista criou obras em que suas pinturas parecem retratos instantâneos, capturas inesperadas da vida cotidiana. Enquanto um fotógrafo usa ferramentas de edição para dar efeitos de suavidade e leveza, Vermeer conseguiu atingir esses efeitos sem perder a precisão, a solidez e densidade nas suas construções pictórias. “Ele nos faz ver o sereno encanto de uma cena simples com novo vigor, sendo possível ter ideia dos sentimentos do artista ao observar a inundação de luz vinda da janela, a banhar de realce cada cor, textura e forma (CABRAL, 2019, p. 12).

Figura 7 - Exemplo de uma câmera escura



Fonte: <https://newtonmedeiros.com.br/1490-camera-obscura/>

Figura 8 - Cena do filme *A Moça com brinco de pérolas*, em que Jan Vermeer mostra a câmera escura



Fonte: Canal do Youtube Tio Zille
<https://www.youtube.com/watch?v=3oEbVpm1Py0>

Um dos fatores que me levou a trabalhar em sala de aula com o artista Jan Vermeer foram as evidências do uso da câmera escura, da representação do cotidiano e o fato de ele ter usado “técnicas” de iluminação, efeitos na cor, como se capturasse com uma câmera aquele momento.

2.2 A releitura de Tom Hunter através da fotografia

Tom Hunter, por sua vez, é um fotógrafo britânico nascido em 1965, conhecido por suas imagens inspiradas em pinturas clássicas que capturam a vida cotidiana nos bairros populares de Londres, principalmente baseadas nas obras de Jan Vermeer. Uma de suas séries mais conhecidas é intitulada "Pessoas Desconhecidas" (ou "Unknown People", em inglês), criada em 1997. Nesta série, Hunter retrata pessoas que ele encontra em seus passeios pela cidade, muitas vezes em seus próprios ambientes domésticos, e as coloca em cenários que remetem a pinturas famosas.

Figura 9 - Obra do pintor Jan Vermeer e releitura fotográfica de Tom Hunter.



Fonte: Arquivo pessoal. Slide feito pela professora.

As imagens em "Pessoas Desconhecidas" exploram questões de classe, identidade e representação na arte, e sugerem que a vida cotidiana das pessoas comuns pode ser tão digna de atenção quanto aos temas históricos retratados na pintura. Ao mesmo tempo, a série também apresenta um tom nostálgico, evocando uma sensação de tempo perdido e um mundo que está desaparecendo rapidamente. Por exemplo, em sua fotografia de um posseiro, denominada "Woman Reading a Possession Order" (Mulher lendo uma ordem de posse), faz referência a "Girl Reading a Letter at an Open Window" (Menina lendo uma carta em uma janela aberta), do artista barroco Vermeer. Esta fotografia ganhou o Kobal Photographic Portrait Award em 1998. Assim, ele é considerado um dos principais representantes da fotografia contemporânea no Reino Unido.

Figura 10 - Fotografia Mulher lendo uma carta de posse, de Tom Hunter



Fonte: <http://www.tomhunter.org/>. Acesso em março 2023.

Quando questionado sobre a foto premiada, tirada com uma câmera de grande formato e impressa no processo de ilfochrome, ele respondeu: “Eu só queria tirar uma foto que mostrasse a dignidade da vida de favelado – uma peça de propaganda para salvar meu bairro... O legal é que a foto conseguiu um diálogo com o conselho – e conseguimos salvar as casas”. As fotografias de Hunter em “Pessoas Desconhecidas” foram exibidas em galerias e museus de todo o mundo e ganharam vários prêmios, incluindo o primeiro lugar no John Kobal Photographic Portrait Award em 1998. A série continua a ser elogiada como um exemplo importante do uso da fotografia para explorar questões sociais e culturais contemporâneas.

Foi bastante difícil encontrar informações sobre o fotógrafo contemporâneo Tom Hunter, que utilizou do seu conhecimento como fotógrafo para criar releituras das obras de Vermeer, tão brilhantemente quanto o próprio, mas com ferramentas distintas.

2.3 As questões sociais nas fotografias de Sebastião Salgado

Sebastião Salgado é um renomado fotógrafo brasileiro. Nascido em 8 de fevereiro de 1944, em Aimorés, Minas Gerais, ele é conhecido por suas fotografias documentais de alta qualidade, que abordam questões sociais, ambientais e humanitárias ao redor do mundo. Salgado começou sua carreira como economista e trabalhou para organizações internacionais, como a Organização Internacional do Café. No entanto, após um tempo, ele decidiu se dedicar à fotografia como meio de expressar suas preocupações com as injustiças e desigualdades do mundo. Segundo a apresentação feita por Isabelle Francq, no livro sobre o fotógrafo (Salgado, 2013, p. 5), “contemplar uma fotografia de Sebastião Salgado é ter uma experiência da dignidade humana”. Suas fotografias são conhecidas por sua composição cuidadosa, uso de luz e sombra, e um estilo documental que capta a essência das vidas e experiências humanas.

Figura 11 - Fotografia de Sebastião Salgado



Fonte: <https://fahrenheitmagazine.com/arte/visuales/la-crueldad-del-mundo-real-en-la-fotografia-de-sebastiao-salgado>.

Ao longo da carreira, viajou para diversas partes do mundo, registrando temas como migração, trabalho infantil, pobreza, deslocamento forçado, guerra e meio ambiente. De acordo com o fotógrafo, sua fotografia ultrapassa militância e

profissão, para ele (2013, p. 92), a fotografia é sua vida. “Adoro a fotografia, fotografar, estar com a câmera na mão, olhar pelo visor, brincar com a luz. Adoro conviver com as pessoas, observar as comunidades – e agora também os animais, as árvores, as pedras”. Segundo Salgado, a fotografia é algo que vem de dentro dele, e a vontade de fotografar o leva a buscar o recomeço constantemente, a procurar outras imagens e fazer outras fotografias.

Ao longo de sua carreira, Sebastião Salgado recebeu vários prêmios e honrarias por suas contribuições para a fotografia e para a documentação das condições humanas no mundo. Seu trabalho foi publicado em livros aclamados, e suas exposições fotográficas foram exibidas em todo o mundo, tornando-o um dos fotógrafos mais influentes e respeitados da atualidade. Assim, os seus trabalhos de cunho social, ambiental e humanitário têm grande relevância histórica e humanitária e precisa ser conhecido pelos alunos.

2.4 Claude Batho e as fotografias intimistas, do cotidiano

A fotógrafa francesa Claude Batho iniciou no mundo da arte muito jovem, quando começou a pintar e a desenhar. Em 1950, seu pai a apresentou a fotografia, ao lhe presentear com a primeira câmera. De acordo com Gautier (2023), ela conheceu o marido John Batho enquanto trabalhava no departamento de reprodução documental do Arquivo Nacional Francês. A partir disso, seu trabalho tomou um rumo mais intimista, assemelhando-se a um diário.

Para Maresca (1995, p. 144), ela foi uma “(...) fotógrafa criadora dos anos 1970 (ela morreu em 1982), uma das que deram início à entrada da fotografia nos museus de arte da França. Por volta de 1975, explica Gautier, com o auxílio do marido ela montou seu primeiro portfólio, chamado *Portraits d'enfants*, usando como modelos suas duas filhas, Marie-Angèle e Delphine. Com isso, Claude Batho começou a afirmar o seu estilo com fotografias em preto e branco, de temas clássicos e sensíveis.

Figura 12 - Fotografia de Claude Batho, 1977



Fonte: <http://www.oai13.com/focus/livre/livre-la-beaute-de-la-simplicite-par-claude-batho/>.

Figura 13 - Fotografia de Claude Batho, 1977



Fonte: <http://www.oai13.com/focus/livre/livre-la-beaute-de-la-simplicite-par-claude-batho/>.

A fotógrafa, então, ganhou reconhecimento por intermédio da diretora da editora Des Femmes, afirma Gautier (2023), com uma seleção de quadros expostos na Galerie Agathe Gaillard, em Paris, em 1977. A exposição *Le Moment des Chooses* (1977) faz com que Claude Batho revele aspectos pessoais do seu cotidiano, com obras marcadas pelo intimismo e referências às pinturas de Jean Siméon Chardin. Para a autora, a visão transforma a insignificância do cotidiano em uma experiência visual, na qual as mulheres – almas de seus lares – tornam-se os veículos de sua pesquisa.

Para esta dissertação e ao desenvolvimento da prática, escolhi usar esses artistas como base, mas na proposição de atividades pedagógicas em sala de aula, há uma diversidade de possibilidades de cruzamento entre pintura e fotografia, assim como outras diferentes linguagens. Cada proposição pode contribuir para ampliar o

que Saviani (2012) aponta como as três tarefas da Pedagogia Histórico-crítica. A primeira delas, a sistematização da produção artística de diferentes tempos e lugares, de diferentes culturas e perspectivas, diferentes olhares e problemáticas. A segunda, transformar esses conhecimentos em conteúdos escolares e, a terceira, buscar as metodologias mais adequadas para que o estudante aprenda.

3 O ENSINO DA FOTOGRAFIA NA ARTE SOB A PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

[...] na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, a educação não é o principal determinante das transformações sociais. (SAVIANI, 2021, p. 22).

No capítulo anterior, abordei de forma suscinta a história da fotografia, desde o surgimento até os dias atuais e como esteve inserida na sociedade. Neste capítulo, pretendo trazer à tona um breve apanhado sobre a pedagogia histórico-crítica, sob a concepção de Demerval Saviani (2012), e de que forma ela pode auxiliar o professor em sala de aula para que ele possa, com isso, contribuir com a formação dos alunos, estimulando ações pedagógicas mais críticas problematizando a realidade em que vivem. Da mesma forma, pretendo abordar o ensino da fotografia na arte sob a perspectiva da PHC.

Entre os desafios do professor em sala de aula está a forma como será transmitido o conhecimento aos alunos, ou seja, as metodologias que auxiliam na aprendizagem. Em qualquer ambiente em que o professor lecione, ele acabará transmitindo aos estudantes, direta ou indiretamente, os pressupostos filosóficos da perspectiva pedagógica que segue em seu trabalho, bem como o conjunto ideológico de sua concepção de mundo. Mesmo ignorando essa transmissão, o professor não fica isento de transmiti-los, bem como de espalhar a sua concepção de mundo. A maioria das pedagogias dos dias atuais têm como âncoras a realização de projetos e interdisciplinaridade, o que reforça os conceitos do cotidiano e da realidade imediata do sujeito. Essa pedagogia baseada em interdisciplinaridade e projetos é a trabalhada e indicada na maioria das reuniões pedagógicas em unidades escolares, pela equipe diretiva e até outros professores. São as pedagogias ativas que consideram os pressupostos da Escola Nova, como abordado por Saviani (2012).

Figura 14 - Demerval Saviani



Fonte: [https://www.unifesp.br/campus/gua/noticias-eflch/1798-eflch-recebe-a-visita-de-dermeval-saviani-em-comemoracao-aos-80-anos-da-pedagogia, 2023.](https://www.unifesp.br/campus/gua/noticias-eflch/1798-eflch-recebe-a-visita-de-dermeval-saviani-em-comemoracao-aos-80-anos-da-pedagogia,2023)

A pedagogia histórico-crítica de Saviani parte da crítica à concepção tradicional de educação, que se baseia na transmissão de conhecimentos de forma mecânica e descontextualizada. Segundo o autor (2012), essa concepção não permite que o aluno compreenda a realidade em que está inserido e desenvolva uma postura crítica diante dela. A partir disso, a pedagogia histórico-crítica propõe uma educação que valorize o conhecimento histórico e socialmente construído, tendo como objetivo a formação de sujeitos críticos e capazes de atuar a realidade em que vivem. Para tanto, é necessário que a educação seja conectada com a realidade e que os conteúdos sejam apresentados de forma crítica e reflexiva. Assim, conforme Souza (2022), é essencial ao professor compreender a sua realidade e identificar a ligação com a totalidade, pois é determinante para ampliar a consciência de classe, de acordo com os pressupostos da PHC, que defende que é preciso entender a precarização social e educacional brasileira para poder trabalhar em sala de aula e, com isso, transcender os condicionantes históricos e sociais.

Além disso, a PHC propõe que o papel do educador seja o de mediador entre o conhecimento e o aluno, estimulando-o a compreender a realidade de forma crítica e atuar na transformação da sociedade. Nesse sentido, a metodologia adotada deve ser dialética, isto é, deve permitir a reflexão e o debate crítico dos conteúdos, a

partir de uma relação horizontal entre educador e educando. Assim, para que haja essa transformação da realidade, afirma Santos (2023), só é possível através da união entre teoria e prática, cujas intenções e objetivos condizem com o que se deseja atingir. É necessário, pois, ter o conhecimento da teoria historicamente contextualizada para sistematizar a prática. Dessa forma, a pedagogia histórico-crítica de Saviani tem como objetivo central a formação de sujeitos críticos e conscientes da realidade em que estão inseridos, capazes de atuar de forma transformadora no mundo.

A pedagogia histórico-crítica defende a tese de que a função da escola e do docente é a transmissão de conteúdos sistematizados, ou seja, fundamentado na ciência, filosofia e arte em suas formas mais elaboradas, “(...) e não no cotidiano esvaziado e utilitário dos sujeitos” (MALANCHEN, 2016, p. 28). O currículo escolar da escola tradicional, de forma geral, é fragmentado e limitado e a pedagogia histórico-crítica, por sua vez, apresenta um modelo de organização, cujo objetivo é a apreensão da totalidade do conhecimento, propondo uma integração entre conteúdo e a realidade concreta. E isso se dará, segundo Malanchen (2016), a partir de um movimento de análise das partes para articular a compreensão do todo.

De acordo com Saviani (1991), há alguns conhecimentos que precisam ser ensinados em sala de aula: os clássicos, os filosóficos, científicos e estéticos, bem como a sistematização das formas como irá acontecer a aprendizagem. Segundo o autor, o professor precisa ainda ter algumas características essenciais para que esta aprendizagem ocorra efetivamente. Para ele (2020), o docente precisar abarcar um conjunto de saberes, “(...) tais como disciplina, pontualidade, coerência, clareza, justiça e equidade, diálogo” (SAVIANI, 2020, p.15), que dizem respeito ao seu modo de ser. Ainda assim, é o professor que deve viabilizar ao aluno os meios apropriados para transmitir aos estudantes os conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos, transformando tais conhecimentos em saberes escolares. “Ao mesmo tempo, não pode esquecer-se da dinâmica de relações ideológicas e de poder que permeiam a construção do currículo escolar, e deve assumir o papel crítico que se esquia dessa dominação” (SANTOS e TURINI, 2022, p. 6). E é justamente nesse momento, em que se busca a adequação dos conhecimentos sistematizados, que o professor vira um agente essencial da produção de conhecimento.

Dentro da perspectiva histórico-crítica, o docente precisa ter ciência de que a sociedade é mutável para não se deter em uma grade fixa de conteúdos já

dominados por ele e, assim, acabar ministrando a mesma aula elaborada há anos. “Esse foi o mote defendido pela pedagogia tradicional e que, apesar de favorecer a transmissão de conhecimentos clássicos, não contribuiu devidas para a formação revolucionária de seus indivíduos” (SANTOS e TURINI, 2022, p. 18). Assim, ao contrário dessa pedagogia tradicional – ainda muito adotada nas escolas do Brasil -, a PHC reconhece os conhecimentos clássicos para apresentar uma formação histórico-crítica, possibilitando aos estudantes o domínio para transformarem a sociedade.

Outro fator que considero relevante constar é que, diante do exacerbado preenchimento de documentos burocráticos em sistemas on-line do professor, está se perdendo a função essencial da escola, que é o acesso ao saber. Assim, “(...) é preciso resgatar urgentemente a essência da escola, aquilo que é de sua natureza e por em prática o trabalho que deve ser realizado, concentrando-se em aspectos que garantam esse acesso ao conhecimento elaborado” (SANTOS, 2023, p. 148). Atualmente, o docente perde muito mais tempo preenchendo dados nos sistemas do que em planejar uma aula que promova aos alunos uma consciência crítica e transformadora. Assim, grande parte dos professores acaba por optar pelo sistema tradicional, com suas velhas anotações de anos atrás, o que resulta em um processo de alienação, não sendo possível ao aluno construir uma análise crítica sobre os conteúdos, já que ele está apenas copiando e reproduzindo o que lhe é imposto. Por esse motivo, aponta a autora, é que o professor tem papel essencial na aprendizagem do estudante, mediando os conhecimentos/conteúdos, pensando em quais estratégias de ensino devem ser usadas para ajudar o educando a aprender de forma crítica.

Para Santos e Turini (2022), por ser a aula uma prática social, ela pode ter dois resultados distintos: ou mobilizar o estudante para melhor compreender a realidade ou mantê-lo na condição de reproduutor da prática social que já realiza. Por esse motivo, é fundamental que o docente, assim como a unidade escolar, realize mediações educativas que expressam intenções, causando efeitos diante da realidade social, seja conscientemente ou não. Quando há a riqueza de conhecimentos sistematizados durante uma aula, irá produzir relações sociais também com riqueza. Caso contrário, produzirá relações sociais vazias.

Além disso, propõe Biavatti e Wielewski, é essencial trabalhar o estudante como um todo, fazendo com que ele desenvolva a criatividade, percepção, expressão,

sentidos, crítica, afetividade e criatividade, ampliando seus “(...) referenciais de mundo com todas as formas de linguagem: escrita, sonora, dramática, visual, corporal, musical, cinematográfica dentre outras” (BIAVATTI e WIELEWSKI, 2016. p. 142, apud MATOS, 2016). Assim, por meio da Pedagogia Histórico-Crítica na arte, os alunos podem desenvolver habilidades de pensamento crítico, como a análise de fontes e a reflexão sobre as relações de poder. E, segundo Fonseca da Silva (2017), para que isso aconteça é necessário que o professor, na condição de intelectual, faça escolhas e a mediação da relação entre os conteúdos científicos e estudantes e que esteja engajado com a transformação social. Neste caso, ressalta a autora, o docente precisa lutar pela difusão do conhecimento, proporcionando aos estudantes o entendimento da transformação, bem como a ampliação da consciência, e essa abordagem pode ajudar a promover a consciência social, incentivando os alunos a refletirem sobre as questões sociais e políticas que influenciam a arte e a cultura em geral.

Segundo Saviani (2012), a produção do saber ocorre no interior das relações sociais, em expressar o saber que surge da prática social de uma forma elaborada. Então, daí surge a importância da escola, pois sem ela não há o acesso aos instrumentos de elaboração e sistematização, logo, os trabalhadores são impedidos de ascenderem ao nível de elaboração do saber, “(...) embora continuem, pela sua atividade prática real, a contribuir para a produção do saber” (SAVIANI, 2012, p. 67). O autor ainda acrescenta que o saber que realmente interessa à educação é aquele que surge como resultado do processo de aprendizagem, do trabalho educativo. Portanto, para chegar a isso, a educação precisa tomar como referência o saber objetivo produzido historicamente.

O trabalho educativo, para Santos e Turini (2022), da pedagogia histórico-crítica, é encaminhar o estudante rumo à apropriação da humanidade coletiva e histórica, sendo orientado a desenvolver uma percepção crítica de mundo; uma concepção mais refinada, elaborada e complexa, assim como de uma vivência social mais rica, menos miserável e plenamente ativa e transformadora. Logo, por ser a aula uma prática social, pode tanto manter o aluno na condição de simples reproduutor da prática social que já realiza como também mobilizá-lo para compreender melhor a realidade. Por isso, afirmam os autores, “(...) que todo professor e toda instituição que se propõe a realizar mediações educativas expressam intenções e produzem efeitos frente à realidade social, seja de forma consciente ou não” (SANTOS e TURINI, 2022, p.13). Nessa perspectiva, ressaltam os autores, a partir do momento em que a aula é

rica de conhecimentos sistematizados, acaba por produzir relações sociais com o mesmo grau de riqueza. Caso contrário, o que acontece é a produção de relações sociais com o mesmo teor de esvaziamento.

A escola que se propõe a contribuir socialmente atuando na formação de indivíduos com iniciativa para buscar soluções e resolver conflitos de diferentes ordens - pessoais, sociais, ambientais, econômicos, políticos, científicos, estéticos, éticos... – precisa necessariamente planejar um ensino que potencialize a atividade criadora. Sem esta capacidade desenvolvida e estimulada, a escola estará simplesmente reproduzindo a sociedade que a ela se apresenta e testemunhando a estagnação da mesma (HILLESHEIM, 2015, p.276).

Por esses motivos, é extremamente importante que o professor e a escola não percam de vista qual é o tipo de estudante que quer formar e em qual sociedade espera que esse aluno viva no futuro e, em consequência, para qual sociedade a transformação desejada pela pedagogia histórico-crítica é direcionada. Segundo Santos e Turini (2022), através da perspectiva da PHC, o trabalho educativo deve fazer com que o estudante se aproprie da humanidade histórica e coletiva. Com isso, ele deve alcançar o desenvolvimento de concepções de mundo mais elaboradas, o que ocorre a partir da apropriação de conhecimentos sistematizados. “Tais conhecimentos devem ser interiorizados no pensamento dos indivíduos e evidenciados pelo seu novo modo de se posicionar na prática social” (SANTOS e TURINI, 2022, p. 18/19).

Os indivíduos, com esses conhecimentos, têm mais condições de descobrirem a realidade em que vivem e, com isso, possivelmente, transformá-la. Para Saviani (in Hermida, 2021), a educação só pode impulsionar as transformações ao articular os movimentos sociais populares que lutam para superar a ordem social atual. Assim, na perspectiva da PHC, ela não é a principal determinante de transformações sociais e nem ser totalmente autônoma. Saviani (2012) ainda acrescenta que o trabalho educativo é o ato de produzir em cada indivíduo singular, direta ou indiretamente, a humanidade que é produzida coletiva e historicamente pelo homem. Com isso, “(...) o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos” (SAVIANI, 2012, p. 13); e, por outro lado, para descobrir maneiras adequadas para se atingir esse objetivo.

Na perspectiva histórico-crítica, Santos e Turini (2022) acreditam que o ambiente escolar é um local para a assimilação e a transformação contextualizada de conhecimentos sistematizados, tanto os que foram e os que são produzidos, acumulados e reinterpretados historicamente pela humanidade. Para os autores, isso faz com que o estudante tenha a transição de uma visão sincrética da realidade social para uma sintética da mesma realidade. “Isso acontece quando a mediação educativa escolar é uma ação intencional que proporciona a vivência unitária dos momentos de problematização, instrumentalização e catarse, expressa pelos inúmeros métodos didáticos possíveis de serem aplicados nos tempos e espaços escolares” (SANTOS e TURINI, 2022, p. 10/11). Assim, ocorre a promoção do desenvolvimento, ocasionando modificações qualitativas em sua consciência, que são evidenciadas pelo seu novo modo de ser e se posicionar no interior da prática social.

No que se refere ao ensino da arte, a pedagogia histórico-crítica pode ser uma abordagem valiosa para o ensino da disciplina, pois ajuda os alunos a compreenderem a arte como um produto cultural que reflete e influencia a sociedade e a cultura em que foi produzida. Segundo Fonseca da Silva (2017), Vigotsky considera que a arte está totalmente relacionada à vida, sob a perspectiva histórico-cultural, da mesma forma que o materialismo histórico, onde a prática social é o seu ponto de partida. Assim, destaca a autora, a arte é vista não como uma cópia do cotidiano, mas sim como produto da relação do sujeito com o seu contexto, uma produção criativa que modifica o processo de produção artística. Essa abordagem pode, inclusive, ajudar a desenvolver habilidades de pensamento crítico e consciência social, incentivando os alunos a estudarem a história da arte para entender o contexto em que cada obra foi produzida, bem como as intenções e ideias do artista. Além disso, são convidados a refletirem sobre como as obras de arte se relacionam com a sociedade e a cultura em que foram criadas, e como essas obras podem influenciar as pessoas e a sociedade.

Desde o surgimento até os dias atuais, a fotografia foi tomando grandes proporções e hoje está presente no dia a dia das pessoas, de diversas classes sociais, etnias, religiosidades, entre outros, seja através de publicidade, jornais e portais, moda, gastronomia, turismo, as selfies até chegar às redes sociais, como Instagram e TikTok, por exemplo, que viraram febre entre a juventude nos últimos anos. Com o avanço tecnológico constante e rápido, a conexão entre as pessoas e o mundo das

imagens está muito mais evidente, moldando, inclusive, o comportamento e o modo como as pessoas encaram o mundo, a si e o seu redor, bem como o ambiente escolar.

Esse uso exacerbado das tecnologias por parte dos jovens é preocupante, principalmente em sala de aula. Os estudantes, com os aparelhos de celular nas mãos, querem poder usufruir da facilidade da pesquisa imediata. Nas aulas de arte, querem usar os smartphones para “buscarem inspiração” para suas atividades de desenho, pintura, fotografia, enquanto, na verdade, estão praticamente reproduzindo uma obra já existente. Com isso, há falhas na criticidade, na criatividade e no desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Enquanto por um lado, com o uso das tecnologias e dos smartphones, a internet oferece diversas opções de práticas educacionais, ou seja, para pesquisas e informações, bem como suporte para as atividades de ensino, oferecendo imagens, textos, livros, vídeos etc, os alunos, por sua vez, se perdem nas navegações, tendo dificuldades de assimilar o que é realmente significativo, onde e como pesquisar e usando de fontes não oficiais.

Segundo Pereira e Silva (2014), a partir da disseminação dos telefones celulares, na década de 1990, o número de aparelhos começou a crescer consideravelmente, principalmente entre os jovens, e a internet e a tecnologia passaram a ficar cada vez mais presentes no dia a dia. Notebooks, tablets e smartphones são os mais usados atualmente para conexão à internet. Por ser de fácil manuseio, explica Costa (2020), os smartphones – mais portáteis que os tablets e notebooks – são os preferidos pelos usuários no quesito acesso à internet, o que faz com que as pessoas estejam on-line em grande parte do dia. Segundo as autoras, os adolescentes são o grupo que mais uso faz destes equipamentos, estando inclusos na parcela que mais usa a internet. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (2013), 70% dos jovens encontram-se inseridos na vida digital e 64% acessam a internet todos os dias. Por sua vez, enquanto esses dados refletem a facilidade com que estes adolescentes têm acesso a informações, também podem causar riscos no desenvolvimento, apontam Costa (2020), já que é um dos meios que mais usam para se comunicarem, influenciando no contexto social, familiar e escolar.

No que se refere ao uso dos smartphones para a fotografia, o fato de estar presente e ser tão acessível, afinal quase todas as pessoas têm à disposição um celular com câmera, não quer dizer que quando fotografam têm um olhar crítico ou estético diante do objeto fotografado. Na maioria das vezes, os “cliques” ocorrem no “automático”, como forma de querer registrar rapidamente determinada imagem, para

postar ou enviar em aplicativos de mensagens, com ainda mais rapidez. Em outros casos, os registros são apenas para “guardar” aquilo que acham importante em sua vida.

O uso dos telefones celulares no ambiente escolar é controvertido, um assunto cercado de debates. Considerados aparelhos que distraem a atenção do aluno, atrapalhando o andamento das aulas, muitas escolas impõem como regra a proibição do uso, salvo em momentos em que é solicitado pelo professor. Assim, muitos estudantes vão contra as regras da escola e são flagrados fotografando o conteúdo do quadro, fazendo selfies ou retratos dos colegas para postar nas redes sociais. Então, diante desse interesse dos alunos pelos smartphones e para promover uma atividade diferenciada com seus equipamentos, por que não usar essa ferramenta (celular) para tentar desenvolver o olhar crítico destes alunos através da fotografia? Por isso, a ideia desta pesquisa foi aliar a teoria e técnica, envolvendo o mundo da arte, para ajudá-los a ver as coisas de uma forma diferente, já que a câmera permite ao fotógrafo esse outro olhar.

Enquanto professora de Arte e fotógrafa profissional, desafiei-me a explorar um pouco desse mundo da fotografia em sala de aula, como forma de desenvolver um olhar crítico nos alunos quanto ao mundo em que vivem, à comunidade e à escola. A ideia deste projeto foi, então, proporcionar aos alunos o ensino da fotografia sob a ótica da pedagogia histórico-crítica, tentando desenvolver através das atividades e conteúdos a criatividade e um novo olhar sobre o mundo em que os alunos vivem, contemplando teoria, prática, contextualização histórica e problematização social.

As imagens estão presentes no dia a dia das pessoas há muito tempo, desde os primórdios, quando o homem primata pintava nas paredes das cavernas, como forma de representar animais selvagens e seres humanos em diversas situações. Da pintura rupestre às fotografias digitais, milênios se passaram, mas os humanos, no decorrer da história, sempre sentiram a necessidade de representar através de imagens o mundo ao seu redor ou a si próprio, em busca de significação, de sentido e de discursos visuais.

De acordo com Biavatti e Wielewski (*apud* Matos, 2016, p. 139), o homem, em sua trajetória, buscou formas de satisfazer suas necessidades de sobrevivência e de expressão, neste último através da arte. Muito além de criar objetos e instrumentos para as suas necessidades, ele buscou ao longo do tempo expressar emoções, a imaginação, seus sentimentos, bem como a realidade histórico-social da sua época.

Neste aspecto, segundo os autores, o homem expressou através da pintura, do desenho, escultura, teatro, arquitetura, literatura, escrita, cinema, música, literatura, bem como de performances e da fotografia, enfim, as diversas formas de manifestações artísticas, de tudo o que chamamos de arte.

No decorrer da história da arte, as pinturas por muitos anos foram a principal forma de representação de uma sociedade, de uma determinada família ou de paisagens. Artistas, com tintas e pincéis e o mundo ao seu dispor, colocavam nas telas o que viam, independentemente de técnicas usadas. Nessa época, era a maneira com que o mundo e as coisas eram “mostradas” ou representadas.

Entre os séculos XVIII e XIX, a burguesia desejava ser representada em produções artísticas. Embora fosse a classe social economicamente dominante e responsável pelo sustento do Estado (uma vez que nobreza e clero não pagavam tributos), ainda não era a classe social privilegiada. Boa parte dos ganhos da classe burguesa eram destinados ao sustento da nobreza e do clero. No século XVIII, o avanço da atividade comercial levou ao desenvolvimento das indústrias. A classe burguesa era, naquele momento, formada por proprietários dos meios de produção, ou seja, os donos das fábricas. Foi o desejo da classe burguesa de aumentar seu lucro que impulsionou o desenvolvimento industrial.

Com isso, a pintura foi a linguagem que desempenhou o papel de transformar o dia a dia das famílias burguesas em arte. “Com seus abastados recursos, os membros dessa classe podiam encomendar retratos e, assim, reafirmar sua posição social, legitimando-se como elite” (CAMPOS, 2020, p. 64). Ainda de acordo com a autora, essa representação da vida familiar burguesa e seu espaço íntimo, a pintura resultou em mostrar a realidade social urbana da época, “revelando os costumes, os códigos de comportamento e os valores praticados” pela nova classe social, a burguesia.

Com o advento da fotografia, através dos esforços de Niépce e Daguerre, os retratos na pintura começaram a ser substituídos pelas imagens fotográficas. De acordo com Benjamin (1987, p. 97), “(...) no momento em que Daguerre conseguiu fixar as imagens da *câmera obscura*, os técnicos substituíram, neste ponto, os pintores”. O avanço foi rápido e, conforme o autor, em 1840 os pintores acabaram por virarem fotógrafos, primeiro esporadicamente e, pouco tempo depois, exclusivamente.

Podemos dizer que a fotografia está no dia a dia das pessoas, de diversas classes sociais, etnias, religiosidades, entre outros, seja através dos celulares e as

selfies, das imagens em veículos de comunicação, como jornais, revistas e portais, por meio de lembranças do passado, de imagens digitais ou através da arte. Conforme afirmou Lichtwark em 1907 (apud Benjamin, 1987, p. 103), “nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados”. A fotografia passou a fazer parte do cotidiano das pessoas de maneira intensa e tudo o que consideram importante – momentos, pessoas, principalmente familiares, e lugares – acaba sendo registrado através das câmeras ou aparelhos de celular.

Com o avanço tecnológico constante e rápido, a conexão entre as pessoas e o mundo das imagens está muito mais evidente, moldando, inclusive, o comportamento e o modo como as pessoas encaram o mundo, a si e o seu redor. E isso ocorre também no ambiente escolar. Para Beiguelman (2021), as imagens funcionam como mapas com informações, com várias camadas, que permitem uma relação entre si com outras mídias. “São esses atributos que vão, por exemplo, relacionar determinada coordenada de uma imagem a um texto ou um comportamento” (BEIGUELMAN, 2021, p. 18/19). Assim, a fotografia é um destes elementos de comunicação que possibilitam essa exploração múltipla de culturas visuais aos alunos, seja no limite das salas de aula, em reproduções nos livros didáticos ou fora do ambiente escolar, indo ao dia a dia das pessoas. Ela abrange um misto do “que olhamos e do que é visto”, ao mesmo tempo que envolve a experiência vivida pelo profissional ou pessoa que fotografa, podendo ser o próprio estudante.

As imagens se fazem presentes na escola fortemente, como forma de mostrar algo que foi realizado em sala de aula, através de reproduções de imagens de arte, entre outros. Com a ajuda da tecnologia, a fotografia foi além da documentação e passou a ser também um discurso visual. É o que confirma Horn (2021), quando diz que “a fotografia é, em sua essência, múltipla, comunicativa, e oscila entre várias [pro]posições: memória, documento, expressão e arte” (HORN, 2021, p. 89/90). Um momento de transição, onde as fronteiras entre as diferentes vertentes fotográficas são cada vez mais tênues.

Com a diversidade de dispositivos tecnológicos, a fotografia entra num outro patamar. No fim do século 20, a fotografia era associada à documentação da vida, do mundo e, após mudanças e crises sociais, políticas, econômicas e culturais, passou a ser um discurso visual. Apesar do tema história da fotografia estar aos poucos sendo inserido nos livros didáticos e no currículo escolar, poucos nomes que

fizeram história na fotografia brasileira e mundial são citados. Pouco se é trabalhado historicamente sobre o advento da fotografia.

Dentro da concepção histórico-crítica, a educação tem o objetivo de construir na consciência do indivíduo a imagem do mundo em que vive. De acordo com Pasqualini e Lavoura, apud Hermida (2021), a consciência da pessoa é o “quadro ou retrato do mundo que se desenrola diante dela”. Com isso, através da fotografia, a intenção é fazer com que esse mundo abranja a pessoa, suas ações e estados e sua interação com o mundo em que vive. É com esse mundo exterior, no que o estudante vive, que pretendo trabalhar a fotografia em sala de aula, através da disciplina de Arte, fazendo com que o aluno consiga, de alguma forma, apresentar através de imagens a sua representação de mundo, tomando consciência de que faz parte da sociedade.

Por meio da arte o homem cria e torna-se consciente de que faz parte da sociedade, interpretando o mundo e a si mesmo. No ambiente escolar muitas são as interpretações da disciplina, mas o essencial é que ela faz parte de nossa vida, é necessária e às vezes não a percebemos (BIAVATTI e WIELEWSKI, 2016. p.140, apud MATOS, 2016)

Entretanto, para muitos docentes, o tema fotografia pode parecer complicado para lecionar, justamente devido à formação e à falta de conteúdos a respeito do tema. O que se sabe, atualmente, é que a fotografia está fortemente presente no dia a dia da sociedade. E é justamente pensando nessa inserção da fotografia na vida das pessoas que pretendi levar o tema para estudo da minha dissertação, buscando descobrir de que forma o olhar para a fotografia pode ser desenvolvido, com alunos do 9º ano da EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, em Tubarão (SC), a partir de uma proposta pedagógica.

Ao longo da história, o ensino da arte foi se transformando e a fotografia passou a fazer parte das artes visuais, adentrando ao currículo, apesar da defasagem em conteúdos a respeito do tema, bem como de propostas de atividades para serem aplicadas em sala de aula com os alunos. No ensino de arte, as imagens fotográficas são recursos recorrentes em sala de aula, como apoio ao docente para trabalhar os conteúdos, seja através de reproduções de obras ou imagens ilustrativas. As experiências, ao longo da minha vida profissional como fotógrafa, professora e jornalista, foram virando alicerces para colocar em prática algumas atividades fotográficas em sala de aula.

Embora exista uma forte crítica da Pedagogia Histórico-crítica acerca da Base Nacional Comum Curricular (2020), o documento tem força de lei. Nele, “(...) as Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação”. Assim, segundo consta no documento, essas manifestações são resultados de transformações de materiais, apropriações da cultura cotidiana e explorações plurais, bem como transformações e explorações de recursos tecnológicos. Tudo com a intenção de dar oportunidade aos discentes de explorar as múltiplas culturas visuais, ampliando os limites escolares e criando formas de interação artística.

De acordo com Hillesheim (2015, p. 276), “a escola que se propõe a contribuir socialmente atuando na formação de indivíduos com iniciativa para buscar soluções e resolver conflitos de diferentes ordens [...] precisa necessariamente planejar um ensino que potencialize a atividade criadora”. Ainda há muito o que se trabalhar para mostrar o quanto a disciplina de Arte - e suas linguagens - é importante para a vida e o quanto foi essencial no desenvolvimento da história da humanidade. Essa inserção da disciplina no currículo escolar possibilita ao aluno o conhecimento artístico, a vivência e criação das diferentes linguagens artísticas, incluindo a fotografia. Tudo isso, conforme Biavatti e Wielewski (2016), leva o discente a desenvolver uma sensibilidade, por meio da capacidade sensorial, e o faz refletir e analisar a realidade e compreender as obras artísticas criadas ao longo da história.

Sabe-se que a arte tem um efeito profundo no ser humano e, principalmente, nos aspectos da psicologia. Para Fonseca da Silva (2017), a arte atua sobre o pensamento e a vontade, não somente sobre o sentido e a imaginação. Mais do que isso, tem uma importância significativa para a consciência e autoconsciência do sujeito e sua formação, embora ainda muitas pessoas acreditem que seja meramente decorativa ou sem importância. Algo bastante comum de se ouvir, por exemplo, em conversas em salas de professores ou demonstrado através de comentários como: “é só aula de arte” ou “para que ter aula de arte?”. Contudo, o ensino de arte é, de acordo com a autora (2017), um meio poderoso para desenvolver a humanidade com plenitude e harmonia no ambiente escolar. Imaginação e emoção devem andar junto com o estudo sistemático das teorias da arte.

Com isso, a arte, segundo Fonseca da Silva (2017), desenvolve a compaixão, sensibilidade emotiva e oferece uma ampliação da experiência do

homem, revelando sentimentos que antes eram desconhecidos. Além disso, é através da atividade criadora que o homem consegue olhar para o futuro e, consequentemente, mudar o que viveu a partir das experiências anteriores. Segundo a autora (2017), isso é necessário para que ele possa compreender a cultura. Horn (2022), por sua vez, acrescenta que o professor deve conduzir a mediação pedagógica como forma de possibilitar ao aluno a apropriação dos conhecimentos produzidos ao longo da história, conhecimentos estes que são essenciais para o entendimento da realidade humana e humanização e da condição para lutar pela superação das desigualdades vividas no capitalismo.

Para Abrantes (2018), a pedagogia histórico-crítica se fundamenta em formar o estudante para a luta, para transformar a realidade e que só acontece quando há a compreensão radical dos fatos do mundo. Segundo ele, esse método acaba se articulando com o projeto de revolucionar a maneira de produzir e reproduzir a existência, “concebendo a prática educativa como mediação fundamental e inerente ao processo de superação da sociedade mercantil” (ABRANTES, 2018, p. 102). Portanto, mais do que apenas ensinar os conteúdos, é necessário educar transformando, fazendo o aluno apropriar-se de modo crítico das conquistas históricas e rompendo com visões de mundo e práticas de dominação e exploração.

Na perspectiva metodológica do educar transformando, a instituição escolar, em nenhum de seus níveis, poderia caracterizar-se e orientar-se pela produção de relações sociais adaptativas às tendências hegemônicas da sociedade de classes na particularidade da formação social atual, visto que essas relações são predominantemente desumanizadoras. (ABRANTES, 2018, p. 102)

E a arte tem esse poder de, ao lado da filosofia e ciência, socializar “instrumentos” sintetizados de modo que ocorra “o processo de *incorporação* em cada estudante da *riqueza humana produzida historicamente e socialmente*” (SAVIANI, apud ABRANTES, 2018, p. 103). Assim, a escola tem o papel de auxiliar na socialização, criação, transformação e no conhecimento científico, sendo ainda uma reflexão subjetiva que respeita a realidade atual. Através do ensino da fotografia pelo método da pedagogia histórico-crítica, a intenção é promover a organização e planejamento das relações sociais no plano pedagógico, como forma de articular com uma visão de mundo e sociedade.

É importante salientar que não há aula sem conteúdos de ensino. A escolha do que será trabalhado é o que irá mediar as relações sociais na educação. Ao mesmo tempo, segundo Abrantes (2018), a aula também não se identifica com o conteúdo, “visto que ela se caracteriza como um processo de relações humanas organizado didaticamente para permitir a apropriação dos conteúdos e sua experimentação pelos estudantes” (ABRANTES, 2018, p. 107), como forma de vincular os conteúdos com fenômenos e objetos da realidade. O ensino da fotografia no ensino de arte, pode ser essencial para que o estudante possa ampliar seus conhecimentos e transformar a realidade, levando em conta ainda o desenvolvimento psíquico dos alunos. Segundo Bucci (2021, p. 22), “(...) olhar para uma imagem é - rigorosamente - trabalhar para que aquela imagem adquira sentido, é fabricar significação”. E reitera que “a ação do olhar, mais do que ver isso ou aquilo, é tecer um sentido para isso e aquilo”. Quando se olha para as imagens que estão ao nosso redor, no mundo, explica Bucci (2021), são estabelecidos sentidos a essas imagens. Assim, aprendemos o que significa determinada imagem à medida que a olhamos, constituindo seu sentido.

Com isso, pretendi elaborar uma prática pedagógica dentro da pedagogia histórico-crítica voltada ao desenvolvimento desse olhar crítico perante a realidade em que o aluno está inserindo, percorrendo brevemente pela história da fotografia, da câmara escura ao surgimento das primeiras câmeras fotográficas e imagens, correlacionando com a história dos retratos (pinturas), bem como abordando a vida profissional de alguns fotógrafos relevantes, que são inseridos atualmente nas aulas. Pretendi ainda desenvolver no aluno um diferente olhar sobre a fotografia, com atividades de percepção do olhar através do enquadramento; da memória fotográfica até a apresentação dos equipamentos nas mais distintas épocas até as atuais. Segundo Biavatti e Wielewski (apud Matos, 2016, p. 145), “(...) é de suma importância ampliar e possibilitar aos alunos o saber e a apropriação do conhecimento estético”. Todo saber deve ser contextualizado histórica e socialmente, para poder refletir e produzir outras formas de interpretação, sensibilização e leitura, de forma que o estudante compreenda a realidade em que vive e consiga transformar a sociedade. E a fotografia pode ajudá-lo a enxergar essas possibilidades e a desenvolver a sua criticidade.

4 DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã
(HOLANDA, 1971).

Fotografar é apropriar-se
da coisa fotografada.
(SONTAG, 1977).

Através do ensino da fotografia fundamentado na pedagogia histórico-critica, a intenção foi promover a organização e planejamento das relações sociais no plano pedagógico, como forma de articular com uma visão de mundo e sociedade. A prática pedagógica desta dissertação foi desenvolvida no Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti, de Tubarão (SC), com alunos do 9º ano do ensino fundamental, do período matutino. Dentro da prática pedagógica elaborada com os alunos, foi estimada a realização de 12 (doze) aulas, de 45 (quarenta e cinco) minutos cada, totalizando seis semanas, uma vez que a disciplina é ministrada duas vezes por semana. Além disso, os alunos também fizeram parte da atividade fora do ambiente escolar, ao entrevistarem pessoas do âmbito familiar ou do círculo de amizade sobre o cotidiano, bem como ao fotografarem, assim como desenvolveram a prática da fotografia fora do ambiente escolar.

A escolha da turma se deu pela demonstração do interesse, por parte dos alunos, ao tema. Conversando com os alunos algumas semanas antes, onde eu contava minha experiência como fotógrafa e sobre as fotos que eu gostava de fazer, eles disseram que gostavam de usar o celular para fotografar e pediram, inclusive, que eu levasse, qualquer dia, meus equipamentos. A partir disso, decidi que seria a turma para o desenvolvimento desta prática pedagógica. A idade também foi um dos motivos, uma vez que eles conseguiam ter uma visão mais crítica diante do espaço escolar, da comunidade e das imagens mostradas em sala de aula, o que poderia ser

uma dificuldade maior com alunos de outras séries.

Na primeira aula, antes de iniciar efetivamente o desenvolvimento da proposta, expliquei aos alunos que as próximas aulas seriam para eu desenvolver uma pesquisa aplicada para a minha dissertação do mestrado e conversei sobre os objetivos e metas ao longo do período. Eles ficaram bastante empolgados com o momento em que falei que teríamos algumas atividades práticas, com uso de aparelhos de celular e equipamentos fotográficos, e que sairíamos da sala de aula para explorar a escola. Alguns perguntaram, inclusive, quando seria e se iria demorar para a realização da mesma. Um dos estudantes contou que gosta muito de fotografar e que tem interesse de realizar um curso e indagou, inclusive, se havia faculdade de fotografia, onde poderia fazer e como era o trabalho de fotógrafo. Expliquei que tudo isso seria abordado também durante o desenvolvimento das atividades.

Uma das dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento do trabalho foi justamente no número de alunos. Quando escolhi a turma por terem interesse ao tema, tinha cerca de 32 alunos. Destes, cerca de 70% entregaram todas as atividades completas, conforme solicitado; outros 30% não completaram todas ou terminaram apenas parte das atividades durante o período de desenvolvimento da prática. Um fator que, acredito, foi causador desse problema de entrega/finalização dos trabalhos foi o grande número de faltas, pois a cada semana tinha alguns alunos que faltavam e isso atrapalhou o desenvolvimento da proposta, pois estes começavam e não conseguiam terminar a tempo.

Por ser uma turma grande – era uma das maiores turmas da unidade escolar – o grupo era bem agitado, fator que por vezes dificultou o trabalho. Confesso que, no meio do caminho, a intenção era mudar de turma, pegar uma menor. Mas coloquei como desafio e consegui desenvolver toda a proposta com eles. Contudo, ainda assim, mesmo agitados, durante as aulas expositivas prestavam atenção, o que me animou a continuar. Os estudantes questionavam, interagiam e levantavam discussões, mediadas pela professora. Assim, com a teoria e prática aliadas durante a aula, promovendo discussões e reflexões, a partir da concepção da pedagogia histórico-crítica, os alunos ampliaram o conhecimento e repertório diante da fotografia. Claro que uma única experiência não nos possibilitaria o pleno desenvolvimento da pedagogia proposta, mas pudemos refletir sobre o percurso na busca de qualificar ainda mais a docência em arte. Com isso, a intenção foi elaborar uma prática

pedagógica dentro da Pedagogia Histórico-Crítica voltada ao estudo e conhecimento dos conteúdos de arte voltados à fotografia. Assim, definimos a necessidade de conhecer a história da fotografia - da câmara escura ao surgimento das primeiras câmeras fotográficas e imagens, os tipos de fotografia (documental, artística, cotidiana etc) -, assim como correlacionar a história da pintura com a da fotografia. Além disso, também foi pretendido abordar sobre a vida e obra do fotógrafo Tom Hunter, que realiza uma espécie de releitura das obras de Jan Vermeer; e ainda desenvolver no aluno um olhar apurado sobre a fotografia, com atividades de percepção através do enquadramento; da memória fotográfica até a apresentação dos equipamentos nas mais distintas épocas até as atuais, como abordado mais profundamente no capítulo I. Assim, neste capítulo pretendeu-se descrever aula por aula a proposta desenvolvida, da qual atuei como professora moderadora durante todo o processo. Nesse percurso, buscamos evidenciar as escolhas didáticas e a reflexão produzida no processo a fim de colaborar para a ampliação dos conhecimentos relativos a fotografia e sua usabilidade na sociedade contemporânea.

4.3 Planejamento pedagógico desenvolvido em sala e descrição das aulas

Este planejamento pedagógico foi desenvolvido por mim, professora de arte, a ser abordado com os estudantes do 9º ano da Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti, durante 12 encontros, sendo dois por semana em aulas-faixas, ou seja, aulas seguidas. As aulas e atividades ocorreram no terceiro trimestre, entre março e abril de 2023, em cerca de seis semanas. Foram utilizados vários recursos pedagógicos para o desenvolvimento das atividades no decorrer desse período, como livros didáticos, imagens apresentadas através de slides criados por mim para apresentações em datashow, equipamentos fotográficos, como câmeras, flashes, lentes, entre outros, aparelhos de celular, música, caderno, papel A4 e lápis de cor. Fizemos, ainda, saídas a campo para aulas práticas de fotografia. Abaixo serão apresentadas as atividades realizadas durante os encontros e a organização da proposta pedagógica das aulas.

4.3.1 Encontros 1 e 2: Breve história da fotografia e equipamentos

Quadro 1 - Plano das aulas 1 e 2

<p>Escola: Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti</p> <p>Tema: Introdução à Fotografia</p> <p>Conteúdo: História da Fotografia</p> <p>Componente curricular: Arte</p> <p>Turma: 9º ano – ensino fundamental</p>
<p>Objetivo Geral: proporcionar aos alunos o conhecimento geral sobre a fotografia e sua história, provocando a curiosidade quanto às câmeras do passado e as atuais e ainda experimentarem a sensação do contato direto com os equipamentos, tanto os antigos quanto os mais recentes.</p>
<p>Descrição das aulas: Na primeira aula, será abordada a história da fotografia, desde a criação até os dias atuais, fazendo alusão ao avanço tecnológico e aos aparelhos de smartphones. A leitura de um texto do livro didático (figuras 14 e 15) será realizada, para, posteriormente, os alunos opinarem a respeito da fotografia. Na segunda aula, equipamentos fotográficos antigos e atuais serão mostrados.</p>
<p>Materiais necessários: Livro didático, Datashow e equipamentos fotográficos antigos e atuais.</p>
<p>Avaliação: Observação do comportamento dos alunos diante dos equipamentos fotográficos, bem como o interesse pela história da fotografia e o avanço da tecnologia.</p>
<p>Referências utilizadas:</p> <p>KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.</p> <p>MAUAD, Ana Maria. Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.</p> <p>SONTAG, Suzan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.</p> <p>Livro didático Arte por toda a parte, editora FTD</p>

Descrevendo o processo pedagógico:

A primeira pergunta que fiz ao entrar na sala de aula da turma do 9º ano foi: de que forma a fotografia está presente no seu dia a dia? Alguns alunos responderam que não sabiam, outros começaram a dizer que fotografavam a si mesmos pelo celular, as selfies. A partir disso, todos lembraram de momentos em que fotografam ou são fotografados. Expliquei, então, que a fotografia está diariamente inserida na nossa vida, seja através dos jornais que lemos, com as fotografias jornalísticas, das placas de publicidade no caminho casa/escola, dos posts nas redes sociais, entre outros exemplos citados. Conversamos, inclusive, que há muitas cenas incríveis a serem fotografadas, todos os dias, bem à nossa frente, mas que a correria do dia a dia e o hábito de fazer sempre as mesmas coisas, percorrer os mesmos caminhos, acabam nos deixando acostumados e não percebemos. Nesse momento, alguns estudantes alegaram gostar muito de fotografar e ter interesse de aprender e/ou seguir a profissão de fotógrafo, questionando se havia cursos de graduação de fotografia ou cursos técnicos.

A partir desse questionamento e das reflexões acerca de como a fotografia está inserida na sociedade e no nosso dia a dia, comecei a abordar um pouco sobre a história da fotografia, desde a criação da câmara escura até o surgimento das primeiras câmeras fotográficas e fotografias. A aula foi expositiva e dialogada, com uso de bibliografias específicas de fotografia, livro didático e recursos tecnológicos, como datashow, e imagens relacionadas ao assunto (slides).

Um texto foi lido pelos alunos sobre a fotografia e sobre seus precursores – o francês Joseph Nicéphore Niépce, que fez a primeira fotografia – considerada a primeira da história - em 1826; Louis Jacques Mandé Daguerre, que construiu o daguerreótipo, algo como uma versão primitiva da câmera fotográfica, e posteriormente foi realizado um rápido debate sobre o tema, bem como sobre o avanço da tecnologia.

Figura 15 - Leitura do texto *Fotografia: o mundo visto pela lente*, do livro didático *Arte por toda a parte*, editora FTD, capítulo 5 A arte em sua forma, a forma em sua arte, página 215



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 16 - Texto Fotografia: o mundo visto pela lente, do livro didático Arte por toda a parte, editora FTD, capítulo 5 A arte em sua forma, a forma em sua arte, página 215



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Enquanto conversávamos sobre o assunto, mostrei imagens das câmeras e os estudantes questionaram sobre o funcionamento das primeiras câmeras, bem como sobre como eram retratadas as pessoas e os lugares antes do advento da fotografia. Numa breve explicação, falei sobre os pintores de retratos e autorretratos, citando alguns artistas, como Rembrandt, pintor barroco mestre da luz e sombra; Caravaggio, mestre da luz na pintura, também do período Barroco e que expressou forte realismo em suas obras, e mostrando algumas de suas obras, respectivamente. Ao ver as imagens, eles falaram que pareciam até mesmo fotografias, pela iluminação usada na pintura, pela cena em si (sem ser posada, como se fosse natural) e pela perfeição dos rostos e corpos.

Figura 17 - Reprodução da obra *Vocação de São Mateus* (1599-1600), de Michelangelo Merisi Caravaggio. Dimensões: 340 x 322 cm. Acervo: Igreja São Luis dos Franceses, em Roma.



Fonte: Google, 2023.

Figura 18 - Reprodução da obra *Narciso* (1594-1596), de Michelangelo Merisi Caravaggio. Dimensões: 110 x 92 cm. Acervo: Galeria Nacional de Arte Antiga, em Roma.



Fonte: Google, 2023.

Figura 19 - Reprodução da obra *Autorretrato* (1660), de Rembrandt Harmenszoon van Rijn. Dimensões: 80,3 x 67,3 cm. Acervo: Metropolitan Museum of Art, Nova York.



Fonte: Google, 2023.

Também foi abordado durante a conversa sobre o fato de Leonardo da Vinci, no século 15, ter descrito o método e os efeitos da câmara escura. Ele havia constatado que, se na janela de um quarto totalmente escuro fosse recortado um pequeno furo, a imagem do que estava do lado de fora da janela seria projetada na parede dentro do quarto. Só que de cabeça para baixo. As proporções, no entanto, seriam perfeitas. Quanto à primeira fotografia do mundo, intitulada “Vista de Le Gras a partir de uma janela”, expliquei que foi feita por Joseph Nicéphore Niépce e como se sucedeu o processo. Na ocasião, ele colocou uma folha de papel sensibilizado quimicamente dentro de uma câmara primitiva apontada para uma mesa posta em seu jardim. Depois de várias horas, ficou gravada no papel uma tênue imagem, considerada hoje a primeira fotografia do mundo. Durante a apresentação da primeira fotografia do mundo, de Niépce, os alunos tentaram identificar o que apareciam na imagem, se havia pessoas, animais ou objetos. Nesse momento, deixei a imaginação

dos alunos fluir e várias citações foram feitas: “Ah, professora, eu vejo torres de um castelo”; “No meio, parece uma praça triangular”; ou “Estou vendo telhados e janelas, com uma árvore perto da edificação”, entre outros.

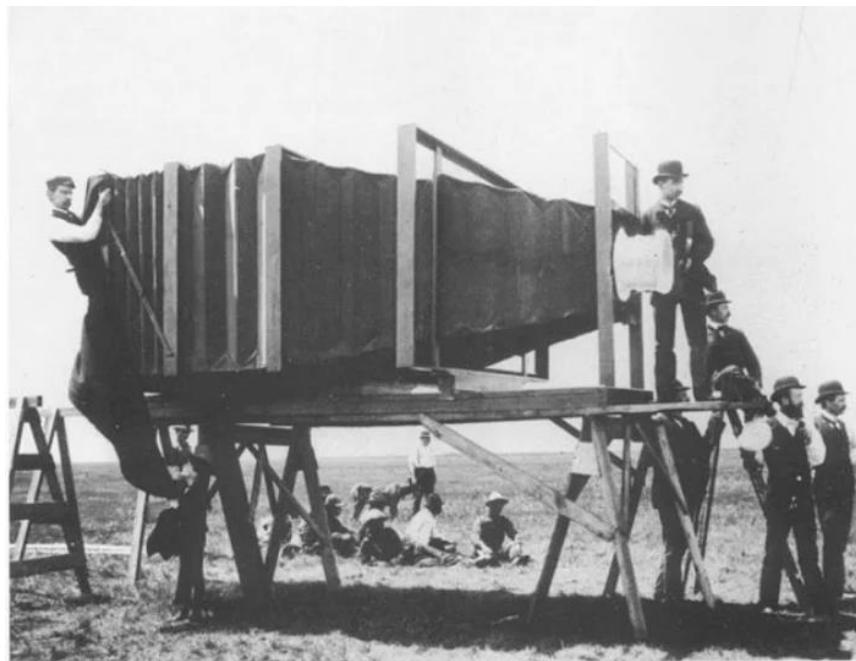
Figura 20 - Primeira fotografia do mundo, intitulada “Vista de Le Gras a partir de uma Janela”, realizada por Joseph Nicéphore Niépce, em 1826



Fonte: <https://citaliarestauro.com/joseph-niepce-primeira-fotografia/>. Acesso em 10 de março de 2023.

Quando mostrei a imagem da maior câmera fotográfica do mundo no slide, os alunos ficaram admirados. Expliquei que foi criada pelo fotógrafo e pesquisador George Raymond Lawrence, no início do século XIX. A maior câmera fotográfica do mundo foi chamada de Mamute, com mais de quatro metros de comprimento e pesando 640 quilos. O artefato foi desenvolvido a pedido da companhia ferroviária Chicago & Alton Railway, exclusivamente para fazer o registro da locomotiva “The Alton Limited”, um grande símbolo do desenvolvimento ferroviário americano. Eles questionaram, então, sobre como alguém conseguiu criar algo tão grandioso e que realmente havia funcionado e de que forma era possível carregar algo desse tamanho. A cara de espanto e admiração tomou conta da sala de aula no momento em que mostrei a imagem. Um aluno acrescentou: “E dizer que hoje a gente consegue fazer fotos do celular, né?”.

Figura 21 - A primeira maior câmera fotográfica do mundo, criada pelo fotógrafo e pesquisador George Raymond Lawrence

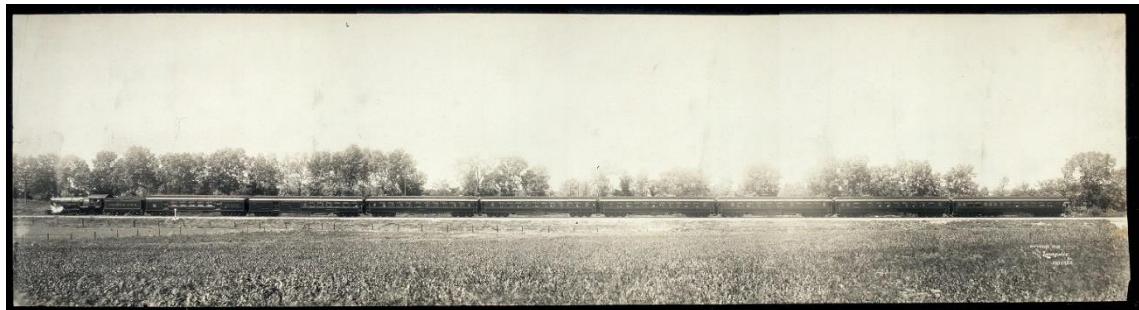


Fonte: <https://www.resumofotografico.com/2013/03/camera-mamute.html>. Acesso em 10 de março de 2023.

Continuei explicando que a construção da câmera custou cerca de 5 mil dólares (equivalente ao valor de uma casa na época) e contou com a participação de J.A. Anderson, renomado fabricante de lentes. Foram necessários cerca de 15 homens para mover e operar o equipamento e para deslocar, precisou ser de vagão de trem. O único negativo empregado no aparato media 1,35 x 2,40 m e necessitou de 45 litros de produtos químicos para ser revelado. Além disso, a imagem foi premiada no Grande Prêmio Mundial para a Excelência Fotográfica na Exposição Universal de Paris, em 1900.

Após todos esses momentos, os alunos relataram achar muito curioso o fato da primeira maior câmera fotográfica pesar mais de 600 quilos e precisar de cerca de 15 pessoas para mover o equipamento. Segundo eles, nem imaginavam que existiu uma câmera tão grande, com essas dimensões e peso, pois nunca tiveram curiosidade de pesquisar sobre o tema na internet ou em livros.

Figura 22 - Fotografia realizada pela câmera Mamute da locomotiva "The Alton Limited"



Fonte: <https://www.resumofotografico.com/2013/03/camera-mamute.html>. Acesso em 10 de março de 2023.

Depois de mostrar as imagens e falar sobre os fatos históricos através de slides, foi passado um vídeo sobre a história da fotografia, intitulado “Quem inventou a fotografia? Como a imagem é capturada?”, do canal do Youtube “Invenções na História” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DImWgltHQmA>).

Figura 23 - Alunos na sala multimídia para ver o vídeo “Quem inventou a fotografia? Como a imagem é capturada?”, do canal do Youtube “Invenções na História”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na sequência desta prática pedagógica, mais precisamente na segunda aula – uma vez que são aulas-faixa – organizei alguns equipamentos fotográficos antigos e atuais na mesa do professor. Dentre os equipamentos, estavam câmeras das décadas de 80 e 90, em que era necessário o uso de rolos de filmes fotográficos,

e dos anos 2000, já digitais e com uso de pequenos cartões memória. A cada equipamento mostrado, expliquei como funcionava, desde a colocação do filme até o disparo e o processo de revelação das fotografias. Também foram mostrados o filme fotográfico, negativos, disquetes e aparelhos de celular antigos, analógicos, com e sem câmeras.

Na década de 90, as câmeras fotográficas eram analógicas, com uso de filmes fotográficos de 12, 24 e 36 poses. O filme era encaixado na câmera e, a cada clique, rodava, passando para a próxima pose. Ao término, o filme era rebobinado e retirado da câmera, sendo levado para uma loja especializada para revelação. Na época, o tempo de revelação era, em média, de uma semana. Pouco mais tarde, com o avanço da tecnologia, passou para 24 horas e, depois, para uma hora.

No início dos anos 2000, as câmeras fotográficas começaram a evoluir. Uma nova geração chegava, já digital, no entanto, ainda com poucos recursos e cartões de memória com pouco espaço. A tecnologia da época permitia que o fotógrafo fizesse a imagem e visualizasse no mesmo momento, sem a necessidade de levar para uma loja especializada em revelação, uma vez que já era possível baixar as imagens no computador. A partir daí, a evolução tecnológica foi aumentando e câmeras de última geração foram surgindo e, inclusive, evoluindo para os aparelhos de telefonia celular.

A curiosidade dos alunos quanto ao funcionamento de cada equipamento era grande e muitas foram as perguntas, principalmente referentes aos processos de revelação. Contei para eles que durante a disciplina de fotografia, na faculdade de jornalismo, íamos para a sala escura para revelar os filmes das fotos que fazíamos durante as aulas e expliquei um pouco do processo e como era ter que fazer tudo na sala escura. Em seguida, mostrei meus equipamentos fotográficos - mais avançados, dos dias atuais, como câmeras profissionais. Dos equipamentos que levei, estavam uma câmera fotográfica Canon T5i, lentes 50mm, 24mm, 70-200mm, 18-55mm, bem como uma GoPro, cartões de memória, câmera Canon PowerShot, aparelho de celular iPhone 7, entre outros.

Figura 24 - Câmeras fotográficas das décadas de 80, 90, anos 2000 e atuais



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 25 - Câmeras fotográficas das décadas de 80, 90, anos 2000 e atuais

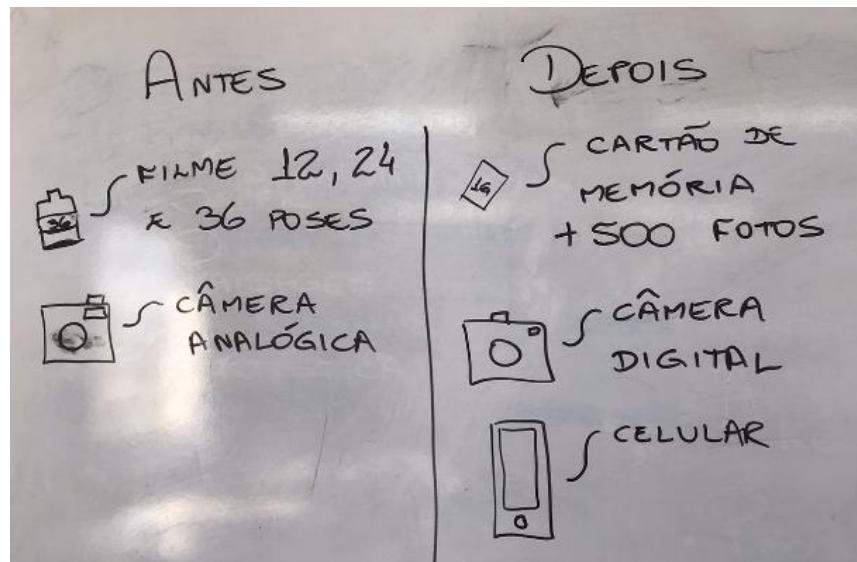


Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Enquanto mostrava os equipamentos e explicava sobre o funcionamento de cada um, fiz um esquema no quadro, para comparar o avanço da tecnologia.

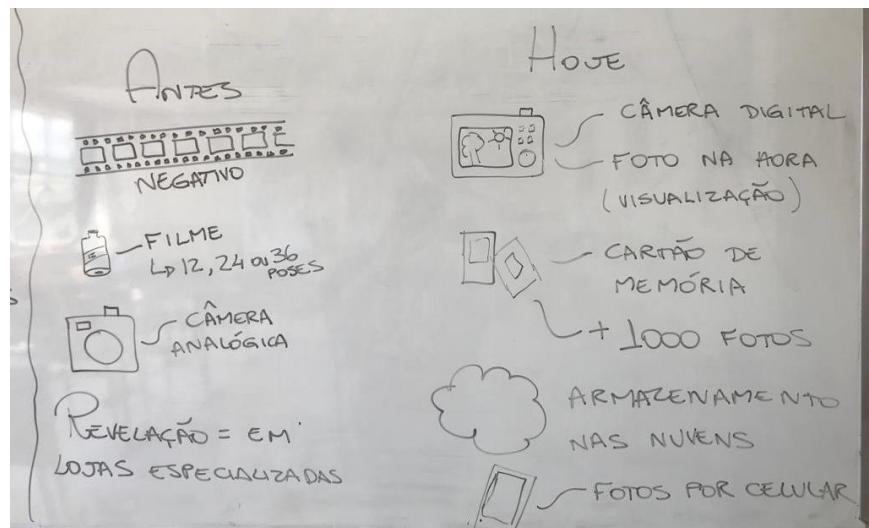
Durante a conversa, notei que os alunos ficaram completamente interessados nas diferenças dos equipamentos no decorrer dos anos e enquanto o avanço tecnológico modificou todo o processo fotográfico, desde o click até o momento de visualizar a imagem.

Figura 26 – Primeiro esquema no quadro sobre o avanço da tecnologia na fotografia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 27 - Esquema melhorado no quadro sobre o avanço da tecnologia na fotografia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mas, o momento mais interessante enquanto professora foi quando eles

interagiram com os equipamentos. Depois de explicar sobre o funcionamento dos mesmos, os alunos puderem se aproximar da mesa e tocar nos objetos, para entender o funcionamento, sentir o peso, textura, enxergar no visor etc. Quanto aos equipamentos profissionais, os estudantes puderam fotografar os colegas, a sala de aula, entender como se trocam as lentes, entre outros.

Com esta aula, os alunos puderam conhecer a diferença entre os equipamentos, o avanço tecnológico e as facilidades que as pessoas foram tendo ao longo do “boom” da tecnologia. Eles ainda tocaram e até fotografaram com a Canon, como forma de experimentar o antigo e o atual.

Figura 28 - Aluno "fotografando" com câmera analógica



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 29 - Aluna conhecendo o negativo do acervo da professora



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Os alunos relataram que, dos equipamentos mostrados, alguns eram “familiares”, uma vez que os pais ou avós, ou mesmo outros parentes, tinham alguns desses equipamentos em determinado período da vida deles. Poucos contaram já ter tido a experiência de ser fotografado por algum fotógrafo profissional, tendo contato com algum equipamento dos dias atuais, enquanto a maioria afirmou ter contato pela primeira vez. O que mais me encantou, enquanto professora, foi o brilho nos olhos dos alunos ao conhecêrem de perto, tocarem e fotografarem com os equipamentos profissionais. Todos ficaram bem curiosos sobre o funcionamento, sobre as lentes e foco. Alguns até falaram que se interessaram a fazer um curso de fotografia e que adoraram a aula. Segundo eles, a experiência de ter o contato direto com os equipamentos foi incrível, diferente, já que estão acostumados aos aparelhos de celular. Ao término da aula, eles ficaram questionando quando que iriam sair da sala

de aula para fotografar, o que me empolgou ainda mais a desenvolver essa prática pedagógica.

4.3.2 Encontros 3 e 4: tipos de fotografias

Quadro 2 - Plano das aulas 3 e 4

<p>Escola: Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti</p> <p>Tema: Diferentes tipos de fotografias</p> <p>Conteúdo: Fotografia</p> <p>Componente curricular: Arte</p> <p>Turma: 9º ano – ensino fundamental</p>
<p>Objetivo Geral: proporcionar aos alunos o conhecimento geral sobre diferentes tipos de fotografias nos dias de hoje e suas funções, como: de eventos, paisagem, documental, espacial, de esportes, jornalística, artística, publicitária, etc., com uso de imagens que exemplifiquem cada uma, e abordando sobre a relevância de cada uma no dia a dia e no mundo da arte.</p>
<p>Descrição das aulas: No terceiro encontro, foi conversado sobre os tipos de fotografia e a relevância que têm para a sociedade. Foram mostrados exemplos de fotografias. Na quarta aula, primeiro foi mostrada uma charge para os alunos refletirem sobre a importância do trabalho do fotógrafo; foi falado sobre sua função e abordado sobre a história e obras de alguns fotógrafos profissionais.</p>
<p>Materiais necessários: Datashow, quadro branco e charge e imagens fotográficas.</p>
<p>Avaliação: Interesse pela descoberta dos diferentes tipos de fotografia.</p>

Referências Bibliográficas:

- GAUTIER, Maria. Claude Batho. Portal Aware. Disponível em: <https://awarewomenartists.com/>. Acesso em maio de 2023.
- KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- MAUAD, Ana Maria. Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- SALGADO, Sebastião. Da minha terra à Terra. São Paulo: Paralela, 2013.
- SONTAG, Suzan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- Livro didático Arte por toda a parte, editora FTD

Descrevendo o processo pedagógico:

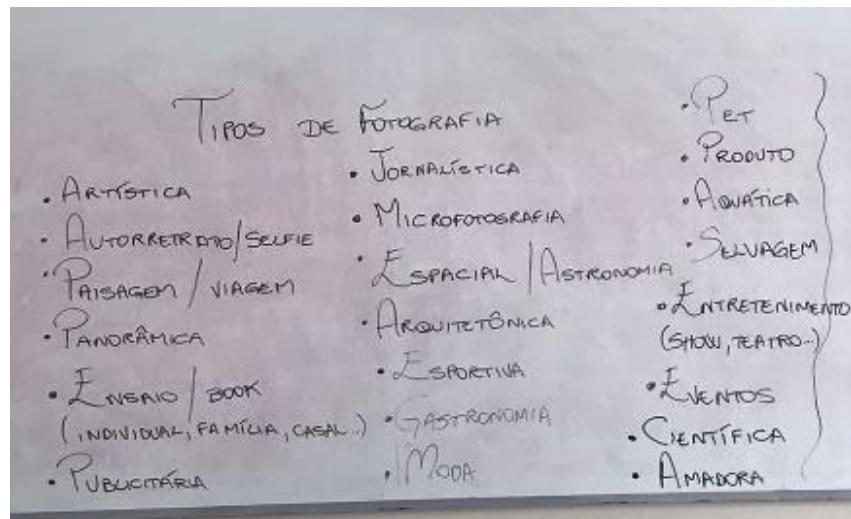
No terceiro encontro do desenvolvimento da proposta, a ideia era apresentar os diferentes tipos de fotografias nos dias de hoje e suas funções, como: fotografia de eventos, paisagem, documental, espacial, esportes, jornalística, artística, publicitária, etc., com o uso de imagens exemplificando cada uma. Iniciei conversando com eles sobre nossos encontros anteriores e eles, novamente, afirmaram que foi muito boa a aula. Então, indaguei num primeiro momento sobre quais tipos de fotografias (categorias) eles achavam que existiam, pergunta que eles responderam apenas “de paisagem e de pessoas”. Perguntei quais tipos de fotografia eles conheciam que não fossem apenas de paisagem e pessoas. Eles ficaram me olhando com dúvida, com uma certa dificuldade de responderem ou receio de falarem coisas erradas, mas pedi para eles pensarem nos tipos de fotos que geralmente aparecem nas suas redes sociais, como Instagram e/ou TikTok. Na sequência, começaram a citar exemplos de imagens que eles veem todos os dias de perfis que seguem nas redes sociais.

Observei que, a partir do momento em que exemplifiquei com as redes sociais, eles tiveram muito mais facilidade de identificar os tipos de fotografias, uma vez que estão habituados a visualizarem em suas “time lines”, seguirem perfis específicos, como moda, pet, gastronomia, entre outros. Enquanto eu não dei esse

exemplo, eles não conseguiram exemplificar os tipos de fotografias existentes. À cada palavra que falavam, íamos anotando no quadro. “Professora, foto de gato e cachorro vale?”, “E de comida, profe?”, “Ah, tem aquelas fotos de prédios e tal. Também é um tipo de fotografia?”, foram alguns questionamentos. Na imagem abaixo (figura 16), alguns exemplos de tipos de fotografias que eles conseguiram lembrar e que fomos apontando na lousa.

Após escrever no quadro, pedi para eles copiarem no caderno e fomos conversando sobre a importância de cada tipo de fotografia para o registro histórico ou pessoal, mostrando exemplos através de slides que criei para as aulas.

Figura 30 - Explicação sobre os tipos de fotografia, com anotações no quadro à medida que os alunos foram lembrando



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Com fotografias feitas por mim como fotógrafa profissional, em diferentes momentos, algumas a trabalho e outras por hobby – para treinar meu olhar (figuras 17 a 25), fui conversando com eles sobre as categorias de cada uma, como foram feitas, questionando que título dariam para elas e se fariam de forma diferente. Mostrei algumas fotografias que fiz de paisagens, flores e diferentes fases da lua – esta última uma das minhas favoritas e que está virando um projeto fotográfico chamado “As fases da Lua”. No início, achei que seria meio prepotente de minha parte mostrar algumas imagens feitas por mim, mas eles já haviam demonstrado curiosidade de ver fotografias que eu havia feito e, então, selecionei as que eu considero como minhas

favoritas, apesar de ter muitas que gosto verdadeiramente. Então, fiz uma seleção de imagens, abrangendo cada tipo e mostrei através de slides.

Após mostrar as fotografias, perguntei quais eram as considerações deles e o que acharam das fotos. Os estudantes falaram que as imagens superaram as suas expectativas, principalmente as da lua e de flores, em que usei zoom específico para aproximar bem e captar as imagens. Aproveitei o momento e expliquei quais lentes e câmeras foram usadas nestes momentos. “Nossa, dá pra ver até as crateras”, disse um aluno sobre uma das fotos de lua; “Como a senhora consegue aproximar tanto?”; “Oh, profe, a lua fica com cores diferentes nas imagens, né?”; “Eu gostei mais a que aparece a mosca”, acrescentou outro aluno.

Figura 31 - Fotografia O Barquinho, de paisagem/viagem, feita em São Francisco do Sul pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 32 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 33 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.



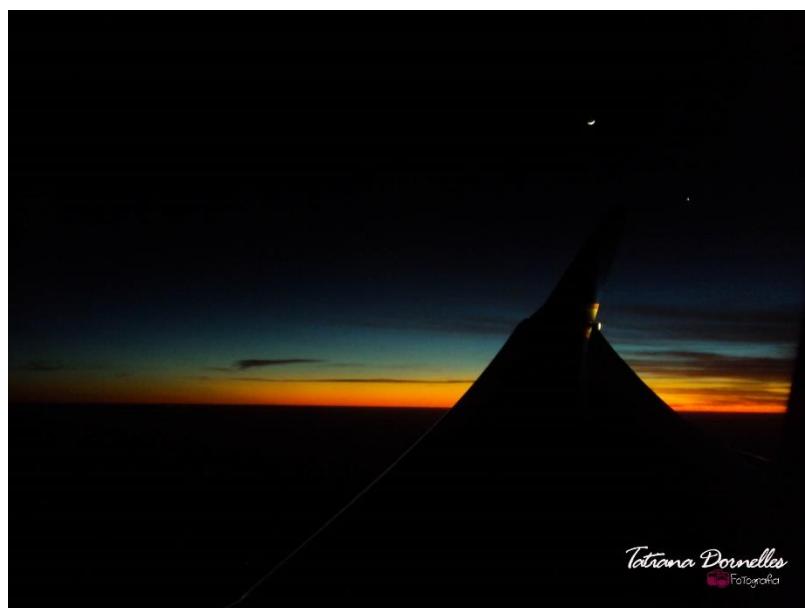
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 34 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 35 - Fotografia para o projeto Fases da Lua, de astronomia, feita professora/fotógrafa Tatiana Dornelles durante viagem aos Estados Unidos. Acervo: arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 36 - Fotografia Raios, de fenômenos naturais, feita em Laguna pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal.



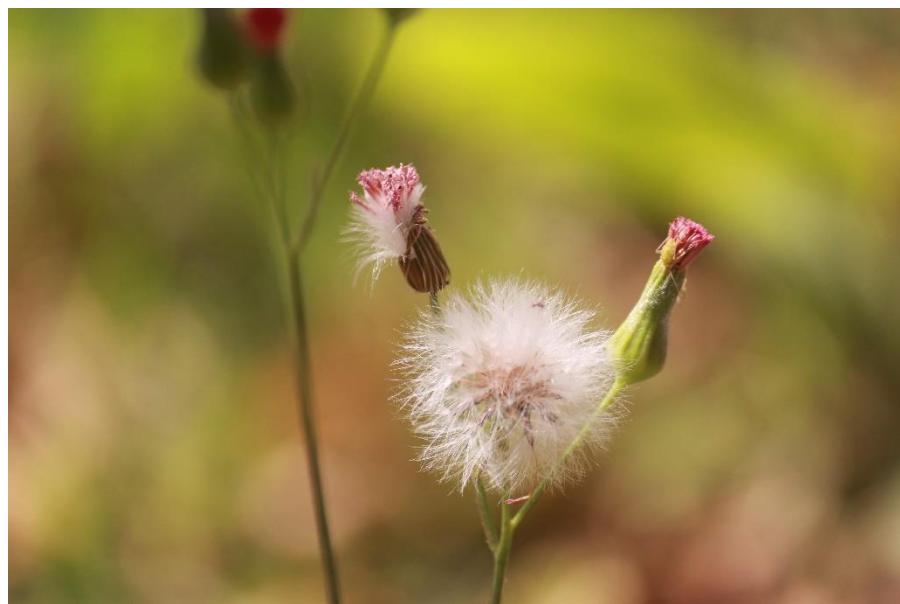
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 37 - Fotografia Em meio ao concreto, fotografia macro, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



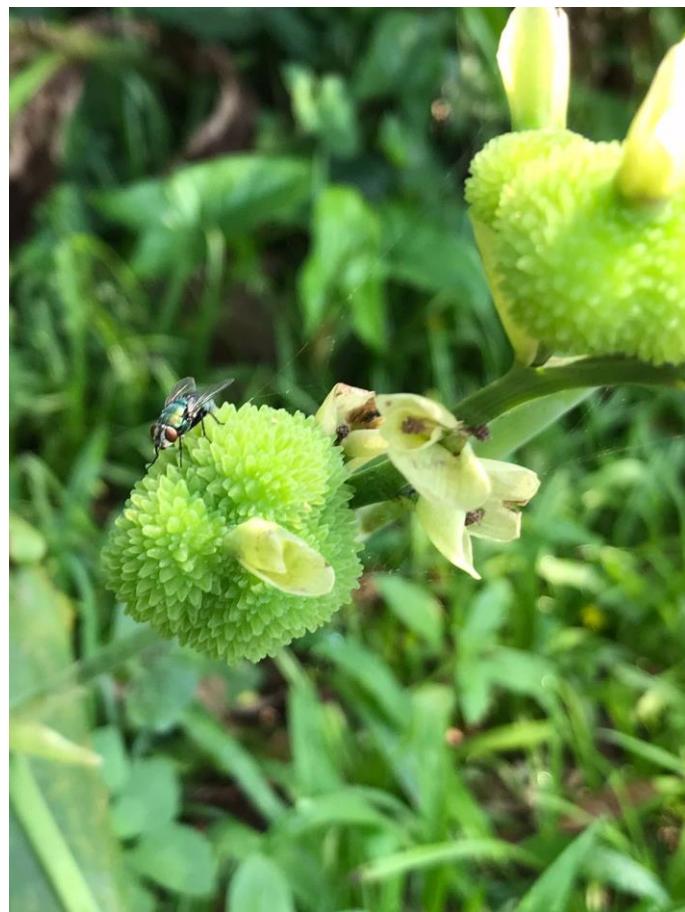
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 38 - Fotografia O soprar da infância, fotografia macro, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 39 - Fotografia A mosca, fotografia macro, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal.

Mostrei muitas imagens feitas por mim (mas para este trabalho escolhi apenas algumas) e, posteriormente, apresentei para os alunos dois projetos fotográficos que criei, o “Pura Infância” e o “Olhares na Pandemia”, em que fotografei crianças de diferentes idades. Expliquei que através da fotografia podemos também trazer à tona questões sociais, políticas, humanitárias - guerras, pobreza, desigualdades e injustiça -, e abordar temas de cunho social e que precisam ser refletidos pela sociedade, como as diferenças, o preconceito, entre outros. Além disso, citei que iríamos tratar, nas próximas aulas, sobre o fotógrafo Sebastião Salgado, que aborda questões sociais, como forma de despertar a curiosidade dos estudantes.

Figura 40 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 41 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 42 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 43 - Fotografia do Projeto Pura Infância, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 44 - Fotografia do Projeto Pura Infância, abordando as diferenças, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Figura 45 - Fotografia do Projeto Pura Infância, abordando as diferenças, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Figura 46 - Fotografia do Projeto Pura Infância, abordando as diferenças, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Figura 47 - Fotografia do Projeto Geração Pandemia, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Figura 48 - Fotografia do Projeto Geração Pandemia, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Figura 49 - Fotografia do Projeto Geração Pandemia, feita pela professora/fotógrafa Tatiana Dornelles. Acervo: arquivo pessoal

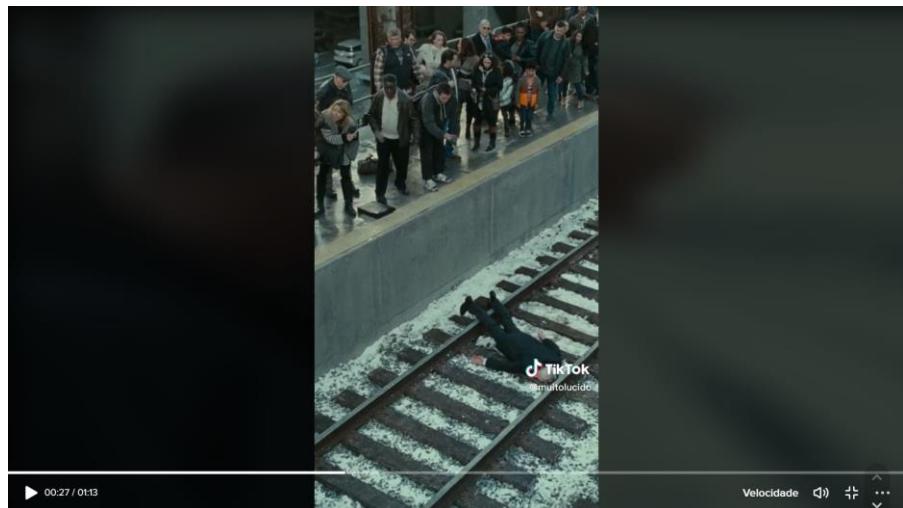


Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Posteriormente, na quarta aula – que era aula-faixa, entreguei para eles a imagem de uma charge em que aparece um fotógrafo profissional em meio a várias pessoas com aparelho de celular (figura 37), colocando em xeque o papel do fotógrafo nos dias de hoje. Dei o exemplo do filme “O pior vizinho do mundo” (2022), em que uma pessoa cai nos trilhos do trem e todos ao redor começam a fotografar e gravar

em vez de ajudá-la.

Figura 50 - Cena do filme O pior vizinho do mundo (2022). Extraída do TikTok.



Fonte: TikTok:

[https://www.tiktok.com/@muitolucido/video/7210042111096409349.](https://www.tiktok.com/@muitolucido/video/7210042111096409349)

Acesso em março de 2023.

No entanto, o personagem principal, feito pelo ator Tom Hanks – que não usava celular – foi quem realmente resgatou a vítima caída. Conversamos sobre a ganância que as pessoas têm, hoje em dia, em serem as primeiras a mandarem as imagens nos grupos de WhatsApp ou de postarem nas redes sociais, esquecendo de coisas básicas, como a ajuda ao próximo, por exemplo. Também exemplifiquei com um dos momentos que tive como repórter, ao entrevistar e fotografar o então governador Raimundo Colombo, onde pessoas ao redor, curiosas, disputavam um espaço para fazer fotos, enquanto nós, profissionais, “brigávamos” pelo melhor ângulo em meio à multidão. Os alunos refletiram bastante sobre o comportamento da sociedade com o uso das tecnologias, sobre como o ato de fotografar ficou mais comum e corriqueiro e que as pessoas fotografam cada vez mais e quase tudo o que veem. Com isso, eles refletiram sobre a charge abaixo, feita pelo artista estadunidense Gary Varvel.

Figura 51 - Cartum do artista estadunidense Gary Varvel, que questiona o papel do fotógrafo



Fonte: Livro didático *Por toda parte 8*, editora FTD, página 60.

Um dos alunos relatou que viu um acidente de carro grave e várias pessoas pararam para fotografar ou filmar e que nenhuma parecia preocupada com a situação ou com os familiares das pessoas envolvidas, uma vez que o compartilhamento das imagens poderia chegar nelas. Refletimos sobre a situação, cada vez mais comum, onde as pessoas estão mais conectadas ao virtual do que ao mundo real.

Na sequência, a ideia foi abordar sobre a vida e obra de alguns fotógrafos renomados e seus nichos, entre eles Sebastião Salgado, com a fotografia documental; Claude Batho, com a fotografia do cotidiano e em detalhes; bem como o fotógrafo Tom Hunter. Além disso, de acordo com o andamento dessas aulas, outros fotógrafos foram citados, muito rapidamente. Para esse momento, foi utilizado o datashow como recurso tecnológico para mostrar as obras dos fotógrafos citados.

Figura 52 - Fotografia de Sebastião Salgado



Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-02/exposicao-de-sebastiao-salgado-fica-aberta-ate-10-de-julho-em-sp#>. Acesso em fevereiro de 2023.

Figura 53 - Fotografia de Sebastião Salgado



Fonte: https://renatorochamiranda.com.br/imagens_numeros_visceras/sebastiao-salgado-HGS4073/. Acesso em fevereiro de 2023.

Figura 54 - Fotógrafo Sebastião Salgado



Fonte: <https://braziljournal.com/sebastiao-salgado-fotografo-o-abismo/>. Acesso em fevereiro de 2023.

Figura 55 – Fotografia de Claude Bartho, O Sofá, 1972. Acervo: Museu Nicéphore Niépce.



Fonte: <https://en.museeniepce.com/index.php?/exposition-en/exposition-passee/Claude-Bartho-La-poésie-de-l-intime>. Acesso em fevereiro de 2023.

Figura 56 - Fotografia de Claude Bartho, A foto do pai, 1977. Acervo: Museu Nicéphore Niépce.



Fonte: <https://en.museenepce.com/index.php?/exposition-en/exposition-passee/Claude-Batho-La-poesie-de-l-intime>. Acesso em fevereiro de 2023.

*Figura 57 - Fotografia de Claude Bartho, A nova esponja, 1980.
Acervo: Museu Nicéphore Niépce*



Fonte: <https://en.museenepce.com/index.php?/exposition-en/exposition-passee/Claude-Bartho-La-poésie-de-l-intime>. Acesso em fevereiro de 2023.

Figura 58 - Fotografia de Claude Bartho, *A chaleira*, 1972. Acervo: Museu Nicéphore Niépce.



Fonte: <https://en.museeniepce.com/index.php?/exposition-en/exposition-passee/Claude-Bartho-La-poésie-de-l-intime>. Acesso em fevereiro de 2023.

Durante a realização destas duas aulas, os alunos demonstraram interesse nos tipos de fotografias existentes, elencando outros exemplos de fotografias presentes dia a dia. Também acharam as histórias de vida e profissão dos fotógrafos abordados bem interessantes, como Sebastião Salgado e Claude Bartho e, inclusive, afirmaram não ter ciência de nenhum dos nomes citados. “Ah, professora, como ficam impactantes as fotografias em preto e branco, né?”, comentou um estudante. Já outro se contrapôs e afirmou preferir as fotografias coloridas, por representarem “as coisas como as vemos”. As aulas foram dinâmicas, com a participação dos estudantes em todas as etapas e com muita troca sobre fotografia. Para finalizar, os questionei sobre o que mais gostam de fotografar com o celular. Entre as respostas, estavam “fazer selfie”, “fotos de comidas” e “lugares” para mostrar aos seguidores o que estão fazendo. Além disso, por ter notado o interesse dos alunos para a fotografia, solicitei que eles tentassem tirar fotos baseadas nas imagens de Claude Bartho e de Sebastião Salgado na comunidade em que vivem para trazer na próxima aula.

4.3.3 Encontros 5 e 6: técnicas de fotografia e enquadramento

Quadro 3 - *Plano das aulas 5 e 6*

<p>Escola: Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti</p> <p>Tema: Enquadramento, tipos de enquadramento, iluminação, aula prática de fotografia</p> <p>Conteúdo: Fotografia</p> <p>Componente curricular: Arte</p> <p>Turma: 9º ano – ensino fundamental</p>	<p>Objetivo Geral: Demonstrar as técnicas de enquadramento e iluminação e fazer uma aula prática de fotografia pela escola.</p>	<p>Descrição das aulas: Na quinta aula, será explicado sobre os tipos de enquadramento e sua importância para a fotografia, bem como o funcionamento dos equipamentos quanto à técnica. Na aula seguinte, os alunos sairão a campo, pela unidade escolar, para registrar imagens com um enquadramento com papel. Ao término, eles irão selecionar uma destas fotografias e fazer um desenho, como forma de identificar o que é mais fácil: registrar em desenhos ou através de fotografias - nesse momento, também será falado sobre os registros feitos por pintores muito antes do advento da fotografia.</p>	<p>Materiais necessários: Datashow, quadro branco, aparelhos de smartphones, câmeras fotográficas e papel A4.</p>	<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.</p> <p>MAUAD, Ana Maria. Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.</p> <p>SONTAG, Suzan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.</p> <p>Livro didático Arte por toda a parte, editora FTD</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Descrevendo o processo pedagógico:

Na quinta e sexta aulas, alguns alunos entregaram, através do nosso grupo de WhatsApp, algumas fotografias baseadas nas obras de Claude Bartho e Sebastião Salgado. Nem todos conseguiram realizar a atividade, mas abaixo selecionei as imagens daqueles que finalizaram.

Figura 59 - Fotografia feita por uma aluna



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 60 - Fotografia feita por um aluno



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 61 - Fotografia feita por uma aluna



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 62 - Fotografia feita por uma aluna



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 63 - Fotografia feita por uma aluna



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Após enviarem as imagens, os alunos disseram que tiveram um pouco de dificuldade para a realização e apontaram alguns motivos, como vergonha de chegar mais perto e fotografar; por não saber o que poderia fotografar; ou por não ficar com o celular o tempo todo, entre outros. Posteriormente, partimos para nossa conversa sobre o funcionamento da câmera fotográfica e a técnica, como iluminação, ISO, uso do automático e manual, enquadramento, direção, entre outros. Através de slides, foram mostradas as principais funções e acessórios de uma câmera profissional e da câmera dos smartphones.

Sobre enquadramento, foram explicados alguns planos na fotografia, que muito se assemelham com os usados no cinema: plano aberto, também chamado de plano geral ou very long shot — é o que mostra uma visão panorâmica. Normalmente, esse tipo de plano isola uma figura humana ou um objeto em uma paisagem ampla; o plano médio, ou long shot — é um pouco mais próximo do que o aberto, mas ainda mostra bastante do ambiente, e serve para estabelecer uma relação temática entre o personagem e o espaço; o plano americano, ou mid shot (médio/moderado) — é um dos enquadramentos que já caminha para o campo das expressões. Embora ainda mostre um pouco do ambiente, a câmera normalmente mostra os personagens dos joelhos para cima e não foca em temas; o primeiro plano, ou close-up, que é um clássico entre os planos de câmera. Ele serve para dar foco aos sentimentos do personagem, com a câmera bastante próxima; o primeiríssimo plano, em que as lentes da câmera nos levam ainda mais fundo no sentimento do personagem. Só uma parte do rosto fica enquadrada, dando a sensação de alguém encarando, o olhar tomando quase toda a tela. Fica literalmente impossível desviar; o plano em detalhe (ou extra big close-up), cujo objetivo é criar uma sensação de mistério e a surpresa posterior quando o enquadramento fica mais amplo, o que ajuda a prender a atenção do espectador. Para facilitar o entendimento, mostrei os planos através de exemplos em fotografia e entreguei uma folha para cada um, para colarem no caderno.

Figura 64 - Planos de câmera que entreguei para os alunos



Fonte: <https://smartkids.com.br/atividades/cinema-brasileiro-3/>.

Outra dica que foi passada foi quanto à grade na câmera do celular para fotografar. Ela ajuda as pessoas, na maioria leiga no que se refere a enquadramentos, a enquadrar objetos e pessoas nas fotografias. Ao mostrar aos alunos, muitos disseram não entender para que as grades serviam e que, por isso, acabavam desabilitando a função, para “não atrapalhar na hora de fazer as fotos”. Porém, ao perceberem a facilidade com que a função permite enquadrar o motivo da foto, alguns relataram que iriam começar a usar. Alguns, aliás, ativaram a grade para começarem a usar.

Depois, na aula seguinte – aula-faixa -, em uma atividade prática de enquadramento pelo espaço escolar, os alunos treinaram os diferentes planos com um papel com recorte de retângulo no meio (como se fosse uma câmera). A intenção era fazer com que eles começassem a observar as coisas ao redor e, ao mesmo tempo, tentar enquadrar corretamente, com uma outra percepção das imagens. Ficamos andando pela unidade escolar por cerca de 20 a 30 minutos. Os alunos

exploraram todos os andares da unidade escolar, o espaço da biblioteca, algumas salas de aula, a área verde da escola em que não podem ir sozinhos – a não ser com um docente -, bem como as imagens dos próprios colegas.

Notei que o fato de terem saído da sala de aula e explorarem todo o lugar em busca de detalhes e das melhores imagens, fez com que houvesse uma maior interação entre eles e as pessoas que encontravam no caminho. Os alunos aproveitaram para fotografar as paisagens do bairro, vistas das janelas da escola, bem como objetos presentes no pátio, na quadra, na cozinha e nas salas de aula. Além disso, observei que alguns estudantes trabalharam com o papel A4 sem muitas dificuldades, fazendo bons enquadramentos, enquanto outros tiveram mais dificuldades, principalmente por ter que segurar em uma mão o papel e em outra, o celular. Mas, através desta atividade, percebi que os alunos conseguiram entender um pouco sobre o funcionamento do enquadramento em uma câmera, assim como conseguiram perceber o que gostariam de mostrar na fotografia.

Figura 65 - Saída com os alunos pela escola para praticarem o enquadramento com o uso de um papel A4 com um retângulo cortado ao meio



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

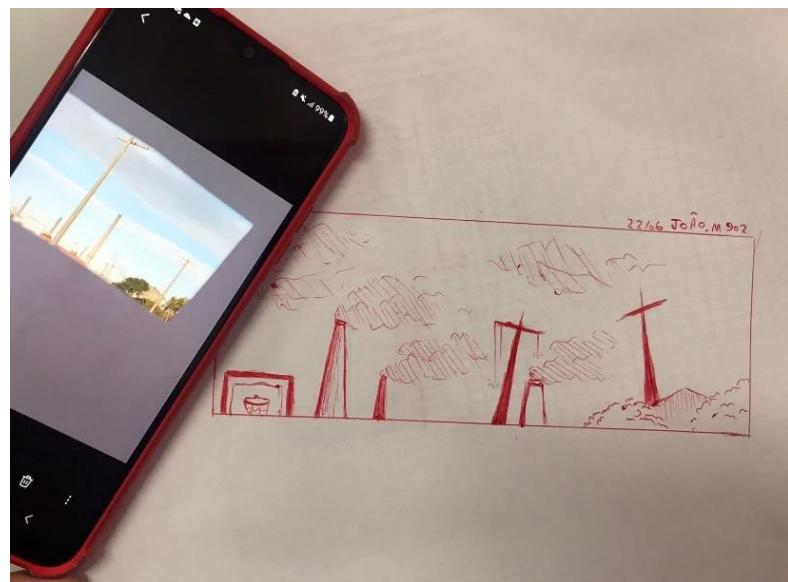
Figura 66 - Saída com os alunos pela escola para praticarem o enquadramento com o uso de um papel A4 com um retângulo cortado ao meio



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Ao retornar para a sala de aula, sem saber da próxima etapa, eles deveriam selecionar algo que enquadram para fazer um desenho de observação, treinando a observação fotográfica e, ao mesmo tempo, sentindo a dificuldade que os pintores tinham ao retratarem pessoas e/ou lugares muito antes do advento da fotografia. Alguns alunos reclamaram de ter que desenhar, porque fizeram fotografias difíceis de serem desenhadas. “Ah, professora, se eu soubesse teria escolhido uma coisa mais fácil pra fazer a foto”; “A pro poderia ter avisado, né?”; “Tem que fazer o desenho mesmo ou não precisa?” foram as colocações de alguns estudantes. No entanto, mesmo diante das reclamações, todos realizaram a atividade, conforme algumas imagens abaixo:

Figura 67 - Figura 25 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 68 - Foto do funcionário da escola na atividade de enquadramento feita por um aluno



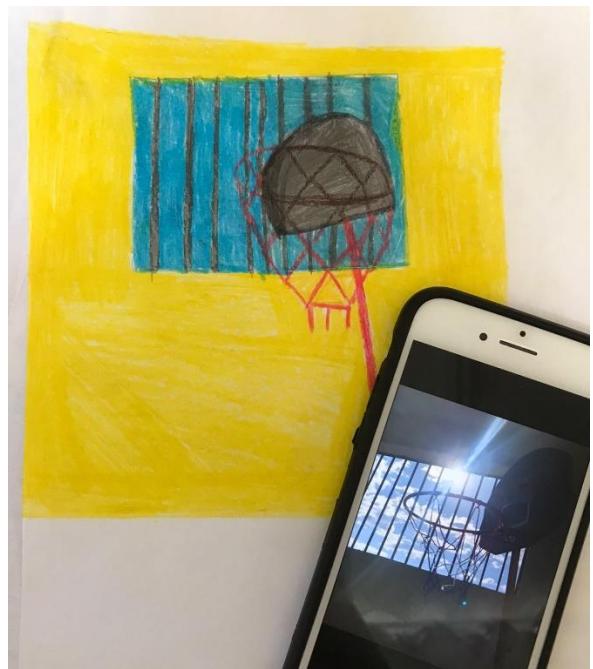
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 69 - Após a fotografia, o funcionário da escola foi desenhado pelo aluno



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 70 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar



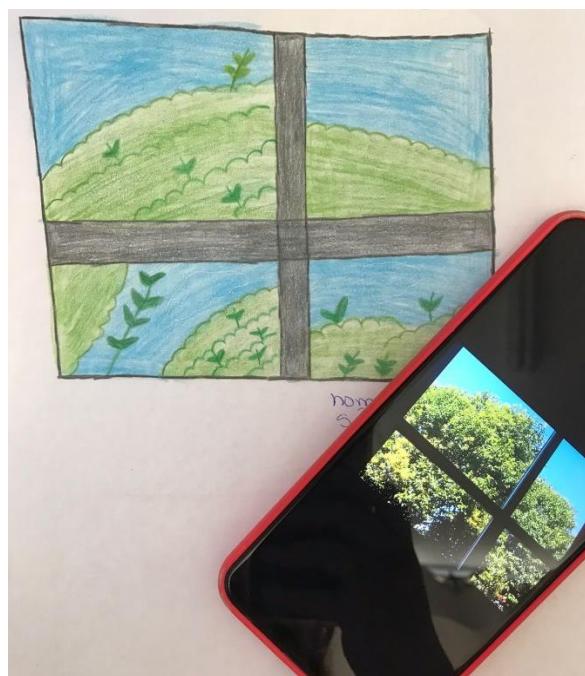
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 71 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 72 - Desenho de uma das imagens feitas pelos alunos após a saída a campo pela escola para fotografar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quando terminaram a atividade, os estudantes relataram que esta parte foi a mais “difícil e que é mais fácil só fazer foto”. No entanto, mesmo reclamando de ter que fazer o desenho, todos o fizeram bem caprichado. Alguns alunos conseguiram finalizar ainda durante a aula, enquanto alguns tiveram que terminar posteriormente.

4.3.4 Encontros 7 e 8: o cotidiano nas obras de arte e fotografias

Quadro 4 - Plano das aulas 7 e 8

Escola: Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti Tema: A fotografia do cotidiano; artista Jan Vermeer e o fotógrafo Tom Hunter Conteúdo: Fotografia Componente curricular: Arte Turma: 9º ano – ensino fundamental
Objetivo Geral: Demonstrar as obras do artista Jan Vermeer, relatando sobre a história de vida e obra, bem como do fotógrafo Tom Hunter.
Descrição das aulas: Na sétima aula, foi relatado sobre a vida e obra do artista Jan Vermeer, com demonstração de pinturas feitas pelo artista, bem como o explicado sobre o contexto histórico da época. Na sequência, foi mostrado o trabalho de Tom Hunter, fotógrafo que realizou uma releitura das obras de Vermeer através da fotografia. Na sequência, foram comparadas as pinturas com as fotografias.
Materiais necessários: Datashow, quadro branco, imagens em slide sobre os dois artistas.
Avaliação: Os estudantes serão avaliados quanto ao reconhecimento e interpretação das obras durante apresentação de slides.
Referências usadas:

- CABRAL, Maria Barros. Vermeer e a intensa beleza do cotidiano (E-book). Citaliarestauro.com. 2019.
- CIVITA, Victor (org). Os Grandes Artistas Barroco e Rococó: Tiepolo, Vermeer, Watteau. São Paulo: Nova Cultural. 1991. 2º ed.
- FARTHING, Stephen. Tudo sobre Arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- SONTAG, Suzan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

Descrevendo o processo pedagógico:

O oitavo encontro foi também com uso de recursos tecnológicos. Primeiro, foi colocado o vídeo do clipe da canção Cotidiano, de Chico Buarque, como forma de ambientá-los às palavras “cotidiano”, “dia a dia”, hábito. A música foi composta em 1971 e relata a rotina de um casal, em que a esposa fica em casa e espera a chegada do marido, todo dia fazendo “tudo igual”, apesar de perceber, através do relato do homem, que ele não está mais feliz no casamento. No entanto, se acostumou àquela rotina. Muitos outros artistas contemporâneos e que fazem parte do repertório dos jovens poderiam ser escolhidos, como Emicida, Rael e Criolo. Contudo, a escolha desta canção em específico, aliás, se deu para que os estudantes tivessem contato com letras da Música Popular Brasileira (MPB), que nasceu no começo dos anos 60, ancorado em preceitos culturais, artísticos e até mesmo políticos – e também pelo fato de ser um dos gêneros que seria trabalhado nas aulas de arte.

Figura 73 - Slide com trecho da letra da música *Cotidiano*, de Chico Buarque, feito pela professora

Cotidiano - Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pr'o jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pr'eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 5 - Letra completa da música *Cotidiano*, de Chico Buarque (1971)

Letra da música *Cotidiano*, Chico Buarque (1971)

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pr'o jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pr'eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pr'o jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão

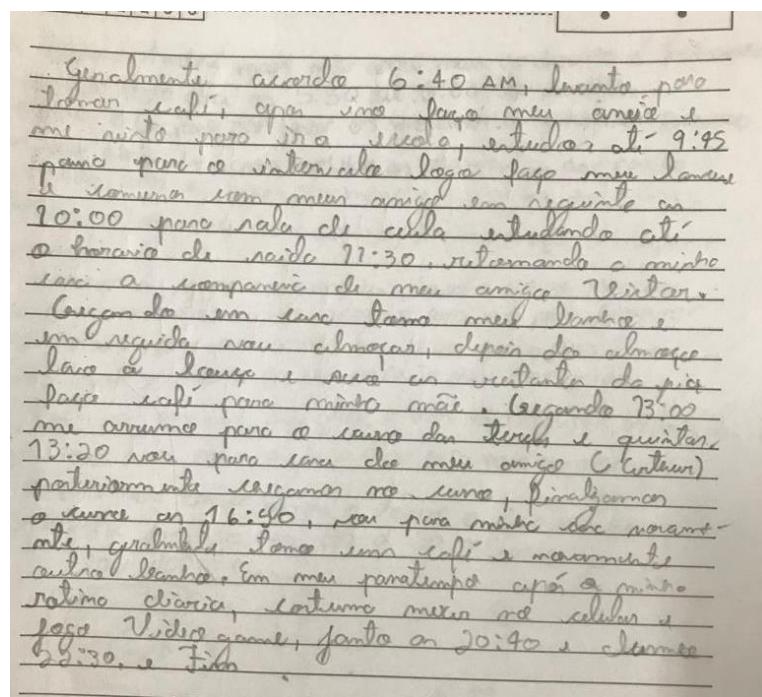
Toda noite ela diz pr'eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pr'eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

A intenção foi mostrar o quanto, às vezes, nossa vida é feita de rotinas: ao acordar, tomar café, se arrumar, sair para ir para a escola, escutar os professores, fazer atividades, ir para o recreio, voltar para a sala, esperar o sinal bater, ir para a casa e começar a rotina da tarde. No outro dia, tudo novamente “igual”. Assim, com o costume, com a rotina da vida diária, acabamos não percebendo as coisas diferentes ao nosso redor, no caminho de casa que já é praticamente automático, entre outros. Às vezes, não estamos mais felizes com aquela rotina, mas, por estarmos acostumados, acabamos aceitando fazer “todo dia tudo igual”. Também conversamos que a música traz a descrição das cenas, com alguns detalhes do dia a dia, que poderiam virar imagens fotográficas. Pedi para eles imaginarem como seria o quarto, a cozinha, o pátio, o portão e os personagens, como se fossem transformar em fotografias.

Diante dessa explicação, os alunos, então, relataram no caderno como é a rotina deles, principalmente durante a semana, quando precisam ir para a escola todos os dias. A ideia era fazê-los refletir sobre o como estamos acostumados com a rotina, em fazer sempre as mesmas coisas e ir aos mesmos lugares, que acabamos perdendo a noção do que é diferente ao nosso redor. O olhar e o cérebro se acostumam tanto com nossa rotina, que nem percemos a repetição de certas ações diárias: fazer as mesmas coisas ao acordar, percorrer o mesmo caminho, tomar café e almoçar sempre no mesmo horário etc.

Figura 74 - Relato escrito por um aluno sobre o seu dia a dia, conforme atividade solicitada



Geralmente acordo 6:40 AM, levanto para tomar café, após isso faço meu café e me visto para ir a escola, estudo até 9:45 para ir para o intervalo logo faço meu lanche e converso com meus amigos. Em seguida às 10:00 para sala de aula estudando até o horário de saída 11:30, retornando a minha casa a companhia de meu amigo Victor. Chegando em casa faço meu lanche e em seguida vou almoçar, depois do almoço faço a lição e sou a volta da aula logo faço café para minha mãe. Segundo 13:00 me arrumo para a aula das terças e quintas, 13:20 vou para sala de meu amigo (Victor) posteriormente saímos no corredor, finalmente a aula às 16:40, vou para minha casa novamente, gramo e fico em casa e meus amigos. Em meu paratempo apó a minha rotina cheiro, converso com os amigos e faço Vídeos gatos, janto às 20:45 e dormir às 22:30. e Tchau.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 6 – Transcrição do relato de um aluno sobre o seu cotidiano

Relato de um aluno sobre o seu dia a dia (conforme figura 29)

“Geralmente, acordo 6h40 AM, levanto para tomar café. Após isso, faço minha aveia e me visto para ir a escola. Estudo até 9h45 AM para o intervalo. Logo faça meu lanche e converso com meus amigos. Em seguida, às 10h, para a sala de aula estudando até o horário de saída, 11h30, retornando à minha casa com a companhia do meu amigo Victor.

Chegando em casa, tomo meu banho e, em seguida, vou almoçar. Depois do almoço, lavo a louça e seco os restantes da pia. Faço café para a minha mãe. Chegando 13h, me arrumo para o curso das terças e quintas. 13h20 vou para a casa do meu amigo (Arthur). Posteriormente, chegamos no curso e finalizamos o curso às 16h50. Vou para minha casa novamente, geralmente tomo um café e novamente outro banho. Em meu passatempo, após a minha rotina diária, costumo mexer no celular e jogar videogame. Janto às 20h40 e durmo às 22h30. E fim".

Depois que cada um escreveu seu relato do dia a dia, foram apresentadas, através de slides, as obras de Jan Vermeer, explicando o contexto histórico em que o artista viveu e as características de suas pinturas, bem como sua história no mundo da arte. Foi explicado que o artista retratava cenas da vida burguesa, repleta de simbolismo e intenções morais, de maneira discreta, íntima e introspectiva, destacando-se na qualidade de luz e efeitos perolados. Vermeer foi também um mestre na variação de intensidade da cor em relação à distância entre o objeto e a fonte de luz. Suas obras contém figuras isoladas de um contexto cotidiano, na maioria das vezes ocupadas com afazeres domésticos, no seu dia a dia. O artista, por vezes, parecia ter um dispositivo que pausava as cenas da vida e às capturava para a eternidade. Assim, após toda a explicação em volta da vida do artista, mostrei em slides algumas de suas obras que retratam o cotidiano das pessoas.

Figura 75 - Slide resumido sobre o artista Jan Vermeer, feito pela professora

Jan Vermeer

Johannes Vermeer (Delft, 31 de Outubro de 1632 - Delft, 15 de Dezembro de 1675) foi um pintor holandês, que também é conhecido como Vermeer de Delft ou Johannes van der Meer ou Jan Vermeer.

Vermeer viveu toda a sua vida na sua terra natal, onde está sepultado na Igreja Velha (Oude Kerk) de Delft.

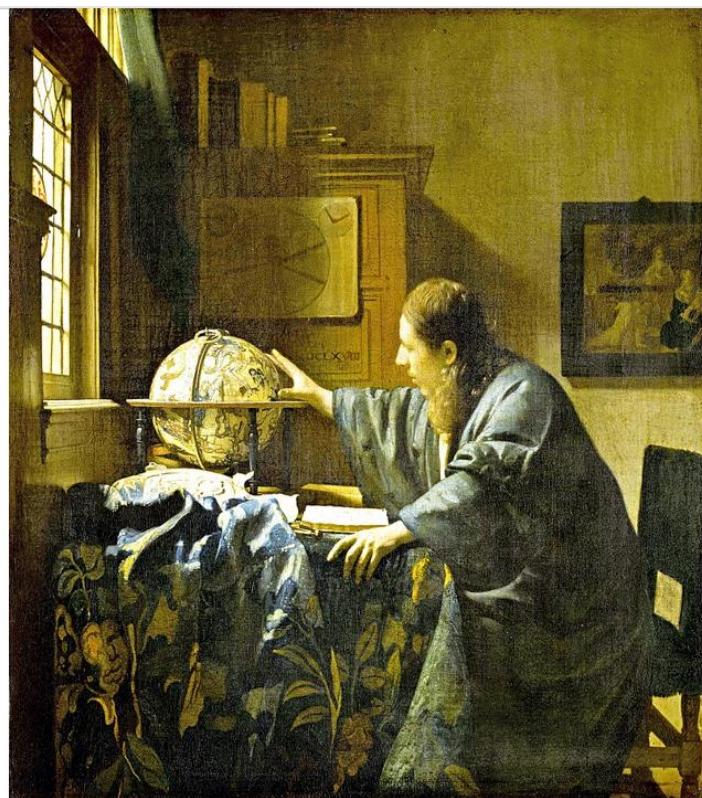
É o pintor holandês mais famoso e importante do século XVII (um período que é conhecido por Idade de Ouro Holandesa, devido às espantosas conquistas culturais e artísticas do país nessa época). Os seus quadros são admirados pelas suas cores transparentes, composições inteligentes e brilhante com o uso da luz.

Intimista, Vermeer retratava cenas da vida burguesa, repleta de simbolismo e intenções morais. Embora tenha produzido uma obra valorizada em seu tempo, sua obra foi subestimada durante sua vida.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 76 - Reprodução da obra *O Astrônomo* (1668), de Jan Vermeer. Dimensões: 50,16 x 45,72 cm. Acervo: coleção particular.



Fonte: Acervo coleção particular.

Figura 77 - Reprodução da obra *O Estúdio do Artista* (1660/1665), de Jan Vermeer. Dimensões: 129,54 x 111,12 cm. Acervo: Museu Kunsthistorisches, Viena.



Fonte: Museu Kunsthistorisches, Viena.

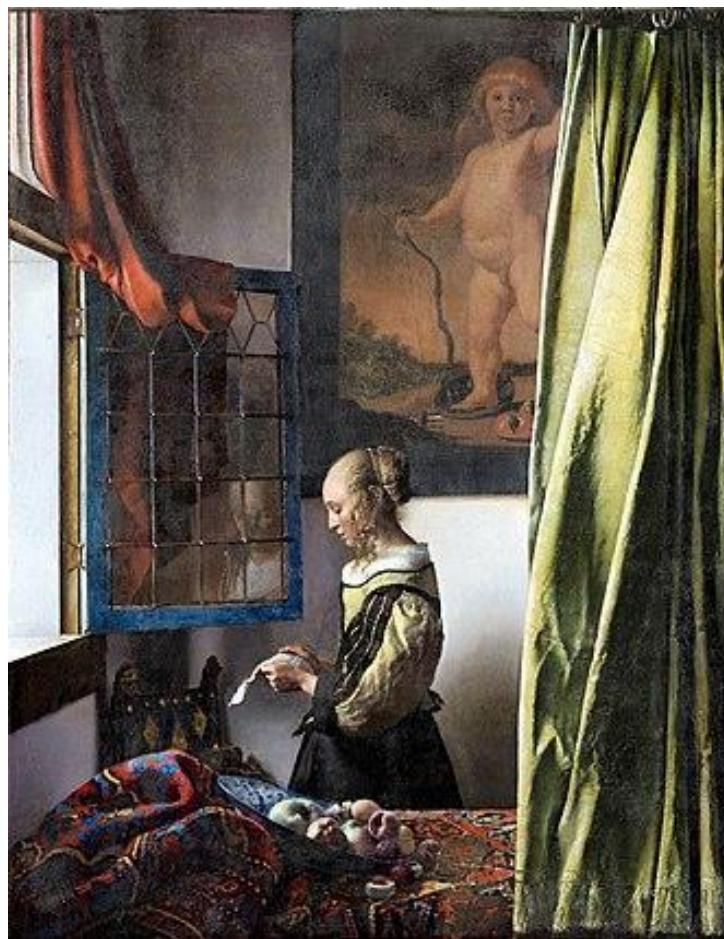
Figura 78 - Reprodução da obra *Moça lendo uma carta à Janela* (1657), de Jan Vermeer. Dimensões: 83 cm x 64,5 cm. Acervo: Pinacoteca dos Mestres Antigos, Dresden.



Fonte: Pinacoteca dos Mestres Antigos, Dresden.

Ao mostrar a imagem da obra “Moça lendo uma carta à janela”, expliquei que recentemente foi descoberto que havia, atrás, um quadro com um cupido. O anúncio da descoberta foi feito em 2020, pela Gemäldegalerie Alte Meister (Galeria de Pintura dos Mestres Antigos), de Dresden, na Alemanha. A mudança é grande e a obra já foi apelidada, no museu, como “o novo Vermeer”. Aliás, na releitura de Tom Hunter não há este detalhe, justamente pelo fotógrafo ter usado como referência a obra anterior, ou seja, antes da restauração. Continuei falando que, nas primeiras análises, acreditava-se que o próprio Vermeer havia escondido a pintura dentro da pintura. Contudo, em 2019, as novas tecnologias mostraram que a cobertura foi realizada décadas depois da morte do pintor. Depois desta breve explicação, continuamos a aula.

Figura 79 - Cupido foi revelado após um longo período de restauração e a pintura foi reapresentada para exibição pública em 2021



Fonte: Pinacoteca dos Mestres Antigos, Dresden.

Figura 80 - Comparação antes e depois da restauração, onde é possível ver o quadro com cupido



Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-antigo-segredo-da-obra-moca-lendo-uma-carta-janela.phtml>. Acesso em março de 2023.

Num primeiro momento, eles analisaram as obras do Jan Vermeer e ficaram admirados com o fato de ele trabalhar o cotidiano nas pinturas de forma muito semelhante com as fotografias, bem como se o pintor não estivesse no local, já que as pinturas representavam o dia a dia das pessoas, o que estavam fazendo no momento. Pedi para eles perceberem tudo o que aparecia nas obras, como objetos, pessoas, detalhes da arquitetura, móveis, bem como as cores e iluminação. Depois que olharam todas as imagens, eles citaram aquelas que aparecem em praticamente todas as obras, como as janelas, as cortinas e toalhas de mesa, os quadros na parede ao fundo de cada cenário, instrumentos musicais, pessoas, jarra e taça de vinho, entre outros. Um aluno acrescentou: “É como se ele estivesse fora da cena, apenas observando e clicando, né, professora? Assim como alguns fotógrafos fazem às vezes”. “Bem diferente da Monalisa, que realmente posou para Leonardo da Vinci. Que é como se estivesse olhando diretamente para o artista”, acrescentou uma estudante. Então, aproveitei e expliquei sobre a diferença entre as fotografias posadas e as naturais. A conversa foi bem produtiva e rendeu vários comentários sobre as imagens feitas por Vermeer.

Em seguida, também através de slides, foi abordada sobre a vida e carreira do fotógrafo Tom Hunter. O fotógrafo realizou uma releitura das obras de Vermeer, numa série chamada “Persons Unknown, 1997”. Estas pessoas estavam, estavam lutando contra o despejo como posseiros. Assim, quando conheceram as fotografias de Tom Hunter, inspiradas nas obras de Vermeer, mas com outro viés, ficaram admirados. Como eu não havia comentado que eram fotos inspiradas em obras, os alunos mesmo perceberam e, à medida que eu passava os slides, faziam comentários: “Nossa, olha ali o instrumento musical como no quadro”, “Nossa, aparece a taça de vinho, a janela. Muito legal”, “Ele (Tom Hunter) trocou o globo pelo computador”, “As cores são até parecidas”, entre outros comentários. Observei, então, que eles tiveram a percepção das semelhanças entre as imagens.

Figura 81 - Slide resumido sobre o fotógrafo Tom Hunter, feito pela professora

TOM HUNTER

Tom Hunter é um artista que usa fotografia e filme, vive e trabalha no leste de Londres. Ele é membro honorário da Royal Photographic Society e tem um doutorado honorário da University of East London. Tom ganhou vários prêmios durante sua carreira, incluindo o Rose Award for Photography na Royal Academy, em Londres, e o Photographic Portrait Prize, na National Portrait Gallery, em Londres.

Tom se formou na London College of Printing em 1994 com sua obra 'The Ghetto', que agora está em exposição permanente no Museu de Londres. Fez o mestrado no Royal College of Art, onde, em 1996, foi galardoado com o Prêmio de Fotografia da Fuji Film pela sua série 'Travellers'. Em 1998, 'Mulher Lendo uma Ordem de Posse' de sua série 'Persons Unknown', ganhou o Photographic Portrait Award na National Portrait Gallery. Em 2006, Tom se tornou o único artista a ter uma exposição de fotografia solo na National Gallery, em Londres, com sua série 'Living in Hell and Other Stories'.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 82 - Fotografia O Antropólogo, feita por Tom Hunter. Imagem disponível no próprio site do fotógrafo



Fonte: <http://www.tomhunter.org/>. Acesso em março 2023.

*Figura 83 - Fotografia A Arte de Agachar, feita por Tom Hunter.
Imagen disponível no próprio site do fotógrafo*



Fonte: <http://www.tomhunter.org/>. Acesso em março 2023.

Figura 84 - Figura 38 - Fotografia Mulher lendo ordem de Posse, feita por Tom Hunter. Imagem disponível no próprio site do fotógrafo



Fonte: <http://www.tomhunter.org/>. Acesso em março 2023.

Foram mostradas, no total, oito obras de Jan Vermeer, sendo elas: “Leitora à janela”, “Senhora escrevendo uma carta e sua criada”, “O copo de vinho”, “A arte da pintura”, “Jovem adormecida à mesa”, “O Astrônomo”, O Geógrafo” e “Moça com copo de vinho”. Por sua vez, quanto às fotografias de Tom Hunter, foram mostradas oito também, todas releituras das imagens citadas acima: “Mulher lendo ordem de posse”, “A Moça escrevendo uma declaração”, “A taça de vinho”, “A arte de agachar”, “A Mulher dormindo”, “O Antropólogo”, “O ativista” e “A Mulher com a taça de vinho”. Neste momento, aliás, foi feita uma reflexão sobre as imagens, que refletem um momento de luta contra o despejo das pessoas fotografadas, com um fundo político bastante forte.

Posteriormente, as obras de Veermer e Hunter foram colocadas lado a lado, nos slides, para que os alunos pudessem compará-las. Ao colocar as duas

imagens juntas, ou seja, a pintura de Vermeer com a fotografia de Hunter, eles começaram a procurar ainda mais semelhanças nos objetos, nas cores, nas posições das pessoas retratadas, na iluminação e no enquadramento.

Figura 85 - Slide com o autorretrato de Vermeer e de Tom Hunter, feito pela professora

Vermeer



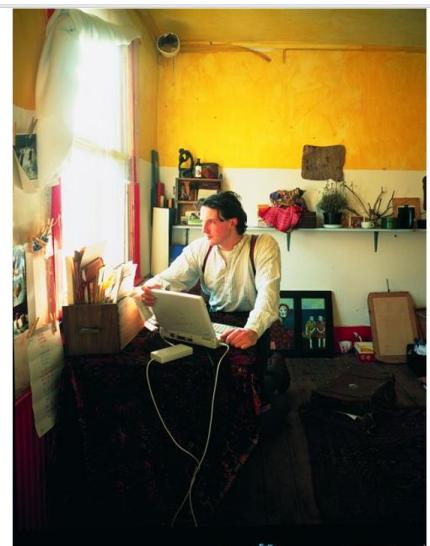
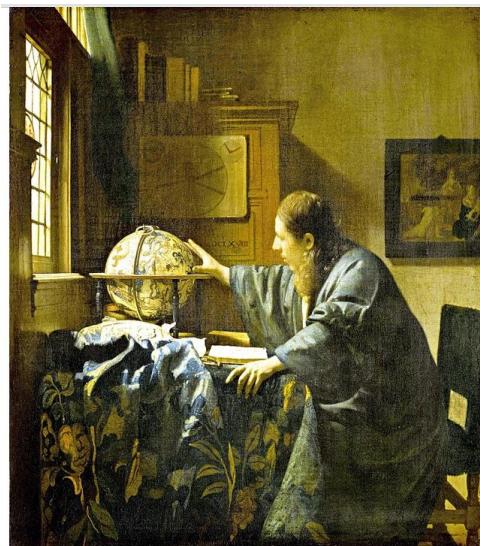
X



HUNTER

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 86 - Obra O Geógrafo, de Vermeer, e fotografia O Antropólogo, de Tom Hunter, slide feito pela professora



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 87 - Obra *A Arte de Pintar*, de Vermeer, e fotografia *A Arte de Agachar*, de Tom Hunter, slide feito pela professora



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 88 - Obra *Moça lendo uma carta à Janela*, de Vermeer, e fotografia *Mulher lendo uma ordem de posse*, de Tom Hunter, slide feito pela professora



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A aula, no final, passou a ficar, segundo eles, divertida justamente por conta desta comparação. Como tarefa para casa, os estudantes tiveram que entrevistar um amigo ou familiar, contando seu cotidiano, e fotografá-lo no seu dia a dia.

4.3.5 Encontros 9 e 10: saída a campo para fotografar

Quadro 7 - Plano das aulas 9 e 10

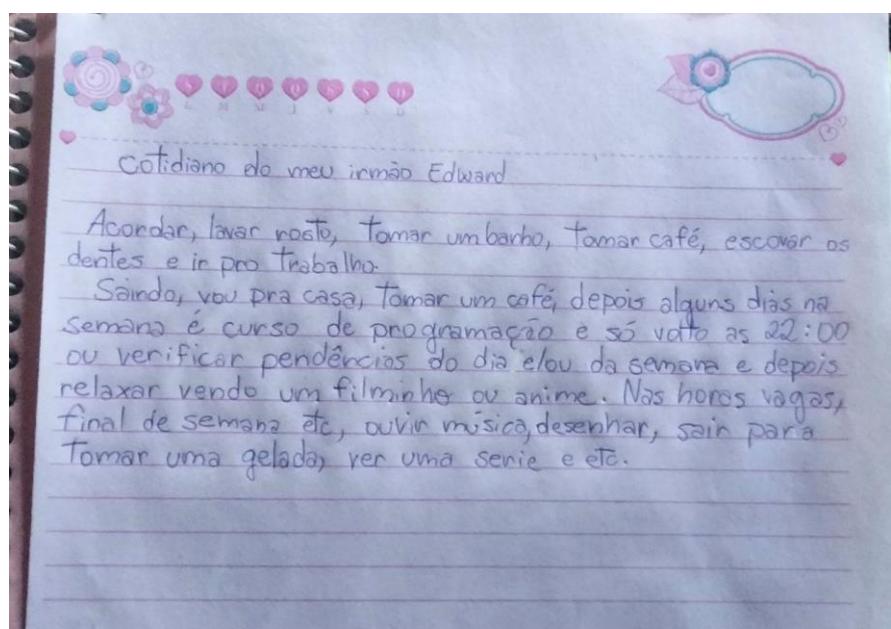
<p>Escola: Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti</p> <p>Tema: Processo fotográfico</p> <p>Conteúdo: Fotografia</p> <p>Componente curricular: Arte</p> <p>Turma: 9º ano – ensino fundamental</p>
<p>Objetivo Geral: Saída a campo (pela escola) para fotografar cenas com objetos e/ou pessoas saindo do cotidiano, das fotos posadas e tentando ver o lugar com outro olhar.</p>
<p>Descrição das aulas: Durante a aula, os alunos vão sair pela escola para tentar fotografar cenas diferentes do que estão habituados a enxergarem, vão tentar ir além.</p>
<p>Materiais necessários: Aparelhos de celular dos alunos, câmeras fotográficas da professora.</p>
<p>Avaliação: Os estudantes serão avaliados quanto ao desenvolvimento da atividade e à criticidade e o outro olhar quanto às coisas à volta.</p>
<p>Referências usadas:</p> <p>FARTHING, Stephen. Tudo sobre Arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.</p> <p>KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.</p> <p>SONTAG, Suzan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.</p>

Descrevendo o processo pedagógico:

No novo e décimo encontros, para a realização da atividade, foi solicitado

que os estudantes que tivessem celular, que levassem para a aula, pois teriam que fotografar usando enquadramento. Aos que não tinham, orientei que fizessem junto com o colega. Mas antes, solicitei que os estudantes entregassem para mim as fotos e a entrevista com familiares ou amigos. As imagens foram enviadas por WhatsApp, enquanto os textos foram entregues em papel. As fotografias deveriam ter influência nas obras dos artistas Tom Hunter e Jan Vermeer, demonstrando o cotidiano dos entrevistados através da fotografia. Neste caso, além de entrevistar a pessoa escolhida, perguntando como era o seu dia a dia, eles também tiveram que criar uma fotografia do entrevistado em algum local que remetesse ao cotidiano.

Figura 89 - Entrevista feita por uma aluna sobre o cotidiano de seu irmão



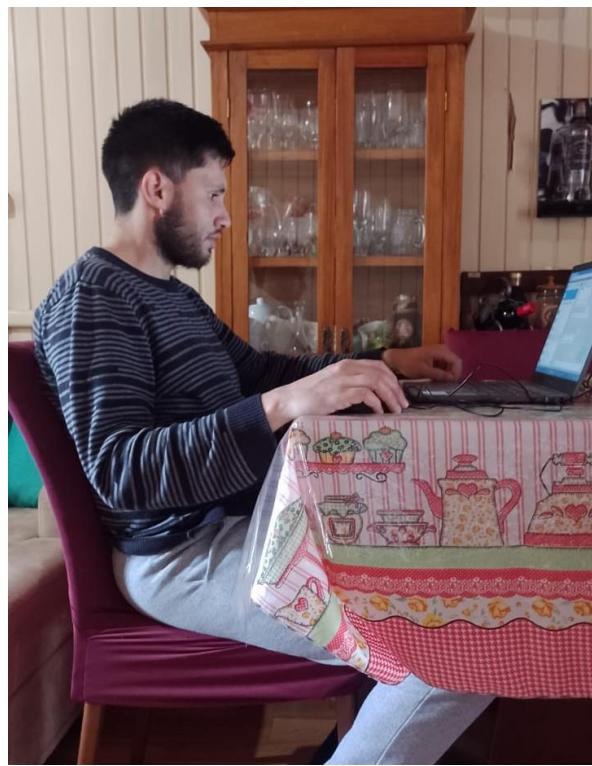
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 90 - Foto feita pela aluna, com o entrevistado sobre o dia a dia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 91 - Foto feita por uma aluna, com o entrevistado sobre o dia a dia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 92 - Foto feita por um aluno, com o entrevistado sobre o dia a dia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Já em continuidade à nossa saída a campo, com uso de aparelhos de celular, eles começaram a explorar a unidade escolar, em duplas ou trios, indo a campo para fotografar. A intenção era, além de usarem os enquadramentos aprendidos na aula anterior, bem como outras técnicas, que eles tentassem captar imagens da escola que estão sempre lá, à vista de todos, mas que nem sempre são percebidas, criando, assim, um novo olhar. Eles poderiam fotografar pessoas (sem que fossem as fotos posadas e, sim, mais naturais) e objetos que estivesse ao redor, de uma forma em que conseguissem explorar a iluminação, o enquadramento etc, pensando na melhor composição. Como apoio, para os estudantes que não tinham celular, foi usada a câmera fotográfica da professora ou que os mesmos realizassem a atividade com os colegas de classe.

Entre as observações que tive durante a realização da atividade, chamou a atenção de que muitos alunos não têm aparelho celular, o que de certa forma atrapalhou um pouco a atividade individual, mas não foi empecilho, já que alguns fizeram em duplas. Orientei que eles, primeiro, explorassem o espaço escolar, tentassem observar os objetos e pessoas à volta e pensassem “fora da caixa”, para depois fotografarem. À medida que eles iam andando pela escola, já iam fotografando. Aliás, registrei apenas alguns momentos porque emprestei meu celular para um aluno que queria fazer a atividade sozinho.

Figura 93 - Saída dos alunos pela escola para fotografar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 94 - Saída dos alunos pela escola para fotografar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

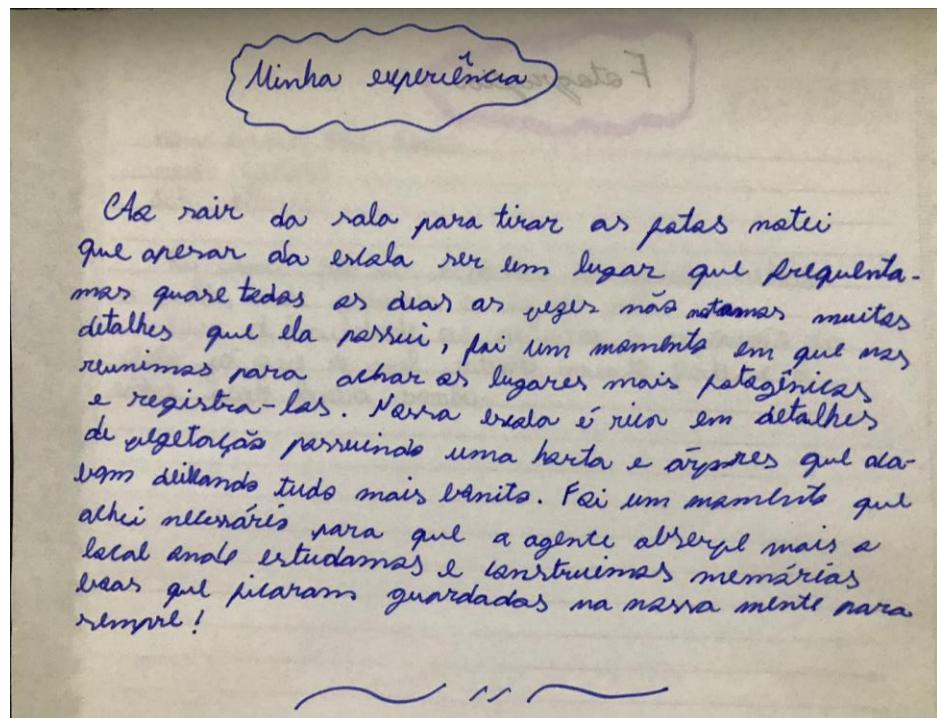
Figura 95 - Saída dos alunos pela escola para fotografar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Ao retornar para a sala de aula, pedi que os alunos escrevessem rapidamente um relato sobre o que acharam da nossa saída e das aulas de fotografia. Os resultados foram os observados nas figuras abaixo:

Figura 96 - Relato 1 sobre a saída a campo



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 8 – Transcrição do relato 1

Relato de uma aluna sobre a saída a campo (conforme figura 95)

“Ao sair da sala para tirar as fotos, notei que apesar da escola ser um lugar que frequentamos todos os dias, às vezes não notamos muitos detalhes que ela possui. Foi um momento em que nos reunimos para olhar os lugares mais fotogênicos e registrá-las. Nossa escola é rica em detalhes de vegetação, possuindo uma horta e árvores que acabam deixando tudo mais bonito. Foi um momento que achei necessário para que a gente observe mais o local onde estudamos e construimos memórias boas que ficaram guardadas em nossa mente para sempre”.

Figura 97 - Relato 2 sobre a saída a campo

6.º B Senador Francisco Benjamin Gallatti
Laura dos Santos Gubato

Relata sobre as fotos

Saímos para tirar algumas fotos
pela escola.

Foi uma experiência muito legal
conhecermos vários jeitos de tirar
fotos ângular, mas a melhor parte
foi a hora que pegamos as
câmeras para tirar fotos e
também conhecemos algumas das
câmeras antigas.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 9 - Transcrição do relato 2

Relato de uma aluna sobre a saída a campo (conforme figura 96)

“Saímos para tirar algumas fotos pela escola. Foi uma experiência muito legal. Conhecemos vários jeitos de tirar fotos, ângulos. Mas a melhor parte foi a hora que pegamos as câmeras para tirar fotos e também conhecemos algumas das câmeras antigas”.

Figura 98 - Relato 3 sobre a saída a campo

Mº Políja

Fotografia

Cu realizo os fotografos percebi que
para uma boa foto não se é necessário uma
boa câmera. Tudo é questão de ângulo,
iluminação e foco.

No máximo dos aparelhos telemóveis,
através de configurações, se é possível ajustar
o ângulo e ter fotos incríveis.

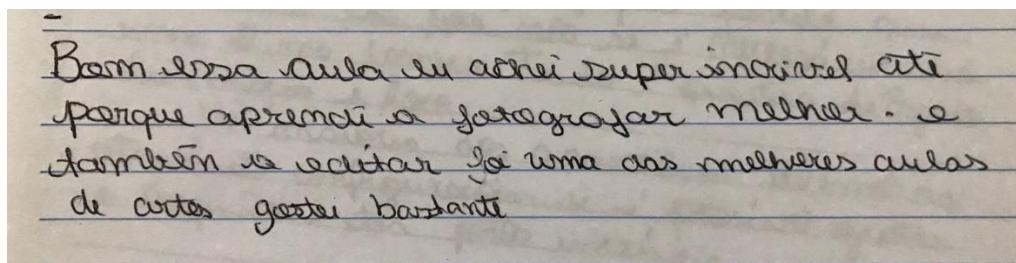
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 10 - Transcrição do relato 3

Relato de uma aluna sobre a saída a campo (conforme figura 97)

“Ao realizar as fotografias, percebi que para uma boa foto não se é necessário uma ótima câmera. Tudo é questão de ângulo, iluminação e foco. Na maioria dos aparelhos telemóveis, através de configurações, se é possível ajustar ângulos e ter fotos incríveis”.

Figura 99 - Relato 4 sobre a saída a campo



Bom essa aula eu achei super interessante até porque aprendi a fotografar melhor. e também a editar. Foi uma das melhores aulas de arte. Gostei bastante

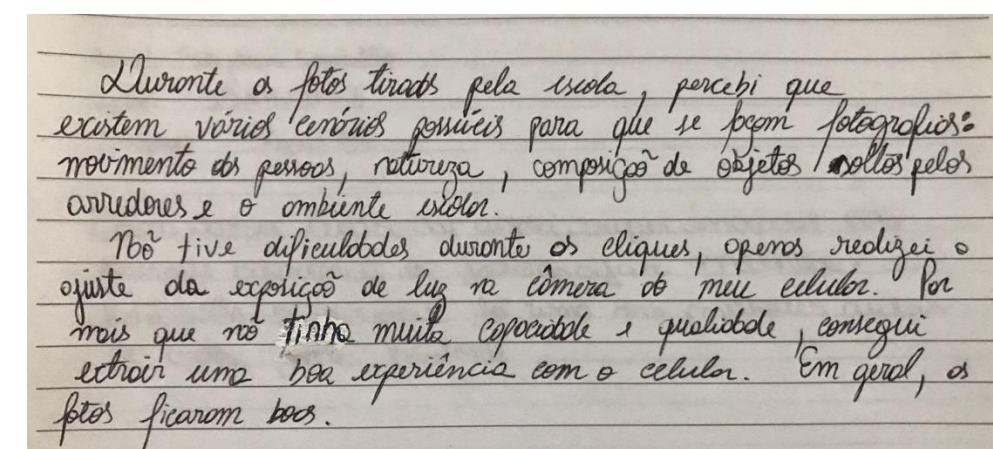
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 11 - Transcrição do relato 4

Relato de um aluno sobre a saída a campo (conforme figura 98)

“Bom, essa aula eu achei superinteressante, até porque aprendi a fotografar melhor e também a editar. Foi uma das melhores aulas de arte. Gostei bastante”.

Figura 100 - Relato 5 sobre a saída a campo



Durante as fotos tiradas pela escola, percebi que existem vários cenários possíveis para que sejam fotografados: movimento das pessoas, natureza, composição de objetos / solos pelos arredores e o ambiente escolar.

Não tive dificuldades durante os cliques, apenas realizei o ajuste da exposição de luz na câmera do meu celular. Por mais que não tivesse muita experiência e habilidade, consegui extraír uma boa experiência com o celular. Em geral, as fotos ficaram boas.

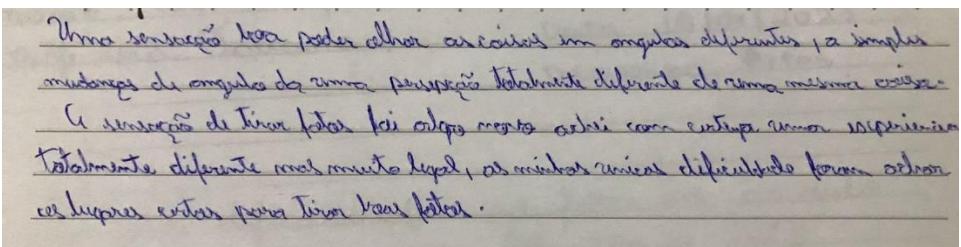
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 12 - Transcrição do relato 5

Relato de um aluno sobre a saída a campo (conforme figura 99)

“Durante as fotos tiradas pela escola, percebi que existem vários cenários possíveis para que se façam fotografias: movimento das pessoas, natureza, composição de objetos soltos pelos arredores e o ambiente escolar. Não tive dificuldades durante os cliques, apenas realizei o ajuste de exposição de luz na câmera do meu celular. Por mais que não tenha muita capacidade e qualidade, consegui extrair uma boa experiência com o celular. Em geral, as fotos ficaram boas”.

Figura 101 - Relato 6 sobre a saída a campo



Uma sensação boa poder olhar as coisas em ângulos diferentes, a simples mudanças de ângulo dão uma percepção totalmente diferente de uma mesma coisa. A sensação de tirar fotos foi algo novo e achei, com certeza, uma experiência totalmente diferente mas muito legal, as minhas únicas dificuldades foram achar os lugares certos para tirar boas fotos.

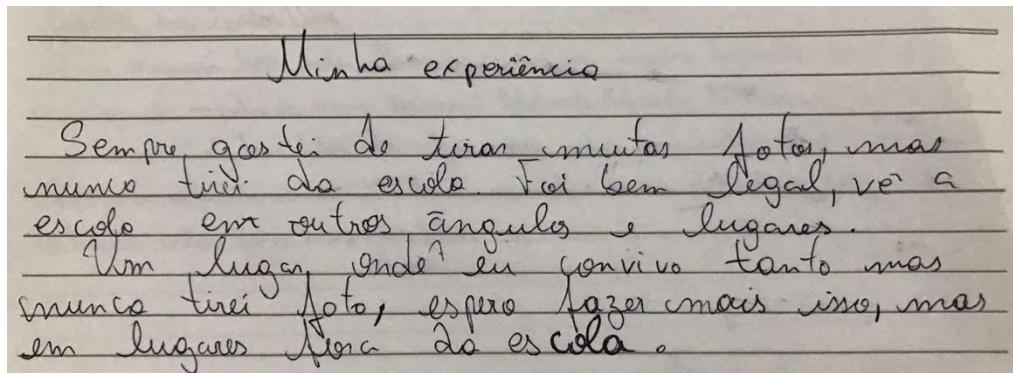
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 13 - Transcrição do relato 6

Relato de um aluno sobre a saída a campo (conforme figura 100)

“Uma sensação boa poder olhar as coisas em ângulos diferentes, as simples mudanças de ângulo dão uma percepção totalmente diferente de uma mesma coisa. A sensação de tirar fotos foi algo novo e achei, com certeza, uma experiência totalmente diferente, mas muito legal. As minhas únicas dificuldades foi achar os lugares certos para tirar boas fotos”.

Figura 102 – Relato 7 sobre a saída a campo



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quadro 14 - Transcrição do relato 7

Relato de um aluno sobre a saída a campo (conforme figura 101)

“Sempre gostei de tirar muitas fotos, mas nunca tirei da escola. Foi bem legal ver a escola em outros ângulos e lugares. Um lugar onde eu convivo tanto, mas que nunca tirei foto. Espero fazer mais isso, mas em lugares fora da escola”.

Nos relatos dos alunos, foi possível notar que a aula prática foi positiva, que eles gostaram e a experiência de procurar novos ângulos também chamou a atenção. Alguns se ativeram à técnica, citando a iluminação, enquadramento e ângulos; outros se atentaram aos detalhes das cenas, buscando um novo olhar sobre algo que está ali todos os dias. Um aluno em específico comentou que a melhor parte foi conhecer e interagir com os equipamentos fotográficos, tanto atuais quanto antigos. De uma turma com mais de 30 alunos, selecionei os relatos que mais chamaram a atenção. De todos, nenhum teve relato negativo.

Enquanto a saída a campo foi produtiva e deu para perceber que os alunos se interessaram pela aula e por explorar os diferentes locais da escola, percebendo coisas até então imperceptíveis, a atividade de entrevista com familiar ou amigo foi aquém do eu que imaginava. Muitos alunos fizeram em cima da hora, não pensaram em enquadramentos, nem no cenário ou iluminação, mesmo com todas as orientações de como poderiam ou deveriam fazer as imagens. Alguns nem mesmo entregaram.

A intenção com este trabalho de entrevista era fazer com que os estudantes

começassem a se interessar pela fotografia, ao mesmo tempo em que aprendessem as técnicas para aprimorar suas imagens feitas por celular, criando imagens sobre o cotidiano das pessoas de seus convívios, o que não ocorreu a contento.

4.3.6 Encontros 11 e 12: curadoria e montagem da exposição

Quadro 15 - Plano das aulas 11 e 12

Escola: Escola de Educação Básica Senador Francisco Benjamin Gallotti

Tema: Escolha das fotografias e montagem da exposição

Conteúdo: Fotografia

Componente curricular: Arte

Turma: 9º ano – ensino fundamental

Objetivo Geral: Selecionar as melhores fotografias para expor em local de grande circulação de pessoas, no próprio ambiente escolar. Montar a exposição das fotografias.

Descrição das aulas: Durante as aulas, os alunos selecionaram as melhores fotografias, num processo de curadoria, para posteriormente montar a exposição de fotos.

Materiais necessários: Fotos impressas, fita adesiva, tesoura.

Avaliação: Os estudantes serão avaliados quanto ao desenvolvimento da atividade.

Referências usadas:

FARTHING, Stephen. Tudo sobre Arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

SONTAG, Suzan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

Descrevendo o processo pedagógico:

Nos dois últimos encontros, os momentos foram de explorar as imagens realizadas por eles e pelos colegas, selecionando as melhores – como um trabalho de curadoria – para, posteriormente, começar a montagem da exposição. Grande parte das imagens foram feitas mais com inspiração das fotografias de Claude Bartho, trabalhado em sala de aula, e os alunos conseguiram explorar a técnica, a iluminação com a mensagem que queriam transmitir. Depois de selecionarem, eles deram títulos às suas obras.

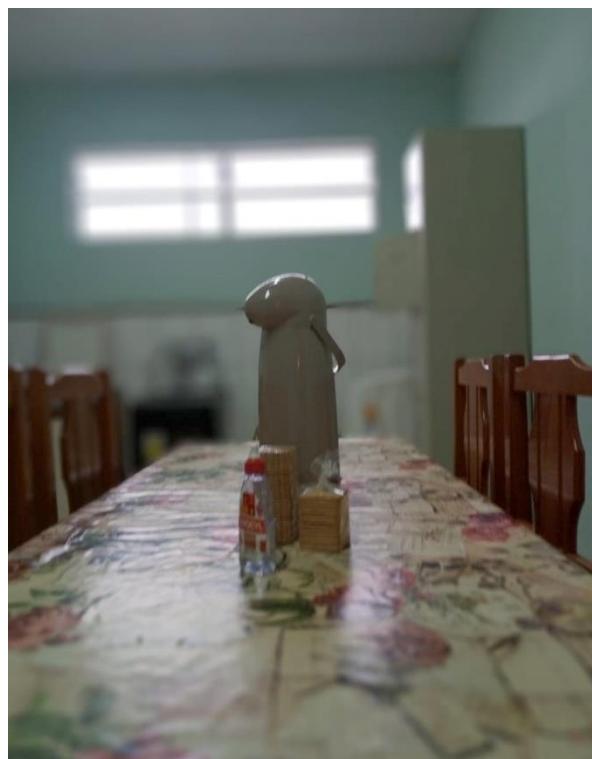
Figura 103 - Fotografia tirada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Como chego?



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 104 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Café dos professores.

Segundo o estudante, inspirada na fotografia de Claude Bartho, A chaleira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 105 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída pela escola. Título: Plantas em reflexos



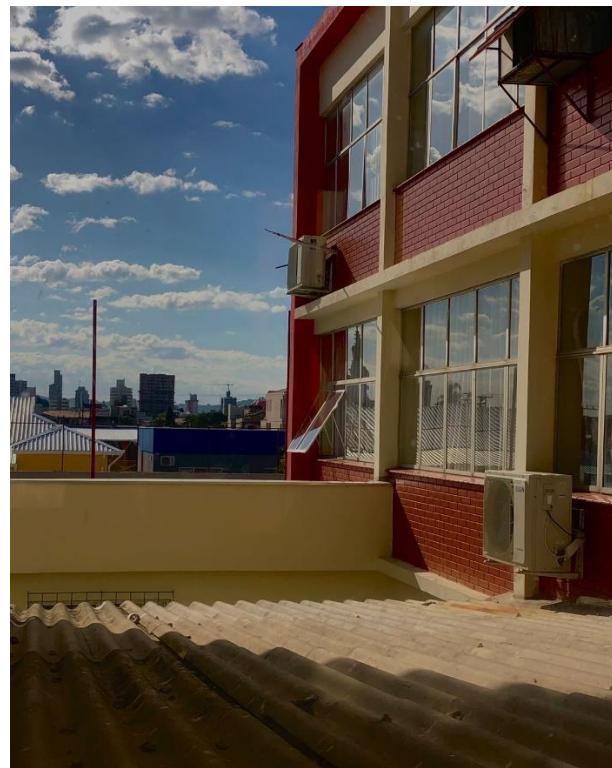
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

*Figura 106 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída pela escola.
Título: Flor de concreto*



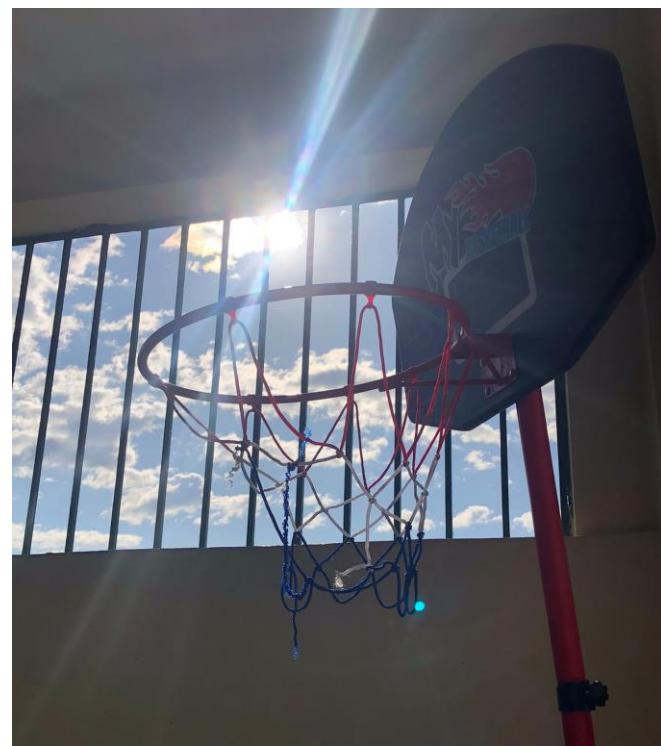
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 107 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída a campo. Título: Da janela



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 108 – Fotografia realizada pelos alunos durante saída a campo. Título: Luz solar



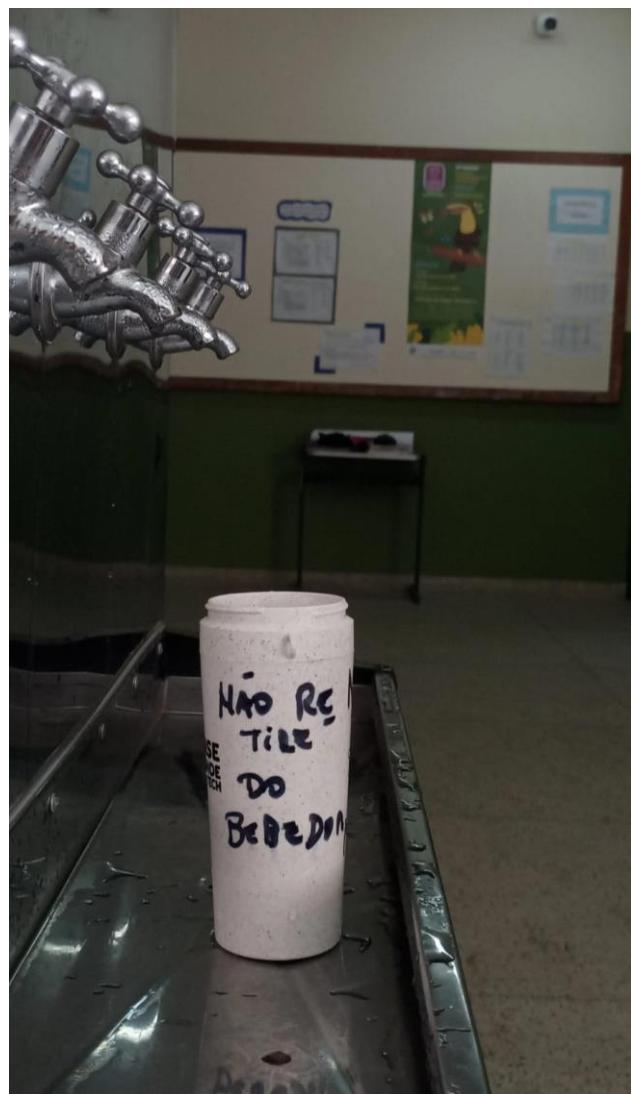
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 109 - Fotografia realizada pelos alunos durante saída a campo. Título: Eis a questão: reflexo ou reflexão?. Segundo o estudante, inspirada na Fotografia de Claude Bartho, A foto do pai.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 110 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: A fonte



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 111 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar.
Título: Leia-me!



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 112 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar.
Título: Natureza emoldurada



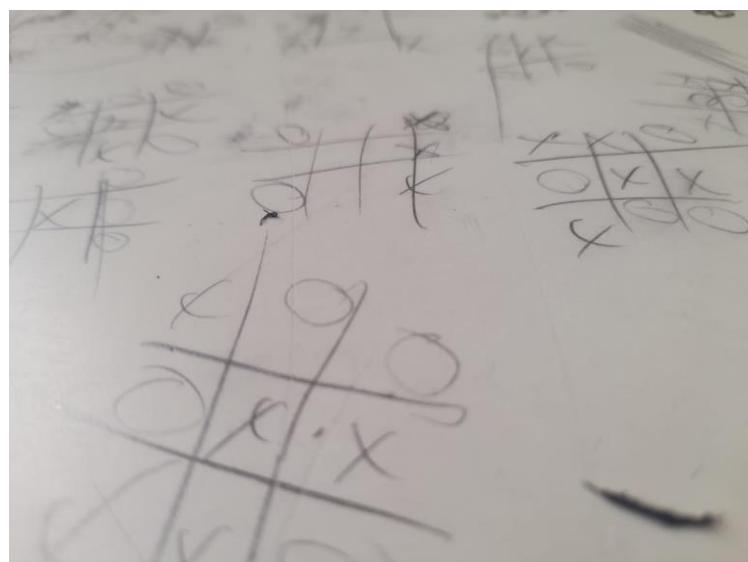
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 113 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: Onde queria estar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 114 - Fotografia realizada pelos alunos no ambiente escolar. Título: Proibido riscar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nesta aula, também foi decidido um local para a montagem da exposição e os estudantes escolheram fazer a mostra no pátio da unidade escolar, onde os alunos ficam durante o recreio, para que pudessem apreciar as imagens. Foram muitas imagens selecionadas e tentamos colocar praticamente todas as que eles escolheram e, de preferência, uma de cada estudante.

Figura 115 - Fotografias dos alunos impressas pela professora



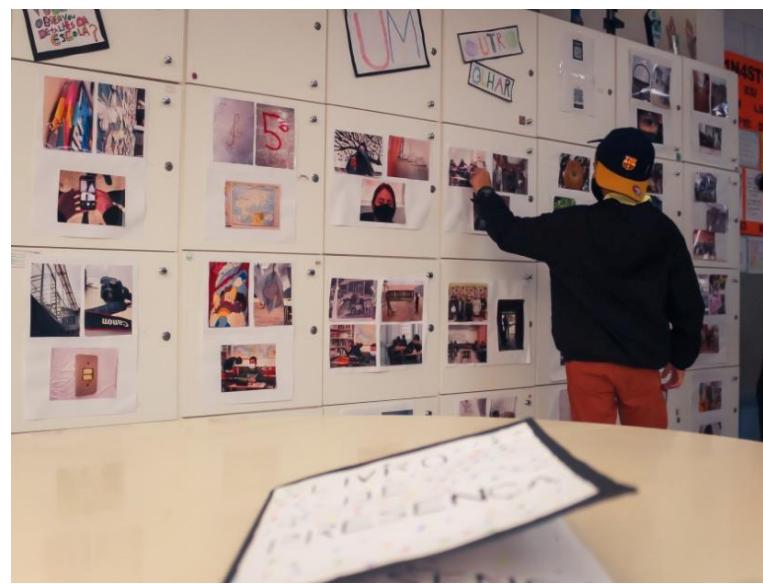
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 116 - Montagem da exposição



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 117 - Exposição de fotografias



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Assim como a ideia era fotografar cenas até então não percebidas no ambiente escolar, o local escolhido por eles foi um armário, que fica no pátio e também

não era percebido. Foi feito ainda um livro de registro de presença, como forma de saber quem esteve no local vendo as fotografias feitas pelos alunos. O nome da exposição foi “Um Outro Olhar”, uma vez que a ideia era tentar retratar imagens até então despercebidas na escola.

Quanto terminamos as atividades, os alunos ficaram extremamente felizes e empolgados por verem as suas fotografias expostas e, mais do que isso, sendo visualizadas pelos alunos de outras turmas e por funcionários da escola, bem como pela comunidade escolar à medida que adentravam no local. As fotografias, por si só, demonstraram o resultado que tivemos: eles conseguiram, a seu modo, captar a essência das coisas ao seu redor sob um outro olhar, ressignificando e transformando o cotidiano em algo que chamasse a atenção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Achei um 3x4 teu e não quis acreditar
Que tinha sido há tanto tempo atrás.
Um bom exemplo de bondade e respeito
Do que o verdadeiro amor é capaz
(LEGIÃO URBANA, 1993).

A minha paixão pela fotografia, meu amor pelo ensino da arte e por ensinar foram os propulsores para que eu chegasse ao fim do mestrado. O caminho foi difícil, em meio a muitos problemas no decorrer de todo o processo, mas desistir não foi a opção. Começo destacando o trabalho do professor, principalmente o da rede pública, que enfrenta situações diferentes em relação aos estudantes, descobrindo os problemas sociais e familiares que muitos deles enfrentam antes de chegarem na escola e encontrarem um alento diante do conhecimento lá transmitido.

Na EEB Senador Francisco Benjamin Gallotti, em Tubarão (SC), a que escolhi para desenvolver a prática pedagógica, diversas situações envolvendo os jovens nos chegam quase que diariamente, como casos de violência doméstica, depressão, desestrutura familiar, alunos acolhidos em abrigos, evasão escolar, entre outros fatores (alguns nem chegam nos docentes), assim como há ainda muitos estudantes provenientes da Venezuela. Também por ser uma das maiores escolas da cidade e por estar localizada numa região central, as diferenças nas condições econômicas e sociais dos alunos são gritantes, se compararmos aqueles que vão para a aula com a última geração de smartphone, com o que compartilha o aparelho em casa com os irmãos.

Esses problemas, que estão no cotidiano dos estudantes, adentram os portões e se estabelecem no ambiente escolar. As diferenças sociais e econômicas são sentidas a cada fala dos alunos, quando dizem não ter condições de comprar materiais de arte, como caderno e lápis de cor, ou quando relatam à professora fatos sobre a moradia precária, conhecidos envolvidos ao tráfico e até mesmo familiares presos. Problemas que se escondem por trás de números divulgados pelo poder

público como se a educação estivesse 100%, abarcados pela quantidade exacerbada de dados que o professor tem que preencher em sistemas – consequentemente, gerando “bons” resultados -, e como se não houvesse tanta diferença social dentro de uma mesma sala de aula.

Com a educação formal, percebemos a importância de uma aprendizagem voltada à riqueza de experiências, mas principalmente na relação de trocas existentes entre os alunos para a aquisição destes conhecimentos. Ao longo dos anos e, atualmente, a educação está se transformando e tem enfrentado a burocratização, com uma carga de trabalho cada vez maior aos docentes e profissionais que atuam na área.

As questões sociais e políticas presentes nas nossas conversas deixam claro que os problemas sociais advém de uma sociedade altamente capitalista, de uma educação burocratizada e um sistema de ensino excluente. A rotina do professor está mais voltada, devido às deliberações vindas “de cima”, para preenchimento de documentos, notas, conteúdos, abastecendo sistemas, do que em elaborar uma aula com qualidade, diferente e que possibilite a transformação da realidade em que o aluno vive. Na minha opinião, o que percebo é que não importa aos governantes formar futuros cidadãos críticos, capazes de buscarem a transformação social, política e econômica. O que eles querem é formar pessoas para o mercado de trabalho capitalista. E, infelizmente, muitos profissionais da educação também não estão preocupados em transmitir um conhecimento capaz de fazer com que os estudantes transformem a própria realidade.

Outro fator que considero problemático no ambiente escolar é a visão que alguns professores de outras disciplinas, equipe pedagógica, direção e até mesmo os alunos têm sobre a disciplina de arte. Muitos acreditam que é “aula de desenho”, de bagunça ou para fazer decoração em datas comemorativas, uma visão que precisa ser superada.

Com a proposta pedagógica voltada à fotografia sob a ótica da PHC, consegui demonstrar que a arte é muito mais do que isso e que é possível, sim, causar transformações no lugar em que vivemos. Claro que, antes de entrar em questões mais profundas a respeito de como o olhar fotográfico pode ser transformador, como professora mediadora tive que relatar, nos primeiros encontros, suscintamente, um pouco da história da fotografia e de que forma ela foi sendo inserida na sociedade, até os dias atuais, bem como o avanço tecnológico. Esse desenvolvimento teórico-prático

sobre a fotografia, presente no primeiro capítulo deste trabalho, foi realizado com base em pesquisas acerca de autores como Benjamin (1987) e Kossoy (2012), que me nortearam ao conhecimento teórico-prático para entender o processo fotográfico na arte e o poder que tem para transformar a realidade, o mundo. Com isso, o ensino da fotografia foi fundamental para mostrar aos estudantes que é possível usar este meio como uma forma de crítica e denúncia e, por vezes, de reflexão, e que isso pode ser percebido através do olhar fotográfico aliado a uma consciência de classe.

Ainda no primeiro encontro, questionei os alunos quanto ao contato com a fotografia e se haviam, de alguma forma, sido fotografados por profissionais em algum momento da vida. A maioria apontou que nunca fora fotografado por profissionais e que a fotografia estava presente unicamente através do uso do celular, o que reflete também as questões sociais – muitos destes alunos convivem em um ambiente familiar cujos salários não comportam a contratação de um fotógrafo para registrar determinados momentos, como aniversários ou ensaios, por exemplo. Posteriormente, seguimos com os principais aspectos da história da fotografia, onde citei os precursores, a transição da pintura para a fotografia e o avanço tecnológico. A ideia era inserir o contexto histórico, apresentando uma síntese das bases históricas da produção da fotografia na sociedade capitalista. Abordei ainda um pouco sobre a vida de obra de alguns artistas, como Rembrandt, pintor barroco mestre da luz e sombra; e Caravaggio, mestre da luz na pintura, também do período Barroco e que expressou forte realismo, cujas obras eram focadas em retratos e autorretratos e que, por sua vez, destacam a iluminação, quase como imagens fotográficas.

Em seguida, pude observar o quanto a história da fotografia era desconhecida por todos os alunos na sala, ao abordar que desde o Renascimento já havia escritos sobre efeitos da câmera escura, bem como ao mostrar a primeira câmera fotográfica, a primeira fotografia tirada, a maior câmera do mundo, entre outros. E que hoje, com o avanço da tecnologia e os celulares nas mãos de praticamente todos, ela está incutida no dia a dia, mesmo sem que percebemos. Por estarmos em meio a uma sociedade composta por imagens e o fato de os próprios alunos fazerem uso da fotografia através do celular todos os dias, foi possível perceber o quanto a imagem está próxima do seu cotidiano. Com essa fala, então, coloquei todos os meus equipamentos fotográficos, antigos e atuais, à mesa para que eles pudessem visualizar, tocar e fotografar. Esse, com certeza, foi o auge da aula, uma vez que muitos deles nunca tiveram contato com equipamentos “caros”, como eles

mesmos adjetivaram. Aliás, poder perceber o brilho no olhar de alguns alunos foi algo que realmente me fez pensar no quanto é importante o papel do professor para a formação de uma sociedade mais crítica, pensante e transformadora. Foi nesse dia, inclusive, que um dos estudantes me perguntou como poderia se tornar fotógrafo e que cursos poderia fazer para se profissionalizar.

Ainda sob a ótica da história e surgimento da fotografia, o terceiro e o quarto encontros foram para pensarmos nos tipos de imagens que nos cercam, o que vemos e como vemos, qual é a mensagem que a foto quer transmitir etc. Através de exemplos e relatos dos próprios alunos, observei que a principal forma de “consumo” dessas imagens que chegam a eles todos os dias é através das redes sociais, pois somente após questioná-los sobre o que viam nessas redes, é que conseguiram exemplificar as categorias de fotografias. Isso demonstrou, por outro lado, o quanto ainda precisam ampliar a visão de mundo para que sejam mais críticos e transformadores. Então, com imagens feitas por mim através do meu projeto Pura Infância, que tem por objetivo abordar as diferenças na sociedade, questionei de que formas poderíamos usar a fotografia para trazer à tona questões sociais, de forma a fazer as pessoas refletirem e de tentar transformar esse mundo que vivemos. Os alunos perceberam, nesse momento, que a fotografia é muito mais do que registrar momentos festivos, como aniversários e batizados, por exemplo, mas que tem o poder de proporcionar um olhar mais profundo e crítico, indicando os problemas sociais e econômicos do meio em que vivem.

Posteriormente, fizemos uma reflexão a respeito do uso exagerado de aparelhos de celular, principalmente, quando nos referimos ao fato de estarmos conectados o tempo todo e queremos ser os primeiros a compartilhar fotos e fatos, quase que no momento exato em que ocorrem. Assim, analisamos uma cena de um filme e uma charge, ambas sinalizadas na prática pedagógica, onde as pessoas estão mais preocupadas em fotografar e filmar determinados momentos, sem a preocupação com o outro. Em seguida, mostrei imagens de fotógrafos como Sebastião Salgado, Claude Bartho e Tom Hunter. Com isso, voltamos a como podemos usar a fotografia como meio de denúncia à condição humana, às questões sociais e luta de classes. Nesse momento, de acordo com os preceitos de Saviani (2021), colocamos em jogo se o ideal seria submeter-se ao que é mais cômodo e à ignorância ou assumir riscos, buscar conhecimento sobre o mundo, sobre a vida e sobre si mesmo e, com isso, tentar transformar a realidade.

Seguindo esse viés, as aulas subsequentes foram relacionadas ao enquadramento e saídas a campo, dentro e fora do ambiente escolar, para que eles pudessem praticar um olhar atento e diferente para o mundo em que estão inseridos. Em contradição, abordamos ainda o cotidiano, como estamos com o olhar muitas vezes habituado às mesmas coisas que não enxergamos os problemas sociais que estão ao nosso redor. Para isso, algumas atividades práticas foram propostas, como fotografar algo da realidade deles como forma de denúncia, inspiradas em Sebastião Salgado; em relatar através de entrevista e imagem o cotidiano de algum familiar, baseados em Vermeer e Tom Hunter; e, depois, com inspiração em Claude Bartho, ao tentarem captar por imagens cenas do cotidiano que estão inseridas e por vezes não percebidas. Por fim, realizamos uma última saída a campo, desta vez com a proposta de fotografar para a seleção de imagens que iriam para a exposição. Notei que a expectativa dos alunos quanto à saída era enorme, pois desejavam colocar em prática tudo o que apreenderam durante as aulas anteriores.

A saída a campo foi dentro da própria escola e a ideia central era captar imagens que não eram percebidas no dia a dia deles, mesmo estando lá, à vista de todos. Então, eles começaram a explorar cada canto do ambiente escolar – pátio, refeitório, biblioteca, corredores, vistas das janelas, salas de aula, entre outros. Como resultado, que me surpreenderam bastante, cenas bem enquadradas, com jogos de iluminação e reflexos e que traziam um outro olhar diante dos objetos presentes no ambiente escolar.

Sistematizei as aulas a partir dos preceitos da PHC, mesmo tendo que dividi-las em contexto histórico, apropriação técnica, discussões acerca de fotografias e fotógrafos e as saídas a campo, entre outros momentos citados na proposta pedagógica, buscando problematizar a realidade sócio-histórica e cultural do estudante com os trabalhos realizados e apresentados por eles e criando momentos de reflexão. Com isso, os estudantes saíram, ao término dessa proposta, com uma outra visão sobre a fotografia, mais profunda e crítica – lá no início, segundo eles, eram usadas para selfies ou em imagens nas redes sociais e, ao longo do percurso, descobriram ser um objeto que pode transformar uma realidade. Isso fez com que a pergunta norteadora desta dissertação - como o olhar sobre a fotografia pode ser desenvolvido a partir de uma proposta pedagógica no ensino de arte? - , de certa forma, fosse respondida.

Claro que este trabalho não para e nem deve parar por aqui, pois muitos questionamentos ainda existem diante do ensino da fotografia sob a perspectiva da PHC. Contudo, fez com que eu percebesse que é possível organizar conteúdos essenciais sobre o tema, a serem transmitidos aos alunos, visando contribuir para um ensino pautado nos pressupostos da PHC. Foi difícil? Sim, já que até o início desse mestrado, a PHC era desconhecida por mim e não me envergonho em dizer que muitas foram as dúvidas ao longo do caminho. Muitas ainda não foram sanadas, e sei que meus estudos serão ainda mais aprofundados sobre a PHC. Mas, dentro da minha capacidade enquanto professora mediadora, tentei possibilitar reflexões e trocas de experiências durante as atividades propostas. Aliás, a intenção enquanto docente é continuar desenvolvendo essa proposta em sala de aula, ampliando ainda mais alguns aspectos da fotografia que não foram trabalhados e atualizando-os quando necessário.

Assim, nestes dois anos de estudos, foi possível compreender um pouco (já que estou sempre em constante busca de aperfeiçoamento) e reconhecer na prática este processo de ensino-aprendizagem, sob a ótica da pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani, em que o professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno, estabelecendo a relação entre os conteúdos e a prática social. Entendo, agora, o quanto é importante a vivência do docente de arte com a fotografia, como forma de promover ao estudante o acesso a este conhecimento dentro do ambiente escolar. Afinal, é na escola que a maioria dos alunos têm acesso aos conhecimentos relacionados à arte, à ciência e filosofia.

Como citado acima, todas as minhas aulas e atividades realizadas nessa proposta pedagógica foram impulsionadas pelas bases teóricas da pedagogia histórico-crítica, que abordei no terceiro capítulo dessa dissertação, tendo como base autores como Saviani (1996), Martins (2021), Fonseca da Silva (2017), Horn (2021) e Souza (2022), entre outros. Além da formação teórica e o conhecimento profundo que deve ter em sua área de abrangência, conforme aponta Saviani (1996), o papel do professor é fundamental também para mostrar aos estudantes como podem transformar a sua realidade, guiando-o para um processo criador. Como professora mediadora nesse processo de ensino-aprendizagem, durante a prática pedagógica, confesso que por vezes me questionei se estava dentro dos parâmetros da PHC, justamente por me focar em questões históricas e técnicas, sem conseguir fazer a intermediação delas em determinados momentos.

Destaco aqui também a importância do planejamento. Selecionei sistematicamente o conteúdo teórico para as aulas, pois os alunos precisavam, antes de mexer na câmera ou celular, ter o conhecimento da constituição histórica, da história da arte e da fotografia, bem como da técnica. Afinal, não basta apenas o estudante apenas adquirir o domínio fotográfico e as saídas. Eles precisam, acima de tudo, questionar, pensar criticamente e ter uma visão ampla de mundo, por isso a importância de se basear na pedagogia histórico-crítica durante todo esse planejamento. Com isso, selecionei um recorte da história da fotografia para transmitir a eles, uma vez que devido ao curto tempo para o desenvolvimento da proposta pedagógica não tinha como abordar toda a história mais profundamente. Assim, confesso que, durante meus estudos e seleção de conteúdo para passar aos alunos, foi me surgindo uma inquietação para aprender ainda mais sobre o tema fotografia. E a vontade de transformar (através da fotografia) meus alunos em agentes criadores, transformadores da realidade em que estão inseridos, foi a pulsão primordial e viva para a finalização deste trabalho.

E essa transformação, ainda pequena – pois há muito o que caminhar -, foi percebida através da evolução dos estudantes durante o processo da prática pedagógica. A fotografia que, num primeiro momento, para os alunos significava apenas as imagens a serem compartilhadas durante o uso dos aplicativos de redes sociais ou as famosas selfies, no decorrer do processo foi absorvida como algo transformador, que pode trazer um cunho social, artístico, de denúncia e transformar a realidade.

No término desta dissertação, a sensação que tenho é de que precisamos, enquanto docentes que prezam pelos seus alunos, nos aprofundar na PHC para nossa prática pedagógica, voltada à mediação, problematização, instrumentalização e catarse. Durante o processo de desenvolvimento da minha prática, foi possível perceber que tanto eu, enquanto pesquisadora, quanto os alunos, conseguimos ampliar nossa relação com a fotografia enquanto arte e transformação, entendendo que sua importância ultrapassa a técnica. Com isso, acredito que eles saíram dessas aulas com um olhar mais apurado para a sociedade, para o que está ao seu redor, para o próximo e para as maneiras de transformarem a realidade em que vivem. Assim, é importante também destacar, de acordo com Saviani (2013), que o homem não nasce pronto, não nasce sabendo ser homem, nem sentir ou pensar ou agir. Isso demanda de um trabalho educativo, onde o saber emerge como resultado do processo

de aprendizagem. E foi o que me propus a proporcionar através deste trabalho, que foi um processo sistematizado e elaborado em sala de aula, criando oportunidades e possibilidades para os alunos produzirem imagens fotográficas com um novo olhar sobre a sua realidade, a sociedade e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Angelo Antonio. Como ensinar? O método da pedagogia histórico-crítica e a aula como unidade concreta de relações sociais. In PASQUALINI, Juliana Campregher, TEIXEIRA, Lucas André, AGUDO, Marcela Moraes (org). **Pedagogia histórico-crítica: legado e perspectivas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: vigilância e resistência da dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIAVATTI, Sandra M. WIELEWSKI, Jacqueline M. O ensino da arte na educação básica e a pedagogia histórico-crítica. In MATOS, Neide da Silveira Duarte de (Org) et al. **O Trabalho Pedagógico nas Disciplinas Escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Armazém do Ipê, 2016.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 de maio 2016. Seção 1, p. 1.

CABRAL, Maria Barros. **Vermeer e a intensa beleza do cotidiano** (E-book). Citaliarestauro.com. 2019.

CALCANHOTO, Adriana. **Devolva-me**. Álbum Público. 2000.

CIVITA, Victor (org). **Os Grandes Artistas Barroco e Rococó**: Tiepolo, Vermeer, Watteau. São Paulo: Nova Cultural. 1991. 2º ed.

CNN Brasil - Portal de notícias. **Brasil tem mais smartphones que habitantes, aponta FGV**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/brasil-tem-mais-smartphones-que-habitantes-aponta-fgv/>. Acesso em: abril. 2023.

CONCEIÇÃO, Rosângela Aparecida da. **Mapeamento Mobile Art: propostas poéticas em telefones celulares: de 2001 a 2010**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86974>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

COSTA, Marisel Estevão. **O uso dos smartphones por adolescentes**: a percepção dos pais. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10440/1/Marisel%20Artigo.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2023.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. **Educação estética: contribuições para pensar a formação de professores de Artes**. Art Research Journal, v. 4, n. 2, p. 78-96, 2017.

GAUTIER, Maria. **Claude Batho**. Portal Aware. Disponível em: <https://awarewomenartists.com/>. Acesso em maio de 2023.

HILLESHEIM, Giovana Bianca Darolt. **Educação Infantil e Atividade Criadora**. Linguagens. Blumenau: Revista de Letras, Artes e Comunicação, 2015.

HOLANDA, Chico Buarque. **Cotidiano**. Álbum Construção. 1971.

HORN, Maria Lucila. **Ensino da fotografia na formação de professores de arte: uma proposta de integração entre técnica, tecnologias, repertório e expressão**. Florianópolis: Udesc, 2021.

HORN, Maria Lucila; PERINI, Janine Alessandra; SILVA, Lucas Prestes da; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. **Ensino de fotografia: um debate sobre a arte e tecnologia na formação docente**, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 3687-3701. Disponível em:

http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S02/26encontro_____HORN_Maria_Lucila__PERINI_Janine_Alessandra__SILVA_Lucas_Prestes_da__SILVA_Maria_Cristina_da_Rosa_Fonseca_da.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

HUNTER, Tom. **Pessoas Desconhecidas**, 1997. Disponível em <http://www.tomhunter.org/persons-unknown/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LEGIÃO URBANA. **Vamos fazer um filme**. Álbum O Descobrimento do Brasil. 1993

LEONI. **Fotografia**. Álbum Leoni Ao Vivo. 2005.

MALANCHEN, Julia. As diferentes formas de organização curricular e a sistematização de um currículo a partir da pedagogia histórico-crítica. In MATOS, Neide da Silveira Duarte de (Org) et al. **O Trabalho Pedagógico nas Disciplinas Escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Armazém do Ipê, 2016.

MARESCA, Sylvain. Um retrato sem rosto. In **Cadernos de Antropologia e Imagem 15**: miscelânea cinematográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995.

MARTINS, Lígia Márcia. **Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico-Cultural**. Disponível em: http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/17122012_texto_-_prof_ligia_marcia_martins.pdf. Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

PASQUALINI, Juliana Campregher. LAVOURA, Tiago Nicola. Diálogos entre a pedagogia histórico-crítica e a teoria da atividade: contribuições para o trabalho educativo. In HERMIDA, Jorge Fernando Hermida (organizador). **A pedagogia histórico-crítica e a defesa da educação pública**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

PEREIRA, Camila Rodrigues. SILVA, Sandra Rubia. **O consumo de smartphones entre jovens no ambiente escolar**. In 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia, 2014. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/gthistoriadamidiadigital_camila_pereira-1.pdf. Acesso em: 15 de maio 2023.

SALAZAR, Manuela. **Mundo Mosaico: a estetização do cotidiano no Instagram**. Curitiba: Kotter Editorial, 2018.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Paralela, 2013.

SANTOS, Juliana dos. **A prática docente na perspectiva histórico-crítica**. In XVI Semana da Educação, VI Simpósio de pesquisa e pós-graduação em educação “Desafios atuais para a educação”. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.uel.br/eventos/semanaeduacao/pages/arquivos/ANALIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/A%20PRATICA%20DOCENTE%20NA%20PERSPECTIVA%20HISTORICO-CRITICA.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2023.

SANTOS, Maria Cristina dos; TURINI, Mateus Henrique. **A organização do trabalho pedagógico como prática transformadora na educação básica.** Porto Velho: Educa – Revista Multidisciplinar em Educação, 2022.

SAVIANI, Demerval. **A pedagogia histórico-crítica e a defesa da educação pública.** in HERMIDA, Jorge Fernando (org). **A pedagogia histórico-crítica e a defesa da educação pública.** João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

SAVIANI, Demerval. DUARTE, Newton. **Conhecimento escolar e luta de classes: a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie.** Campinas: Autores Associados: 2021.

SAVIANI, Demerval. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica.** 11^a ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11^a ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SONTAG, Suzan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SOUZA, Thalita Emanuelle de. **A fotografia no ensino da arte: um estudo a partir dos pressupostos da pedagogia histórico-crítica.** Florianópolis: Udesc, 2020.

UOL Portal de Notícias. **O antigo segredo da moça lendo uma carta na janela.** Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-antigo-segredo-da-obra-moca-lendo-uma-carta-janela.phtml>. Acesso em: abril. 2023.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência.** Campinas,SP: Autores associados, 1988.